GALERIA

DE

VARÕES ILLUSTRES

DE PORTUGAL

—

N.º 1

Amores e desventuras
p. 57

LUIZ DE CAMÕES

GALERIA
DE
VARÕES ILLUSTRES
DE PORTUGAL

POR

J. M. LATINO COELHO

VOLUME I

LUIZ DE CAMÕES

DAVID CORAZZI-EDITOR

EMPREZA-HORAS ROMANTICAS

40-Rua da Atalaya-52

LISBOA

LISBOA — IMPRENSA NACIONAL — 1880

O momento solemne em que se trata de commemorar, por maneira condigna e grandiosa, o centenario do Camões, do sublime cantor a cujos carmes os grandes heroes e os grandes feitos da nação portugueza devem a fama e a immortalidade, é por certo o mais opportuno para encetar uma publicação destinada a biographar e celebrar as mais illustres individualidades da nossa patria.

Quando uma nação como Portugal conta na historia do seu passado vultos de grandeza epica, como D. Henrique, o infante, que lhe deu a preeminencia da sabedoria entre as nações contemporaneas, Affonso de Albuquerque, que lhe acrescentou os dominios com a vastidão de nada menos que um imperio, Fernão de Magalhães, o primeiro que circumnavegou a terra, Vasco da Gama, que ensinou a senda por onde a humanidade como que havia de recompor-se e completar-se pela fusão de duas civilisações, a do occidente e a do oriente, e finalmente quando conta um Luiz de Camões, que n'um poema immortal, — poema que pela lingua pertence á patria e pela idea pertence ao mundo, — lhe celebrou os feitos, lhe immortalisou os heroes, lhe consagrou

a nacionalidade, esta nação contrahiu para com os seus vultos uma divida que nunca se acaba de pagar, a da gratidão e respeito, e para com o mundo uma obrigação, a de tornar bem patente o culto de heroes que tambem ao mundo pertenceram pelo arrojo e sublimidade das suas emprezas, com as quaes a humanidade lucrou, progrediu e se elevou.

Os exemplos de sciencia, valor e virtude, não são para se esquecerem, antes para se repetirem, para se apregoarem, para se celebrarem. O infante D. Henrique, Pedro Nunes, João das Regras, padre Antonio Vieira, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, Affonso de Albuquerque, Nuno Alvares Pereira, marquez de Pombal, foram, uns, exemplo de sciencia, outros, de virtude; uns primaram pelo valor nos campos da batalha, outros foram modelo de valor civico, pois já com a penna já com a acção ou com a palavra, combateram os abusos, defenderam as nobres ideas, propagaram os uteis principios.

A Galeria de varões illustres de Portugal é uma publicação destinada a contribuir para o pagamento da divida de gratidão da patria reconhecida, commemorando nos

seus volumes os epicos feitos, os altos engenhos ou as sublimes dedicações dos grandes homens de Portugal, que no passado deram a este paiz um renome e uma gloria que já nem a acção do tempo, nem as catastrophes da sorte, nem as invejas alheias pódem escurecer ou destruir.

Para obra tão portentosa e de tamanha responsabilidade requeria-se um escriptor que pelo seu engenho, erudição e brilhantismo podesse dar aos diversos themas de que a nossa Galeria se compõe o estylo sublime com que os sublimes assumptos se devem sempre celebrar. Taes predicados são incontestavel apanagio da alta individualidade litteraria do illustre academico o ex.mo sr. J. M. Latino Coelho, cujo nome á frente dos diversos volumes de que se compõe a Galeria de varões illustres de Portugal, constitue a recommendação mais valiosa que se nos podia offerecer em favor da nossa importante publicação.

Em rasão dos altos intuitos commemorativos da Galeria de varões illustres encetou-se a sua publicação com o presente volume.

O EDITOR.

LUIZ DE CAMÕES

CAPITULO I

INTRODUCÇÃO

> Esta he a ditosa patria minha amada.
>
> *Lusiadas,* III, 21.

Quando um povo intenta mostrar ao mundo quaes são os titulos, que lhe asseguram o direito á independencia, não é apontando na carta as suas fronteiras e allegando a existencia material, que póde nos amigos excitar o respeito da sua liberdade e conter nos cubiçosos os impulsos da ambição.

Não lhe basta ser apenas uma fortuita aggregação de homens consociados para mais commodamente subsistirem no estreito circulo de uma vida sem nome e sem reflexo. É preciso que na seiva da nação exista insufflado e vivacissimo o bafejo, que um espirito alimentado de uma idéa, de uma tradição e de uma gloria, lhe esteja animando

o corpo sem cessar. É forçoso que os seus feitos lhe assignalem logar illustre no presente contubernio das nações, e attestem que esse povo, cooperando efficazmente na progressão da humanidade, é necessario ao concento e harmonia do mundo civilisado.

Não é pois porque tem riscados no mappa desde seculos os limites convencionaes do territorio, que Portugal mantem a sua independencia e soberania. Sobre as fronteiras dos povos, que já nada representam na historia ou no presente, vôa, arrasando-as como um tufão, o gladio impetuoso do feliz conquistador. Contra a vitalidade puramente physica dos povos, sem fastos e sem raizes na historia do progresso universal, prevalece a doutrina fatal e inevitavel das nacionalidades grandes e poderosas, e da união das raças e das familias ethnographicas sob a mesma dominação. Quando as nações têm apenas um organismo, sem ter o sopro e a inspiração, que o possa vivificar, quando são apenas corpo e não espirito, a ambição dos extranhos potentados passa por sobre ellas esmagando-as, como a charrua do agricultor, ao abrir o sulco direito, vae truncando e escondendo as hervas humildes e rasteiras.

A gloria das emprezas immortaes ainda illumina a fronte das nações, quando tem já pendentes e enferrujadas nos tropheus e nas panoplias, as armas, com que venceu e conquistou. A luz, que a espada ainda refulge, fascina com sua deslumbrante claridade, quando o braço, que a vibrou, jaz inerte e cansado para a victoria.

É honra e interesse dos povos, que foram grandes, venerar as suas memorias. N'ellas está como que cifrada a acropole ideal, que as defende e presidía contra a insolencia e cubiça dos extranhos. Ellas dão animo, vigor e esforço sobrehumano nos trances mais acerbos, em que a patria invoca e appellida em seu amparo e defensão a todos os seus filhos extremosos.

Em dois nomes está resumida principalmente, a vida e a essencia de Portugal: o Gama e o Camões. N'um feito sem exemplo, e n'um poema sem modelo. Estes são os gloriosos abonadores da nossa independencia e liberdade. Mas honrar o Camões é igualmente venerar os heroes, que elle cantou.

Sagremos, pois, ao epico immortal o preito da nossa admiração e saudemos nos *Lusiadas* ao mesmo tempo o estro divino, que dictou as suas strophes, e a gloria nacional, que as inspirou.

O poema é a historia de Portugal gravada em laminas de bronze para assombro das nações. O poeta é a propria nacionalidade incarnada n'um só homem, respirando um só espirito, e soltando por uma só bôca as expansões da sua gloria.

Nenhum povo, ou nenhum homem jámais houve no mundo, que depois de levantado ás mais altas eminencias da gloria e do poder, não viesse a espiar na humilhação e decadencia as jactancias da fortuna e as soberbas da victoria. Parece que aos laureis, de que se tecem as corôas immortaes, já vêm desde o principio entresachados os espinhos, para que as frontes, que se afiguram divinas pela gloria, mostrem que são humanas pela dor.

Elevam-se em vôos desassombrados os Cesares e os Bonapartes até onde não ha já mais alturas que subir. E quando lhes parece que têm de sua mão o orbe inteiro para com elle jogar a seu talante os lances da ambição, vem a fortuna demonstrar-lhes que é ephemero e fugaz o seu favor.

Levanta-se desde humillimo berço em burgo estreito a ser metropole e arbitra do mundo a vangloriosa Roma. Enlaça aos seus magnificos destinos a sorte das nações. Passeia as suas legiões e as suas aguias desde o Tibre até ás paragens mais

remotas. Delega os seus proconsules para que vão governar nas terras de Asia e de Africa, onde floresceram arrogantes as mais illustres monarchias e as mais antigas civilisações.

E quando ainda refulge a estrella do povo conquistador, já lá vem descendo das terras boreaes a torrente que, avolumando-se com o tempo, adensando-se com a successão veloz de novas migrações, tornando-se por fim impetuosa, vem um dia trasbordar dos Alpes e anegar e subverter com a velha cidade quiritaria o imperio e senhorio d'esta gente, que a si mesmo se chamou *populum latè regem,* o povo largamente rei, dominador.

Onde está hoje Roma, a grande, a vencedora, a immortal? A Roma severa de Paulo Emilio e dos Scipiões, a Roma ambiciosa de Julio Cesar e de Pompeio, a Roma devassa de Caligula e de Nero? A Roma, que diffunde ao mesmo passo por toda a terra a depravação dos seus costumes, e a gloria das suas instituições? Lá está junto do Tibre uma cidade, cuja grandeza reside nas ruinas, cuja vida está cifrada nas tradições. Algumas pedras, alguns letreiros, um nome, e nada mais. O tumulo de um gigante, mas tumulo deserto e derrocado.

A lucta pela existencia é a lei fundamental da natureza e da historia. A vida aperfeiçoa-se e progride com a propria destruição dos antecedentes organismos. A civilisação accrescenta-se e melhora-se, quando brota das ruinas de antigas civilisações. Nos dominios da natureza ha sempre um organismo, que a todos antecede na excellencia e no vigor. Nas regiões da humanidade ha sempre uma raça, uma nação, que a todas leva a palma no arrojo das emprezas e nos quilates da valia. Mas a especie, que n'uma dada conjunctura, durante uma evolução lenta e progressiva, mais se approximava ao archétypo ideal da perfeição, lá chega um dia, em que já como fórma obsoleta, antiga, incompativel com as externas condições da natureza, desapparece finalmente, deixando sepultadas suas memorias no seio da terra, em que viveu. Assim tambem o povo, que um dia foi preexcellente, diriamos eleito, para exercer o principado moral entre as mais gentes, virá forçosamente a decaír, cedendo o seu primado glorioso a alguma nação ha pouco obscura.

Em berço quasi ignoto nasce o povo predestinado, como a arvore gigante, que hoje entesta com as nuvens, e teve por incunabulo uma cellula invisivel. Ergueu-se, avultou, cresceu, agigantou-

se. Commetteu uma empreza gloriosa. Sagrou ao bem commum da humanidade um principio novo, um novo aspecto de grandeza e civilisação. A gestação de uma grande idéa é quasi sempre funesta á nação, que lhe serviu de mãe. As emprezas gloriosas e immortaes deixam depois de commettidas o braço sem vigor e o animo sem brio para novas e mais brilhantes ousadias. O heroe — individual ou collectivo — é sempre como nas lendas mythicas da Grecia, um personagem tragico, fadado pelo destino irrevogavel a pagar a preço doloroso o ter excedido por algum tempo a estatura commum da humanidade. O desenlace da gloria foi sempre no mundo uma dura e cruel expiação. Quando a fortuna está sorrindo, tem já escripta e chancellada a revogação dos seus favores. Tem Hercules por epilogo das suas façanhas a tunica de Nesso; Achilles a frecha do troiano. A Cesar e a Augusto, que fundam e consolidam o imperio universal, respondem Attila e Genserico; á torrente das victorias imperiaes na França gloriosa e dominadora o diluvio de revezes na França vencida e humilhada.

Parece que a natureza se affronta e se assoberba com a grandeza sobrehumana dos povos e dos heroes. Tenham uma vez o poder, a gloria, o pri-

mado, o senhorio, mas que na sua mão não possam nunca envelhecer. Que sejam como estas estrellas temporarias, que apparecem no firmamento e crescem e fulguram, para que em breve trecho vão perdendo a intensidade luminosa, e a final deixem vasio como d'antes o logar. Commettam e acabem emprezas maravilhosas, mas, como o heroe thebano, vistam fatalmente a perfida roupagem do centauro. Dominem soberanos, irresistiveis, durante largo tempo vencedores nas paragens mais remotas e alongadas, com os Gamas, os Albuquerques, os Pachecos. Mas tenham a dois passos do seu solar a rota de Alcacer-Kibir, e dentro da propria casa e torrão patrio as hostes do duque de Alba, — a lastima e a deshonra da extranha dominação.

Tal foi Portugal na sua grandeza, tal foi no seu occaso. Nunca em breve e quasi obscuro territorio nasceram e se crearam, como no estreito solo portuguez, mais ambiciosas aspirações, nem brios mais audazes e desconformes á grandeza, não ao esforço varonil de uma nação. De um condado hespanhol, ligado por vinculos feudaes á coroa de Leão, brotara um povo livre, independente, logo desde a infancia mal soffrido de extranho jugo e sujeição. Como quem desde o

berço viera ja fadado não a render homenagem a suzeranos na terra das Hespanhas, senão a intimar vassallagem e tributos a potentados e monarchas em novas e apartadas regiões.

O seu primeiro caudilho é um soldado aventureiro, que de longe vem aos extremos confins da Europa occidental em busca de cavalleirosas aventuras nas requestas frequentes de christãos com os mahometanos invasores. Nem a patria se lhe sabe, ignora-se a familia. Quasi disseramos que a Portugal, que havia de ser nação conquistadora, coubera como a Roma por destino o ser fundado por um temerario forasteiro, cuja historia se esconde em grande parte no espesso nevoeiro da lenda romanesca ou mythologica. Ao conde Henrique, ainda vassallo nominal do leonez, succede o filho, mais ousado e feliz na porfia sanguinosa contra o mouro. Circumda-lhe o throno desde o começo o favor celeste, e a consagração miraculosa demonstrada na apparição do Redemptor. A sua chronica entretece-se de mythos. Os portuguezes denunciam desde logo na grandeza dos principios, que attribuem á sua modesta, mas vigorosa nacionalidade, o quilate das suas ambições, e o grau, em que se julgam predestinados para invenciveis e poderosos domina-

dores. Ao leonez basta apenas para santificar-lhe as batalhas contra o Islam, que o apostolo da Hespanha appareça cavalgando o corsel branco, guiando as temerosas remettidas contra a gente musulmana, e tingindo no sangue de Ismael o gladio flammeante. Á phantasiosa arrogancia do portuguez, já não é proporcionada a brilhante apparição do bemaventurado paladino de Clavijo. Venha Christo em pessoa, refulgente de luz e divindade, visitar no arraial de Affonso Henriques o christão aventureiro, e redobrar-lhe o esforço e o brio, e infundir-lhe com a dextra omnipotente a certeza da victoria. O reino de Portugal será a monarchia dilecta do divino Crucificado. O seu brasão e o seu emblema será, dada por Deus, a propria insignia da redempção. A cruz já outros a tomaram por divisa. Tenha pois a nascente monarchia por stemma divino as cinco chagas. Esta ascendencia milagrosa sempre em sua piedosa credulidade a tiveram em grande preço os nossos portuguezes de outras eras: Tão alto levantavam o seu proprio conceito e reputação, que as raizes do seu poder e senhorio no céo, e não na terra, se gloriavam de as firmar.

Entre o clangor das armas se fundou, cresceu

e se foi educando desde o berço o novo Portugal. Avigora-se o esforço portuguez na guerra contra o bravo sarraceno, que em boa parte da terra lusitana assentara por conquista a sua morada. Desde Affonso Henriques até Affonso III, a vida nacional é cifrada principalmente na peleja tenacissima, incessante, sanguinosa contra os guerreiros do islamismo. A nação cresce e toma vulto entre os estados da Peninsula ao compasso das emprezas, com que vae dilatando o territorio, reconquistado heroicamente aos invasores. Portugal é essencialmente batalhador e bellicoso. As suas feições moraes reproduzem fielmente a sua indole guerreira, insoffrida, ambiciosa. Para as artes da paz e para o trato das letras e sciencias, qual o consentia a rudeza e barbarie medieva, não lhe deixa ocios prolongados o officio das armas, que professa por necessidade e vocação. Durante os cinco reinados, que antecedem a pacifica e florente monarchia de Diniz, a historia de Portugal resume-se n'um feito capital, continuado, perseverante por dois seculos de esforço e valentia: a successiva expulsão dos musulmanos. Quando na terra portugueza não ha já uma só povoação, um castello, uma atalaia, onde fluctue aos ventos o guião dos agarenos,

ainda o restante das Hespanhas, onde regem e batalham reis christãos, dá guarida segura aos sectarios do Al-Korão. A cultissima e poderosa monarchia de Granada ainda ali está no cumulo da sua magnificencia e esplendor, e ainda terá de esperar que mais de dois seculos depois a fortuna dos reis catholicos lhe annuncie que é terminada finalmente a dominação dos arabes na Hespanha.

Quando o successor de Affonso III empunha ao mesmo passo o sceptro e a lyra, como que para consociar fraternalmente a cultura intellectual e a renovação da sociedade, a nação está já consolidada. Já não ousam os musulmanos cursar, em novas algaras e gazúas, a terra portugueza, nem o rei castelhano se lembra de invocar a sua feudal supremacia sobre um povo, que comprou com o sangue a liberdade, com as victorias a terra, que povôa. Desde então as fronteiras portuguezas estão na carta da Europa definidas como hão de permanecer, immutaveis e sagradas no decurso dos seculos vindouros. Sómente a Portugal coube o raro condão e privilegio de ter quasi desde a infancia o mesmo corpo, a mesma lingua, a mesma raça, a mesma unidade nacional. A dois passos do seu berço já se amostra varonil. Sómente em nossa patria póde

cada seu natural e cidadão, no burgo mais illustre, ou na povoa mais obscura, affirmar seguramente que portuguezes foram tambem seus remotos avoengos, e que o lar, a que se aquenta, e a herdade, que cultiva, não foram profanados de forasteiros inimigos, salvo em breves e bem vingadas invasões. Aqui póde gloriar-se cada um de que desde seculos não caíu em extranha dominação a terra onde repousam as cinzas de seus avós. Nem conquistámos, nem perdemos. Soubemos conservar a gleba herdada, sem inveja nem cubiça de alheios e vizinhos territorios.

E era certamente providencial e necessario que assim fosse. Cumpria a Portugal ser modesto na Peninsula, porque lhe estava apparelhado por destino glorioso o expandir para longe os brios cavalleirosos de nação. Desde que fixou de vez os seus limites e talhou no mappa das Hespanhas a zona occidental, que lhe havia de servir de patrio ninho, não andaram muitas vezes remissos os povos comarcãos em tentar de novo a sujeição e a conquista do nosso breve, mas sagrado territorio. Lidámos em pelejas desiguaes, mas com propicio Marte, por defender e amparar a terra portugueza. Remetteu por vezes contra nós o indomito leão, e outras tantas soubemos soffrear-lhe

a ousadia. Herdavam-se então os reinos e principados como casas e morgados particulares. Decidia-se pelo enlace dos potentados o destino das oppressas populações. Adormecia livre e independente uma nação, e pela clausula de um contrato nupcial acordava acorrentada á humilhante dominação de um extranho ambicioso, e perdia pelo sacrilego direito da herança dynastica o direito sacratissimo da patria.

Tal era a situação de Portugal, quando o *fraco rei, que fizera fraca a forte gente,* o que mais teve de formoso que de heroe, deixou a herança de Portugal entregue á cubiça do castelhano. Era força, segundo as absurdas concepções do direito publico n'aquella edade meio-barbara, que Portugal accrescentasse mais um quartel ao escudo de Castella. Pelo direito de herança passara Guilherme, o bastardo, á Inglaterra, e convertera n'uma conquista normanda a monarchia saxonia de Eduardo, o confessor. Não era porém de portuguezes o esconder a sua bandeira no cesto das alfaias e diches feminis de uma princeza, casada com extranho potentado, nem consentir que os levassem a abjecto e alheio jugo, como rezes comprehendidas no dote de uma mulher.

Portugal indigna-se, levanta-se, arma-se, com-

bate e vence finalmente. Com a victoria assella o glorioso pergaminho da sua nacionalidade. Precisa de um supremo chefe. É n'um bastardo valoroso que recae a sua escolha, como que para assegurar solemnemente que o direito hereditario é vão e contemptivel diante da suprema vontade e soberania da nação. A guerra contra os castelhanos, para sempre memoravel pela batalha de Aljubarrota, é o grande feito nacional na vida da gente portugueza, emquanto se contém no resumido theatro do seu parco territorio peninsular. A epocha de D. João I é o ponto, em que a nossa nacionalidade tem chegado á sua perfeita maturação, e em que o povo, irrequieto e mal avindo com os ocios e as delicias da paz, vae buscar fóra do lar domestico, por caminhos nunca de outrem já lustrados e em emprezas aventureiras, novos mares e novas terras, que descobrir e dominar. Portugal já completo e varonil, braceja impaciente para alem dos cerrados horizontes europeus. Termina então a que poderiamos appellidar a vida organica, e principia a vida animal e de relação.

Emquanto os potentados e senhores estão exhaurindo em luctas fratricidas o vigor no seio da christandade, sem ao menos suspeitar que ha

mundo alem das fronteiras europeas, está o pequeno Portugal traçando a empreza mais brilhante, e a poder de heroica perseverança, levando ao cabo os seus descobrimentos de alem mar. Principia guerreando na Mauritania, e acaba o primeiro acto do seu drama guerreiro e navegador pela ousada expedição de Vasco da Gama.

Portugal, que até então se constituira para si proprio, vae agora servir a humanidade e abrir a edade moderna e a civilisação novissima por um d'estes feitos immortaes, que podem evocar de novo aos cantos epicos a emmudecida tuba da epopea.

CAPITULO II

OS PRIMEIROS TEMPOS DO CAMÕES

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo, logo me fizeram
> Estrellas infelices obrigado.
>
> CAMÕES, *Canç.* XI, 3

E a tuba respondeu com os accentos bellicosos e canoros á maxima façanha. A Europa teve ao mesmo tempo um feito grandioso e um poema admiravel: a India e os *Lusiadas;* dois egregios portuguezes, a quem naturalisar e ennobrecer como cidadãos da humanidade: Vasco da Gama e Luiz de Camões. Estes dois nomes resumem Portugal e a sua gloria.

Para cantar os grandes feitos, a que os portuguezes se tinham audazmente abalançado, cumpria que a inspiração levantasse o espirito de um homem, o qual na indole, no genio, na paixão, nas circumstancias singulares da sua existencia roma-

nesca, fosse como que o transumpto e a miniatura da nação. Portugal era o grande e generoso aventureiro, que durante largos annos, cursando as terras africanas e os mares orientaes em busca de heroicas e temerarias aventuras, quasi podera appellidar-se o andante cavalleiro da nova civilisação. Camões, reflectindo intensamente a mesma luz, que allumiava a sua patria, tendo como ella os mesmos brilhantes predicados, igual amor das emprezas cavalleirosas, os mesmos quilates de valor e bisarria, os mesmos brios de soldado, era o cantor predestinado a enfeixar n'um unico tropheo as suas e as glorias da nação.

Donde veio? Onde nasceu? De que lume derivou o sacro fogo e a quasi divina inspiração, que exalçou a sua mente acima dos maximos engenhos, que antes d'elle haviam ennobrecido as musas patrias? Ninguem ao certo o póde asseverar. Nasceu em Lisboa? Em Coimbra? Em Santarem? Cursou em Coimbra as humanidades e as sciencias renovadas no seu tempo com a salutar influição de extranhos professores e de eruditos nacionaes, que tivessem, como os Gouveias, respirado em plena Europa culta o purissimo ar da Renascença? Aprendeu em escolas regulares o vario e selecto saber, em que primou, ou teve

como tantos outros homens eminentes por mestre o proprio genio, por livro a natureza, por universidade o infortunio? Ninguem o sabe ao certo discriminar.

A vida do Camões envolve-se na penumbra, que circumda na antiguidade os grandes genios. Como que a natureza se compraz e delicia em deixar mal desenhados, nebulosos, indecisos os contornos d'estes vultos gigantes e singulares, que se poderiam com rasão cognominar os milagres da humana geração. É que os genios não têm, não precisam ter biographia. Vivem e consubstanciam-se na patria e na humanidade. A sua vida chama-se pensamento. A sua transfiguração chama-se gloria. Que nos importa, onde no berço os embalou infantes a piedade maternal? Os genios não têm patria na accepção estreita e mesquinha do vocabulo. Fel-os a natureza cidadãos da humanidade. Deixemos a biographia para os pequenos e mediocres. Para os grandes da intelligencia basta-lhes o nome, as obras, a voz universal, que os levanta e canonisa acima do vulgo dos mortaes.

Se alguem podera evocar a sombra majestosa do poeta e como o Gama ao Adamastor, interrogal-a com o imperativo *Quem és tu?* E inquirir-lhe: «Onde nasceste? Dize, que sobre isto con-

tendem os teus biographos. Onde viveste até que te alistaste como soldado de fortuna? Dize, que n'este ponto lidam enredados os teus commentadores. Quem era essa mulher, que tu cantaste sentido e mavioso nos teus carmes amorosos? Dize, que d'esta duvida se lastimam os teus interpretes.» Quem sou? Diria o vate mais anojado porventura que o gigante do cabo tormentorio:

com voz pezada e amara
Como quem da pergunta lhe pezara

«Quem sou? Dei-te os *Lusiadas,* e perguntas d'onde venho? Dei-te n'um grandiloquo poema o meu espirito, a minha alma, o meu enthusiasmo de poeta, a minha devoção de portuguez, os meus brios de soldado, e ainda queres saber miudamente em que lances e aventuras, em que illusões de amor e de fortuna passei a vida carnal e temporaria, em que logar surgiu á luz o punhado de terra do meu corpo, e em que ponto se escondeu a cinza d'este fogo immortal, que me queimou? A existencia em brevissimos termos a hei cifrado. Servi a patria com a espada, cantei-a com o meu plectro. Amei como sabem sómente amar as almas de eleição. Padeci, como só podem padecer os genios, a quem a Providencia faz pagar a usuras

com os tormentos de uma vida mesquinha e amargurada o monstruoso privilegio da sublime inspiração.» E Camões foi poeta, soldado, aventureiro, amante, naufrago e desditoso. Douraram-lhe a fronte os raios de todas as glorias. Abrumaram-lhe o coração os espinhos de todos os infortunios. Morreu miseravel e deslembrado, tendo por salario a ingratidão, por tumulo uma campa sem epitaphio e sem memoria. Eis-ahi a sua vida e o seu destino. N'isto se pareceu o vate com o ninho seu paterno; tão opulento de fama e de laureis, como trabalhado por amargas desventuras. Porque tem a immortalidade os seus cruelissimos descontos para os grandes povos e para os talentos eminentes. É a gloria custosa mercancia, que se compra quasi sempre a preço de pungentes e dolorosas provações. A sua luz é brilhante como a scintilla do relampago, e temerosa como o resplandor da tempestade.

Depois das largas e contenciosas locubrações dos commentadores e dos biographos ainda hoje se ignora e porventura ficará para sempre desconhecida a data verdadeira do nascimento do Camões. O licenciado Manuel Corrêa, o zeloso, mas imperito glossador do epico eminente, assigna o anno de 1517 como aquelle, em que o poeta veio

ao mundo. Manuel de Faria e Sousa, firmando-se n'um documento por elle descoberto no archivo da casa da India, dá por demonstrado que o auctor dos *Lusiadas* nasceu em 1524.

No registo dos soldados, que passavam a servir no Oriente, apparece de feito um assento, em que se aponta que Luiz de Camões em 1550 era de vinte e cinco annos, não constando porém se esta edade se contava como cumprida e já perfeita, se como apenas approximada. Fica pois manifesto que d'esta vaga declaração, em que se não fixa o dia preciso do nascimento, resulta forçosamente indeterminado o anno verdadeiro, sendo que poderia igualmente ser o de 1524 ou o seguinte. Porque se o Camões tivesse nascido no primeiro de janeiro de 1524 haveria de contar em igual dia de 1550, não vinte e cinco porém vinte e seis annos já cumpridos. E sómente se o nascimento succedera no ultimo de dezembro de 1524, teria o poeta no dia correspondente em 1549 completado os cincos lustros da sua edade. Seria pois um erro palmar, e um absurdo incomportavel o inferir a data precisa do nascimento, por uma simples operação arithmetica, cifrada unicamente em achar a differença entre os numeros 1550 e 25. Se podesse entender-se que o poeta no centesimo soneto falla de si

e dos seus precoces infortunios, ficaria demonstrado que ainda não contava bem vinte e cinco annos á data de se embarcar a correr terras e *mares apartados*. E de feito o poeta diz n'aquelle soneto:

> Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
> Que nem vi cinco lustros acabados.

É porém claro que n'esta sua composição o poeta escreveu em nome de algum desconhecido, cuja morte lastimava. Em todo o caso em presença do valioso documento apontado por Faria e Sousa só é licito apenas determinar os limites, entre os quaes poderá a duvida oscillar com amplitude mais larga ou mais restricta, segundo o dia, em que supposermos succedido o nascimento do Camões.

Se é incerto, como vemos, o anno, em que o poeta veio ao mundo, não é menos duvidosa a terra, em que nasceu. Quatro povoações pleitearam o insigne privilegio de ter ouvido nos primeiros vagidos infantís a voz do epico immortal: Lisboa, Coimbra, Santarem e Alemquer. Para si tiveram varios escriptores que fôra n'esta villa o nascimento do Camões. Fundavam-se no soneto já citado, interpretando-lhe as palavras como se de si as dissera expressamente o seu cantor. N'aquella composição attesta-nos elle que *Portu-*

gal o criou na chara e forte Alemquer, patria minha. Seria peremptorio o testemunho, se podessemos suppor que de si proprio contava no soneto a breve historia. Como póde porém ser o Camões a personagem, cujas lastimas ali ficam memoradas, se elle diz que nó *bruto mar*, na costa Abassia foi *manjar de peixes?* É claro que de tal maneira havemos de interpretar aquelle soneto, que não vejamos n'elle uma compendiosa autobiographia do Camões. Perdido n'esta primeira instancia o pleito por parte de Alemquer, já pouco fundamento se ha de fazer das restantes allegações em seu favor. O haver sido alcaide mór n'aquella villa o avô do celebre cantor, e o ter havido nas suas cercanias uma quinta com o nome de Camões, são indicios de tão pequena significação, que mal se póde por elles dirimir e soltar plausivelmente a duvida proposta.

A referencia do poeta no canto III dos *Lusiadas* á villa de Alemquer é tão laconica e fugitiva, que seria alem de absurdo, ainda risivel o dizer que o poeta se compraz em memorar e descrever a terra natalicia, porque apenas se limita a darlhe por excellencia e formosura que n'ella as aguas correm frescas entre pedras. Se o citar o Camões o nome de Alemquer podesse induzir a saudosa

predilecção da sua patria, melhor quinhoada estaria n'este ponto Santarem, porque tambem d'aquella nobre e antiga povoação se lê na estancia LV do terceiro canto:

> ... e o sempre ennobrecido
> Scalabicastro, cujo campo ameno
> Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

E porque não haveriamos de conceder o mesmo privilegio a outras villas, que o poeta vae nas oitavas seguintes memorando, e principalmente a Cintra, cuja menção é a mais larga e mais poetica?

> Cintra, onde as Naiades escondidas
> Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
> Onde amor as enreda brandamente,
> Nas aguas accendendo fogo ardente.
>
> *Cant.* III, *est.* 56

A Santarem, para invocar em sua gloria o ser a patria do Camões, não ha mais argumento que o ser d'aquella memoravel e antiga povoação a mãe do nosso epico.

Resta pois que o pleito seja dirimido entre as cidades banhadas pelo Mondego e pelo Tejo. A qual d'ellas, n'este novo juizo de Salomão, caberá o filho disputado? Faria e Sousa concede a palma a Lisboa, estribando a sua opinião em que n'esta

cidade estancearam habitualmente os paes do grande epico, e em dar ao Tejo o cognome de patrio, em diversos logares de seus poemas. Nenhuma d'estas rasões conclue ou persuade. A diuturna morada em um logar não induz forçosamente que d'antes alguma vez se não habitasse n'outro ponto.

E se o Tejo era patrio para Camões, presuppondo-lhe em Lisboa o nascimento, porque não seria tambem patrio se o poeta em Santarem tivera o berço? Assim que, esta notavel dilecção, com que o Tejo é celebrado por Camões, e bem assim a apostrophe, com que logo na estancia terceira do poema invoca as *suas Tagides,* só poderiam attestar que nascera ás ribeiras d'este rio, se fôra licito fazer grande fundamento em similhantes citações e inferir de phrases fugitivas e ambiguas os traços biographicos do poeta. Mais plausivel argumento é a clara affirmação do commentador e amigo do Camões, e todavia á formal declaração de Manuel Corrêa, que em Lisboa o dá como nascido, podera contrapor-se o que Domingos Fernandes assevera ao dedicar á universidade de Coimbra as rimas do Camões. D'esta cidade o declara natural. Não parece provavel que um editor escrupuloso, sendo apenas decorridos menos de trinta annos depois que o poeta se finara,

a sabendas errasse a patria de varão tão memoravel, se na tradição unisona e constante andasse conhecida, sem dubitação nem conjectura, a terra natalicia do Camões. Não é crivel que sómente por vincular á metropole das letras portuguezas um nome tão illustre, viesse desmentir sem prova ou testemunho irrecusavel o que andava corrente na vulgar opinião. A circumstancia de que Manuel Corrêa communicara o poeta em frequente e intimo commercio não inhibe de julgar que n'este ponto podesse ter-se equivocado.

Se vemos o zeloso commentador e amigo enthusiasta do Camões, errar não menos de sete ou oito annos na data do nascimento, rasão temos sobeja para não tomar como evangelho as suas palavras, quando assigna ao Camões a capital por logar de sua nascença. E apesar da estreita convivencia entre o Camões e Manuel Corrêa, tão plausivel apparece que seja fallivel a sua affirmação quanto á patria do poeta, como ao anno preciso, em que nasceu.

São pois dois editores empenhados em não mentir ácerca do Camões, os que apparecem desconformes quanto ao logar, em que o poeta viu á luz. Poder-se-hão ponderar e conferir segundo o pezo da auctoridade os dois contradictorios tes-

temunhos. Haverá talvez melhor razão para nos compromettermos no voto de Manuel Corrêa, mas perante a doutrina racional da probabilidade nos juizos, não podemos scientificamente concluir pela certeza e affirmar ousadamente que o poeta honrara com o seu berço a cidade de Lisboa.

Teve o epico famoso por seus progenitores a Simão Vaz de Camões e Anna de Sá e Macedo. O pae, se damos credito ao chantre Manuel Severim de Faria, era descendente por varonia de Vasco Pires de Camões, fidalgo de Galliza, o qual de sua patria passara a Portugal em tempos de el-rei D. Fernando e da regia munificencia recebera grandes honras e mercês. Casando com uma filha de Gonçalo Tenreiro, capitão mór das armadas, deixou dois filhos Gonçalo Vaz e João Vaz de Camões. Foi este segundo genito o pae de Antão Vaz de Camões, o qual tomando por mulher a Guiomar da Gama, teve d'ella a Simão Vaz. D'este e de Anna de Sá e Macedo, nasceu o cantor immortal dos feitos patrios.

Ácerca da esclarecida linhagem do Camões afadigam-se os biographos, a quem os preconceitos e abusões da sua edade mais haviam de inclinar a inquirir a fidalguia do poeta do que a entender no seu alto significado a traça e o conceito da

magnifica epopea. Para nós, que vivemos n'uma epocha de plena democracia, já têm pouco valor as vaidades genealogicas. Aos nossos olhos é de mais a esplendida luz, que do poeta a jorros se desprende, sem que seja necessario accrescentar ao seu fulgor os pallidos clarões de uma ascendencia nobiliaria. Parece todavia que era de sangue, como outr'ora se dizia, fidalgo e generoso o insigne vate, embora sejam escassos os documentos, em que possa firmar-se uma authentica prosapia. Não se comprehende facilmente porque os Caamaños de Galliza viessem a transformar-se rapidamente nos Camões de Portugal. A lei da conversão dos nomes castelhanos em gallegos, trasladados a pronuncia portugueza, não explica de um modo satisfactorio como o appellido se demudou e corrompeu logo desde a sua introducção em nossa terra. Exemplos ha quasi innumeraveis de cognomes hespanhoes, que trazidos a Portugal conservaram a sua fórma primordial, com ligeiras alterações de escripta e pronunciação.

Não era de admirar que o grande poeta portuguez podesse vangloriar-se de patricio, quando é sabido, que nos tempos, em que floresceu e poetou, e ainda mais nas eras antecedentes, talvez a maioria dos engenhos portuguezes pertenciam á nobreza.

Fidalgos e cortesãos haviam sido os trovadores, cujas festivas ou amorosas composições se haviam compilado nos varios cancioneiros. Cavalleiros haviam sido tambem os principaes chronistas e historiadores. E ainda após os tempos do poeta, não é raro que os mais classicos e engenhosos escriptores de Portugal houvesssem tido berço illustre, ou affastado pelo menos da humilde e plebéa escuridade. Fr. Luiz de Sousa, D. Francisco Manuel, Antonio Vieira, Fr. Bernardo de Brito, ahi ficam para attestar que da gente patricia ou menos achegada ao estado chão e popular, sairam muitos dos eminentes escriptores, que ainda hoje são mestres e exemplares no escrever e no fallar da boa e pura lingua portugueza.

Não póde parecer extranho que na epocha do Camões e nas quadras antecedentes, fossem mais communs os poetas e prosadores saídos da nobreza do que os talentos nascidos e educados entre a plebe. Era triste, mesquinha, desherdada a condição da gente popular. Rara e custosa a instrucção, ainda mesmo a elementar e incompleta, não alongava os seus reflexos até ás profundezas sociaes, onde o povo trabalhador vivia oppresso e esquecido, excepto para os encargos onerosos, que lhe impunha a realeza ou a aristocracia se-

cular e ecclesiastica, senhora da terra e do poder.

As classes eminentes constituiam uma casta, largamente distanciada da gente plebêa e sequestrada, nas instituições e nos costumes, a todo o trato politico e litterario.

Não admira pois, que em similhantes condições da sociedade, se recrutassem principalmente em a nobreza os nomes de que pela maior parte n'aquelles tempos se enriquece a historia intellectual.

Se o Camões, porém, era fidalgo e escudeiro por avoengos, é manifesto que a pobreza descontava demasiado no valor intrinseco dos seus nobres pergaminhos. A existencia inteira do poeta é um attestado genuino de que nunca lhe sobraram os recursos de honesta e mediana sustentação. De como lhe correram os annos infantis e os da puericia e adolescencia, nada se póde averiguar. Sabe-se que em Lisboa pelos annos de 1550 habitava na Mouraria. A tanta escasseza e necessidade parece ter chegado Simão Vaz, que em Coimbra, aonde se havia trasladado, teve o emprego modestissimo de procurador e recebedor do collegio de S. Thomaz, da ordem de S. Domingos, e d'este officio se valeu para escusar-se de ser n'aquella cidade almotacé.

CAPITULO III

OS ESTUDOS DO CAMÕES

> Nem me falta na vida honesto estudo,
> Com longa experiencia misturado.
>
> CAMÕES, *Lusiadas*, x, 154.

Na ausencia completa de authenticos documentos, ou, sequer, de testemunhos biographicos dignos de inteira fé, é impossivel nem de longe suspeitar, onde o Camões aprenderia as primeiras letras e subiria depois a cursar humanidades. O que n'este ponto discorrem e conjecturam os biographos modernos parece antes ser a textura phantasiosa do romance que a bem travada urdidura da historia.

Para concluir que o poeta devera forçosamente perlustrar as escolas e os estudos maiores, allega-se a volumosa erudição, que ressumbra nos seus poemas, especialmente nos *Lusiadas*. Não ha porém mais viciosa e mais inconsistente conclu-

são. O exemplo manifesto, recente, incontrastavel de eminentes escriptores, que á sua propria energia autodidactica deveram quanto de saber e de instrucção nos legaram em seus escriptos, está averbando de suspeitas ou fallazes tão ligeiras e infundadas illações. Quando vemos que Alexandre Herculano primava nas suas obras em varia e profusa erudição historica, juridica, litteraria e agronomica, apesar de que das escolas superiores apenas frequentou, sem fructo e sem exame, o primeiro anno da academia de marinha, onde se matriculou em 1824, seremos rebeldes a conceber que igualmente o Camões, ao proprio esforço devesse porventura o muito que sabia? Que estudos regulares e systematicos tinha acaso seguido Rebello da Silva, que na escola polytechnica e na universidade, onde cursou, não conseguiu habilitar-se n'uma só disciplina?

A circumstancia invocada por um biographo notavel, de que o poeta conviveu nos annos ultimos com os religiosos dominicanos do convento de Lisboa, não sabemos como possa auctorisar, nem sequer a remota conjectura, de que, por ser na puericia e juventude o Camões vizinho d'aquelles padres, os tivesse por seus educadores no primeiro alvorecer da intelligencia.

De que frequentasse os estudos geraes, ou a universidade, que na adolescencia do Camões ainda em Lisboa permanecia, não ha o mais fugitivo testemunho. De que ouvisse as lições do insigne medico e botanico portuguez, Garcia da Orta, o famoso iniciador dos estudos europeus nas floras asiaticas, não ha o minimo pretexto, para que n'elle se firme a sombra de um argumento. Na ode VIII, limita-se o Camões, com a usual predilecção pelas reminiscencias classicas, a relembrar ao vice-rei, D. Francisco Coutinho, o apreço, em que tivera Achilles a sciencia das hervas medicinaes, que lhe ensinara o centauro Chiron, e a pedir ao vice-rei, que na estimação da arte podaliria, siga o exemplo do grego bellicoso e conceda o seu favor e amparo ao velho naturalista, ao imprimir os seus colloquios das drogas do Oriente.

Em todo este poema o faro mais subtil e sequioso de achar materia a plausiveis conjecturas, não rastrea uma só phrase, em que o discipulo pague a um velho e querido mestre a homenagem da gratidão.

Transferida por D. João III a universidade de Lisboa para Coimbra em 1537, pretendem os biographos, sempre guiados por mais engenhosas, que racionaveis computações, que o poeta tambem

se trasladasse á nova Athenas para ali continuar os seus estudos.

Adduzem como prova os versos da canção IV:

> N'esta florida terra,
> Leda, fresca e serena,
> Ledo e contente para mi vivia
> Em paz com a minha guerra
> Glorioso co'a pena
> Que de tão bellos olhos procedia.

D'esta canção infere-se apenas que o poeta viveu em Coimbra e que ali se embeveceu no amor de uma mulher, cujas formosuras nos descreve saudoso e lastimado:

> Alli se me mostraram
> Neste logar ameno,
> Em qu'inda agora mouro,
> Testa de neve e d'ouro:
> Riso brando e suave, olhar sereno,
> Um gesto delicado,
> Que sempre n'alma m'estará pintado.

Em vez de fazer a minima referencia aos cuidados academicos, reconta-nos ao revez, como ali, n'aquella formosa Coimbra e á beira do Mondego, lhe sorriu talvez não a primeira disciplina da sciencia, senão a primeira escola do seu amor.

Tão pouco se póde aventurar que o poeta fosse alumno da reformada universidade, tomando por testemunho o que, fallando de D. Diniz, do celebre instituto nos refere na estancia 97 do canto III:

> Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
> O valeroso officio de Minerva;
> E de Helicona as Musas fez passar-se
> A pizar do Mondego a fertil herva.
> Quanto póde de Athenas desejar-se
> Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,
> Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
> Do Baccharo e do sempre verde louro.

Vae o Gama contando ao rei extranho os successos gloriosos de Portugal, seguindo a serie dos soberanos. Ao chegar a D. Diniz, celebra os feitos pacificos do rei-trovador, e entre elles não podia certamente olvidar o mais illustre e memoravel de todo o seu reinado. O louvar a grandiosa academia conimbricense, não era paixão, nem favor de alumno saudoso e agradecido, como suppoz o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, senão obrigação e complacencia de portuguez, vaidoso de que em sua patria e no seu tempo florecesse uma tão nobre fundação de sciencia e humanidades.

Se o Camões, aproveitando a sua morada na cidade das letras, cursou algumas de suas escolas, não o podemos affirmar. E é consequencia necessaria que nos é igualmente impossivel conhecer se chegou n'aquelles tempos a eleger uma carreira, a que houvesse de accommodar os seus estudos litterarios. A carta citada por um biographo nosso contemporaneo, refere-se unicamente á escolha de um estado. O poeta não sabia determinar-se ácerca do rumo, a que havia de encaminhar a sua vida. «Tomei o pulso (diz) a todos os estados da vida, e nenhum achei em perfeita saude, porque a dos clerigos para remedio a vejo tomar mais da vida que salvação da alma; a dos frades, ainda que por baixo dos habitos, tem uns pontinhos que quem tudo deixa por Deus nada havia de querer do mundo; a dos casados é boa de tomar e ruim de sustentar, e peor de deixar; a dos solteiros barca de vidas sem leme, que é bem ruim navegação».

N'estas palavras não ha a minima allusão a nenhum curriculo de estudos regulares. Relata apenas o poeta as suas indecisões sobre o que em velha phrase portugueza se dizia *tomar estado*.

Não acaba o Camões de se resolver sobre se ha de tonsurar-se e fazer-se um d'estes clerigos,

que mais tomam da vida temporal do que pensam na salvação; ou metter-se monge, e a pretexto de santidade e penitencia esconder no burel ou no saial as mundanas carnalidades; ou eleger mulher, a perigo de tantos dissabores e desenganos, quaes experimentou depois em seus amores; ou ficar-se finalmente celibatario, como á sua indole e caracter romanesco e aventureiro lhe pareceu quadrar melhor.

Não se póde esquadrinhar, com que solido ou plausivel fundamento assevera Faria e Sousa que o poeta em seus estudos chegou a ouvir na escola conimbricense a philosophia, *fundamento de todo saber, cuando sobre él se levanta un ingenio tan sublime,* segundo as proprias expressões do erudito commentador.

Ainda menos se percebe, por que subtis e phantasiosas inducções um editor e biographo moderno chegou a suspeitar que seria a faculdade teologica, a que elle preferiu para n'ella exercitar a subtileza do seu entendimento. Que no cabo de sua vida o poeta se distrahisse e consolasse das suas pungentes amarguras com ouvir em S. Domingos de Lisboa as lições de theologia, não é rasão bastante para que na juventude lhe possamos attribuir as mesmas intellectuaes pre-

dilecções. O ter o poeta, segundo nota o biographo alludido, um tio seu, D. Bento de Camões, geral da congregação dos conegos regrantes de Santa Cruz, e como tal cancellario da academia conimbricense, não ministra sequer a sombra de um indicio para que suspeitemos no Camões o amor ou a vocação da vida ecclesiastica. Seria certamente desmedida temeridade o presuppor sem nenhuma comprovação, que o poeta estudasse em Coimbra com fructuosa applicação a theologia ou outra das sciencias superiores, estribando apenas a conjectura em ter por tio seu paterno o proprio cancellario da juvenil e florente academia. Tanto mais quanto a dignidade e officio de cancellario, sendo annexo legalmente ao cargo de geral de Santa Cruz, não induzia no sujeito, que o houvesse de exercer, nenhuma preeminencia intellectual, nem encargo de magisterio. Porque os estatutos da universidade, como instituição ecclesiastica e pontificia, davam a este dignitario funcções restrictas unicamente á collação de todos os graus, a dar os pontos para os exames privados em todas as faculdades, e a mais algumas attribuições alheias ao serviço didactico nas escolas. Assim que bem podera o tio do Camões desempenhar o officio eminente de cancellario, sem que a sua

influencia se estendesse a domesticar o espirito inquieto do sobrinho, amoldando-o a seguir e estudar as aridas sciencias, que n'aquelle tempo se professavam nas escolas.

Se bem se comprehende a indole e o genio do Camões, e se attenta no que teve de revolta a sua vida, de indomito e indisciplinado o seu caracter, não será ousadia o aventurar que, se porventura chegou a inscrever-se n'algum dos cursos academicos, não chegaria a conseguir a laurea de bacharel. Os grandes talentos, em que o estro e a phantasia dominam irresistiveis e soberanos a rasão, difficilmente se accommodam á regrada succesão dos estudos formalistas n'uma escola. A imaginação a cada instante quer voar e despeiar-se de todas as prisões, que lhe encadeam as azas vaporosas. A escola obriga o alumno a rastejar nas pégadas lentas do vagaroso pedágogo. É difficil assignar o gymnasio, em que se exerceram no seu viço juvenil os engenhos de eleição, que na esphera da arte e da phantasia deixaram os mais formosos monumentos do que póde o genio humano.

Celebradas e copiosas de doutrina eram já no seculo XIII as universidades italianas, e ninguem affirma hoje que o Dante, tão opulento da eru-

dição e sciencia do seu tempo, em Padua ou em Bolonha, tivesse cursado as academias. Bastava-lhe talvez que fóra do seu gremio tivesse por guia e preceptor a Brunetto Latini, o sabio florentino.

Do Petrarcha se sabe, que havendo começado a estudar as leis civis, a pouco trecho se enojou de tal sciencia, *reputando* (diz o celebre Aretino na vida do poeta) *quella essere troppo bassa materia a su ingegno.* Florentes eram as universidades de Oxford e Cambridge, e não consta que o maximo entre os poetas inglezes, o celeberrimo Shakspeare, fosse n'ellas aprender o que lhe serviu de materia prima ás suas composições. Lustre e gloria das Hespanhas foi Cervantes, o maior escriptor do idioma castelhano, e não sabemos que em alguma universidade estivesse aguçando o seu talento antes que saisse a pompear no *Quixote* o extremo poder do seu engenho. E se o Tasso, segundo o que assevera Tiraboschi, em quatro faculdades alcançou aos dezesete annos o academico laurel, é este um dos raros exemplos de que um nome fadado na poesia a immortal consagração, tenha durante alguns annos podido impor silencio ao estro precoce e refervente, perante as severas exigencias do codigo theodosiano,

da *Summa* de S. Thomaz, do *Mestre das Sentenças,* ou das decretaes de Gregorio IX.

Não fazem damno as musas aos doutores, como dizia o horaciano Antonio Ferreira, nem tão pouco as sciencias esterilisam a veia dos poetas. Mas fóra das escolas e academias se aprende, se medita e se aprimora o engenho e a cultura. A lição dos antigos escriptores gregos e romanos, e das obras numerosas, em que a renascença commentou e explicou a antiguidade, bem podera o Camões havel-a frequentado com deleitação do seu espirito, sem o constranger aos regrados exercicios escolares. O celebre Pascal, gloria da litteratura franceza e da sciencia cosmopolita, ainda na puericia demonstrava sem mestre os theoremas geometricos de Euclides. Bem podera pois o epico portuguez ter aprendido com a leitura, qual lh'a consentia o seu viver inquieto e aventureiro, o thesouro da sua copiosa erudição.

Se quizermos figurar-nos o Camões como elle se revela nos conhecidos episodios e aventuras da sua existencia attribulada e no contexto das suas numerosas poesias, havemos quasi de imaginal-o fundido n'um molde similhante áquelle, em que se affeiçoou a irrequieta natureza do Bocage. Transportemos este vate desde a vida prosaica.

sceptica e dissoluta dos principios d'este seculo até ás edades, em que o espirito cavalheiresco ainda florescia em Portugal, e teremos no Bocage com engenho menos fecundo e grandioso, e sem a inspiração tão heroica e melancolica, uma imagem de Camões.

Estes espiritos irrequietos, impetuosos, sedentos de amor e de aventuras mal se podem agrilhoar ás pautadas e methodicas disciplinas, a que se amolda a quieta e remansada paciencia dos engenhos inferiores.

Concluamos pois que se ignora absolutamente qual fosse a educação intellectual do grande epico, sem que reste a minima indicação para que n'este ponto se auctorise a mais timida e remota conjectura. Que o poeta desde o primeiro despertar da intelligencia se deixaria arrastar dos vôos do seu estro, esboçando em ligeiras composições o que o talento já adulto e cultivado havia de amostrar em sua plena maturação, não póde padecer a menor duvida. Se a elegia XXIX, a sexta feira santa, e o soneto XXI pertencem aos primeiros fructos da sua inspiração não é facil nem importante o decidil-o. Nem se ha de dizer, com um biographo moderno, que a erudição revelada no soneto e na elegia está manifestando a vaidosa pretensão de um

mancebo cioso de luzir a doutrina ainda fresca das escolas. Porque se fôra bastante este criterio diriamos que mil passos dos *Lusiadas*, onde como em torrentes caudalosas se despenha a erudição greco-romana, foram parto do engenho juvenil e ainda recendente ao baccharo escolar.

Do tempo, que na cidade de Coimbra se demorou o poeta dos *Lusiadas,* não é facil a computação, porque das poesias, em que relembra com saudade a sua residencia na classica terra do Mondego, só podemos deprehender que alli viveu por largo tempo. Na canção IV, com effeito, diz o Camões:

> N'esta florida terra
> Leda, fresca e serena
> Ledo e contente para mi vivia
> ....
> D'um dia em outro dia
> O esperar m'enganava:
> Tempo longo passei;
> Com a vida folguei,
> Só porqu'em bem tamanho s'empregava.
> Mas que me presta já,
> Que tão formosos olhos não os ha?

N'esta canção estão poeticamente resumidas as memorias do poeta, emquanto residiu ás ri-

beiras do Mondego. D'alli lhe não restaram mais lembranças e saudades senão d'aquella mulher formosa ou por elle idealisada, que parece lhe inspirou paixão ardente.

> Alli se me mostraram
> N'este logar ameno,
> Em qu'inda agora mouro,
> Testa de neve e d'ouro:
> Riso brando e suave, olhar sereno;
> Um gesto delicado,
> Que sempre n'alma m'estará pintado.

Aqui ha *tempo longo,* porém indeterminado. Ha a deliciosa miniatura de uma gentil mulher de quem o poeta andara enamorado, e por quem ainda conserva a pungir-lhe o coração os aculeos de um amor saudoso e melancolico. Nem uma allusão sequer á vida estudiosa ou folgasã do escolar conimbricense. O amor, se pomos fé inteira na canção, fôra o enlevo e a occupação da sua vida.

E é justamente n'esta poesia amorosa do Camões que os biographos firmam o seu mais robusto fundamento para assentar a exacta chronologia d'este periodo incerto e nebuloso da vida do poeta, como perante os modernos descobrimentos da archeologia assyria ou babylonica poderiam os histo-

riadores e os chronologos corrigir ou confirmar os textos de Beroso. É na celebrada canção IV, que o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, e o biographo moderno, que o seguiu, se escoram para fixar o anno, em que o poeta sairia de Coimbra, terminados os estudos, segundo elles asseveram ousadamente, na sua lenda ou novella do Camões. Admittindo que nas cadeiras da universidade trasladada ao novo assento, se começassem as leituras em 1538, e que o poeta aguardasse mais um anno para que os estudos em Coimbra, passados os primeiros tempos da translação, tomassem melhor feição e consistencia, dá o erudito prelado por verosimil que o poeta só em 1539 ou 1540 chegaria á nova terra da sciencia. E concedendo-lhe cinco ou seis annos de frequencia nos estudos, conclue o bispo ter o Camões saido de Coimbra cerca de 1544 ou quando muito no anno subsequente.

O erudito e mais moderno biographo e editor do insigne epico, adoptando os raciocinios chronologicos do prelado visiense e fundando-se ademais na carta primeira do Camões, restringe a duração da sua morada na academica cidade, e dá-o concluindo os seus estudos em 1542 e regressando á capital n'esse anno ou no seguinte. Mas a

chronologia do biographo novissimo tem por base uma expressão certamente hyperbolica do poeta, interpretada no seu pleno rigor arithmetico. Escrevendo o Camões já desde a India e provavelmente não muito depois de lá chegar, diz estas palavras textuaes. «Depois que d'essa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então com pregão publico *por falsificadoras de moeda*. E desenganei esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras, que na náo disse, foram as de Scipião africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*. Porque quando cuido que sem peccado que me obrigasse a *tres* dias de purgatorio, passei *tres mil* de más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de pura inveja... Da qual tambem amisades mais brandas que cera se accendiam em odios, que disparavam lume, que me deitava mais pingos na fama que nos couros de um leitão».

D'aquelles *tres mil dias,* laboriosamente reduzidos a annos civis, talvez sem esquecer a necessaria correcção dos bissextos, formou o biographo

investigador e erudito, oito annos e oito dias, quereria dizer oitenta. E logo inseriu por necessaria consequencia que fôra em 1542, que o Camões regressára de Coimbra á capital.

E n'este ponto se vê quanto é fallivel e perigoso, ao reconstruir de incertos elementos a vida de um grande homem, o guiar-se por joviaes ou ironicas locuções de estylo domestico e popular. O Camões não quiz dizer litteralmente que tres mil dias inteiros e contados padecera as affrontas da maledicencia, da inveja e má vontade. Dissera não merecer por seus peccados tres dias de purgatorio, e logo ajuntou por maneira de antithese, aliás vulgarissima n'estes casos, que passara não só tres, mas tres mil dias de mau trato e desamor. Nem era admissivel que o poeta escrevendo em tom jocoso e quasi picaresco ou como hoje disseramos *humoristico,* estivesse exactamente reduzindo a dias numerados os annos, em que provara a má lingua dos seus emulos e a frouxa lealdade dos amigos. Firmar pois sobre um gracejo de uma carta familiar, escripta em modo faceto e zombeteiro, um systema de chronologia, fôra tão incongruente como affirmar que um só cuidado do poeta valia á justa *mil* descansos alheios, arithmeticamente computados, quando

na sua carta a D. Francisca de Aragão, na ultima das tres decimas, que havia escripto a um mote d'esta dama, diz:

Se as penas, que amor me deu,
Vêm por tão suaves meios,
Não ha que temer receios,
Que val um cuidado meu
Por *mil* descansos alheios.

No soneto II diz o Camões:

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por uns termos em si tão concertados
Que *dois mil* accidentes namorados
Faça sentir ao peito, que não sente.

e o Petrarcha no soneto imitado pelo Camões escreve:

Io canterei d'amor si nuovamente
Ch' al duro fianco il di *mille* sospiri
Trarrei per forza e *mille* alti desiri
Raccenderei nella gelata mente.

Não é provavel que o Camões ou o Petrarcha fizessem a estatistica rigorosa dos namorados accidentes, dos suspiros e desejos, e os reduzissem, sem errar n'uma fracção, a expressões arithmeticas.

E na carta septima não quiz o poeta certamente almotaçar por exacta medição um numero preciso quando escrevia estas palavras: «Antes (a esperança) lhe chamarei refugio de todos os males que nenhum outro nome, porque ainda que a esperança positivamente nos trabalhos nos não mostrasse *mil cousas,* que o tempo faz possiveis ao desejo, bastava para ser o que digo livrar-nos de tão portentoso monstro, como é a desesperação».

Manifesto fica pois o erro de entender litteralmente, na accepção arithmetica e estatistica, uma expressão empregada pelo poeta no sentido puramente proloquial. E este exemplo póde servir de advertencia para que se não procure construir, sem prudente scepticismo, sobre as pallidas referencias, rebuscadas nos poemas e nas prosas do Camões, a sua conjectural biographia. Nas composições poeticas é difficil deslindar quando o auctor falla em seu nome e reconta algum passo da existencia real e verdadeira, e quando apenas fabulou o assumpto, de que trata, ou figurou proferidas por bôca alheia, como no centesimo soneto, as palavras sentidas da propria inspiração.

As cartas do Camões, que a principio se podiam afigurar como subsidios preciosos para a sua his-

toria intima, são poucas e escassas de noticias pessoaes. Talvez o que de todas se possa deprehender quanto á vida do Camões, é o trecho final da carta septima, em que o poeta escreve claramente:

«Novas minhas estava para não escrever, porque não ousava confessar que temia deixar um estado por outro, que mais me enfadasse, pois n'esta parte, me venciam dois receios: a um largar o com que tanto me enganei, outro de não saber o como me haveria no que não tinha provado; mas aqui entrou a razão, dizendo-me que do que tinha me bastava o desengano e para o que buscava me servisse o conselho, qual estou resoluto de ir este anno a Coimbra, restituir-me aos ares, em que me criei».

N'este passo da carta do Camões, em que parece haver omissão de algumas palavras, porque não é facil a sua rigorosa construcção syntactica, affirma o poeta que nos ares de Coimbra *se criou* e a elles intenta restituir-se. Parece pois que n'aquella cidade se passara a infancia e a puericia do Camões. E esta sua expressa affirmação podera induzir á conjectura de que em Coimbra nascera o nosso epico, se em pontos de patria e de nascença não fossem temerarias ou forçadas as extensivas interpretações.

CAPITULO IV

AMORES E DESVENTURAS

> Saibam que o mesmo amor, que me condemna,
> Me fez cair na culpa e mais na pena.
>
> CAMÕES, *Canç.* II, 2.

Quando o Camões, deixada a formosa terra do Mondego, chegasse á côrte, não se póde pois esmar com racionavel probabilidade. Que viveu alguns annos em Lisboa, antes de ir correr na India as varias aventuras de soldado brioso e engeitado da fortuna, ninguem o saberia contestar. Quanta foi a duração d'essa morada fica incerto perante os escassos e obscuros documentos, concernentes á vida e aos successos do poeta.

Se pela natureza essencialmente poetica e romanesca do Camões houvermos de traçar os rasgos principaes do seu esboço biographico, podemos assentar como plausivel que logo nos primeiros verdores da juventude lhe houveram de sorrir as

2..

musas e os amores. Onde o estro é nativo e impetuoso, mal se póde soffrear, sem que desde o primeiro alvorecer desabroche em fructos de poesia. Devera o Camões affeiçoar-se a poetar desde annos mui precoces. Não ouviria talvez as lições graves e eruditas dos Gouveias, dos Teives, dos Buchanans e dos Grouchy, que por aquelles tempos, na universidade reformada, transplantavam de alheias regiões o gosto litterario, o culto das antigas boas letras e da solida e sã erudição. Mas lería certamente, como o provam os seus escriptos, não sómente os poetas e historiadores da antiguidade, senão tambem conversaria em nocturno e diurno trato e convivencia os poetas e prosistas, que nas linguagens neo-latinas, principalmente na de Garcilaso e de Petrarcha, enriqueciam no seculo XVI o thesouro da renascente litteratura.

Quem tão cultivado e primo se mostrou em escrever o idioma castelhano, é claro que frequentara assiduamente os mais correctos e imaginosos escriptores d'esta falla opulenta e varonil. E a imitação do Petrarcha e dos italianos seguidores da sua escola, a versão dos *Trionfi* do vate de Vaucluse — se acaso é do Camões — attestam que o poeta portuguez andava familiar com o idio-

ma toscano e os escriptores principaes, que o poliram e enriqueceram nos tempos da renascença. Tão subido era no Camões o culto do Petrarcha, que por um verso mui notorio do soneto XLIII do poeta italiano

> Tra la spiga e la man qual muro é messo,

terminou o epico portuguez nos seus *Lusiadas* a estancia 78 do canto IX. Supprira pois a curiosidade e anhelo de saber ao que podera ter de frouxa e incompleta a educação regrada e escolar. Quando os homens se chamam Camões ou Shakspeare, não é facil descobrir o nome do preceptor, sob cuja tutella pedagogica accumularam o saber.

De poesia, que brotava nativa e espontanea, e de amor, que lhe insufflava a inspiração, deveria compor-se desde o viço juvenil a existencia do Camões. Talvez o amor e a poesia, sorrindo graças, esperanças, illusões, tivessem já por aquelles annos uma triste e severa companheira — a pobreza, maculando de nuvens carregadas e escuras a celagem côr de rosa, e os dourados resplendores, com que a phantasia e a mocidade enfeitam e compõem o céu azul da existencia no porvir. A penuria, que lhe fez a vida mais amarga no dis-

correr dos annos até o alento derradeiro, começaria desde o primeiro vecejar da sua edade a fazer-lhe pagar acerbamente, como a tantos engenhos eminentes, o privilegio do talento. No verdor, porém, da adolescencia, não seria difficil o enganar a estreiteza e mesquinhez da sua fazenda com as formosas e risonhas perspectivas da gloria e da riqueza no futuro. O amor e a poesia parece que seriam o principal enlevo do Camões, durante os ultimos tempos de Coimbra, e os que em Lisboa estanceou até o primeiro exilio do poeta.

Manuel de Faria e Sousa, dando por assentado que o vate dos *Lusiadas* chegara no seu curso universitario até á philosophia, e procedendo a narrar em breves termos como logo se deu a versejar e como foi acolhido pela côrte e principalmente pelas damas, escreve estas palavras, que transcrevemos com a propria orthographia:

« Con este (fundamento) i buen empleo en las humanas (letras) empeçó á exercitarse en la poesia prometiendo de sus principios raros fines á quien le mirava con juizio. Con estas letras i adornos juntos á las calidades de cavallero i galan i entendido sobre modo, passando á Lisboa llevó

tras si lo mejor de la corte i principalmente la hermosura, porque fue muy estimado, i favorecido de las damas. Al son de sus favores (apetitosissimo instrumento de los ingenios) escrivió la mayor parte de sus rimas i deste poema *(Lusiadas)*.»

Eis-ahi narrado o principio e sequencia da poesia e dos amores do Camões. Os numerosos poemas amatorios, de que está cheia a collecção das suas rimas, denunciam claramente que o poeta, em parte por phantasiadas affeições, seguindo a escola petrarchesca, e em parte porque o inspirassem verdadeiros affectos amorosos, a trovas de amor, de queixumes, de saudade e melancolia, consagrara a sua lyra, emquanto a não trocava pela tuba canora e bellicosa.

Aqui tem seu principio o capitulo primeiro da lenda romanesca do Camões. Já em Coimbra parece que o poeta se enleiara docemente n'estes laços, de que elle duvida no canto III dos *Lusiadas,* que possa alguem libertar-se facilmente:

> Mas quem póde livrar-se porventura
> Dos laços, que amor arma brandamente?

Se a canção IV do Camões não é uma d'estas ficções amorosas tão frequentes, em que os lyri-

cos subjectivam as paixões e os affectos, que descrevem, já o podemos suppor embevecido no amor de uma mulher retratada pelo estro do poeta com a palheta de Raphael.

Na canção II, uma das mais formosas composições da sua lyrica inspiração, cantando o Camões como elle diz:

> A instabilidade da fortuna,
> Os enganos suaves d'amor cego
> (Suaves se duraram longamente)

e queixando-se das suas amorosas desventuras e das penas, com que o lastimara uma paixão, segundo se afigura, sem esperança, confessa elle de si que dos annos enganosos e infieis, com que subjugara a muitos corações, o punira o *vingativo Amor,* incendendo-lhe no peito uma paixão ardente e verdadeira:

> De vontades alheias, qu'eu roubava,
> E que enganosamente recolhia
> Em meu fingido peito, me mantinha.
> O engano de maneira lhes fingia,
> Que despois que a meu mando as subjugava,
> Com amor as matava, que eu não tinha.
> Porem logo o castigo, que convinha
> O vingativo Amor me fez sentir,

Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza, qu'em vós vejo,
Co'o pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vai cair:
Torno a subi-lo ao desejado assento,
Torna a cair-me: em vão emfim pelejo.
Sisypho, não t'espantes d'este alento,
Que ás costas o subi do soffrimento.

Canç. II, 6.

Vêmol-o ao poeta confessando, com a vaidosa complacencia de um feliz galanteador, que trouxe acorrentadas ao seu carro triumphal as mulheres, a quem facilmente enganara com o amor fingido e ardiloso, e a quem matara com o amor que não sentia.

Agora tem a paga e o castigo dos seus enganosos galanteios, rollando, como Sisypho, o penedo cruel dos seus desejos, agora allumiado pela esperança e logo desenganado pela dôr.

Na ecloga II volve o Camões a tanger na mesma corda, se é que a si proprio se representa na figura de Almeno, o pastor desenganado e amoroso.

A barba então nas faces me apontava,
Na luta, na carreira, em qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) affeiçoadas
Muitas nymphas do rio e da montanha,

Com palavras mimosas e forjadas,
De solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.

Mas não querendo amor, que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro affeito;

Pouco a pouco me foi de mi levando
Dissimuladamente ás mãos de quem
Toda esta injuria agora está vingando.

Eis-ahi, ao que parece, a ingenua confissão dos peccadilhos amorosos de quem insidiosamente se valera das suas graças e dotes naturaes, do viço e do frescor da alegre adolescencia, e da vantagem, que levava aos moços de sua edade e companhia, para colher em suas redes amorosas as nymphas, que ás amenas palavras se rendiam. Eis-ahi temos o queixume de que o Amor, por se vingar de que lhe tomara o pastor em vão o nome, com fingidos e ephemeros affectos, lhe dera por castigo severissimo a ardente paixão por uma dama, agora não vencida, senão triumphadora.

Quem seria esta mulher, que o Amor tomava

por formoso, mas durissimo instrumento do castigo ás venialidades amorosas do poeta? Seria a mesma, que na canção I envidando os vôos mais subidos da sua inspiração e do seu affecto, e os toques mais mimosos do seu pincel, nos descreve, dizendo, com os conceitos habituaes nos seus poemas amorosos:

Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos, com que fere, amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios desses olhos fez as settas
Com que fere, quem alça os seus a vê-los.
Olhos, que são tão bellos,
Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrue.
Porem se he grande a dor,
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas, com que mata, são de sorte,
Que ainda lhe ficaes devendo a morte.

E na canção V apparece retocada e ainda mais expressiva a miniatura:

Pintara os olhos bellos
Que trazem nas meninas,
O menino, que os seus nelles cegou;
Os dourados cabellos
Em tranças d'ouro finas,

A quem o sol os raios seus baixou;
A testa, que ordenou
Natura tão formosa;
O bem proporcionado
Nariz lindo, afilado,
Que cada parte tem da fresca rosa;
A bôca graciosa,
Que o querê-la louvar he já 'scusado.
Emfim he um thesouro,
Perolas dentes, e palavras ouro.

Canção v, 29.

Seria essa mulher tão desconforme na condição e na fortuna á triste pobreza e mediania do Camões, que o levantar mais alto do que a pura e ideal adoração, o pensamento e o desejo fosse aos proprios olhos do poeta culposo atrevimento e desvario? Lá parece alludir a este ponto na canção I, quando exclama:

Se por algum acerto Amor vos erra,
Por parte do desejo, commettendo
Algum nefando e torpe desatino;
E s'inda mais que ver, emfim, pretendo,
Fraquezas são do corpo, que he de terra,
Mas não do pensamento, que he divino.
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco n'isto,
Desculpa-me o que vejo.

Porém como resisto
Contra um tão atrevido e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura.

O Camões procura desculpar com a dama, que lhe prendeu o alvedrio, os desejos, a que se exalta a sua phantasia de poeta enamorado. O amor, que é pura idolatria e supersticiosa adoração, o amor, que nasce do pensamento com as fórmas ethereas e divinas de um affecto immaculado, combate no seu ardente coração o *atrevido e vão desejo,* o amor mundano e material, que desde o barro terreno do seu corpo, intenta deslustrar a ideal e castissima paixão.

E na canção II lá se está o poeta lastimando do atrevimento commettido em levantar os olhos apaixonados, a quem parece lh'os não volvia tão amoraveis e benevolos:

Quando a vista suave e inhumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteu, sem saber o que fazia,
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com setta insana
O peccado vingou d'esta ousadia)
Afora este penar, qu'eu merecia,
Me deu outra maneira de tormento.

Na ecloga II, se a interpretamos — o que não passa de mera conjectura — como um traço do Camões na sua auto-biographia, achâmos confirmada a sua lastima de haver erguido os olhos até onde lh'o vedava a baixeza e rigor da sua fortuna. Depois de pintar nas palavras severas do pastor o amor romanesco, cego, desasisado, impetuoso, como tendo por cortejo necessario as loucuras, as deshonras, os dissidios, a paz e a guerra, o prazer e a amargura, os perigos, as murmurações e as calumnias,

> Ciumes, arruidos, competencias,
> Temores, nojos, mortes, perdições,

depois de haver desenrolado o quadro lugubre contraposto ás delicias enganosas do amor com espirito ao mesmo tempo enternecido e bellicoso, prosegue lastimando-se o poeta:

> Estas são verdadeiras penitencias
> De quem põe o desejo, onde não deve,
> De quem engana alheias innocencias.
>
> Mas isto tem o amor, que não se escreve
> Senão donde he illicito e custoso,
> E donde he mais o risco, mais se atreve.

E depois traz á memoria o nefando caso de Pàris, o pastor troiano, que vivia repousado e

feliz na sua obscuridade campesina, pascendo alegremente o armentio e escrevendo nos alamos o nome da sua Enone:

> Mas despois que deixou entrar comsigo
> Illicito desejo e pensamento
> De sua quietação tão inimigo,
>
> A toda a patria poz em detrimento
> Com mortes de parentes e de irmãos,
> Com cru incendio e grande perdimento.

Se a ecloga II fosse apenas, idealisado nos ornatos, o reconto fiel dos amores cortezãos e palaciegos do Camões, haveriamos de reparar attentamente nas palavras, com que expressamente qualifica o seu amor. Illicito lhe chama, e custoso e enganador de alheias innocencias. E como se póde uma tal confissão coadunar com a paixão pura, castissima, platonica, sentimental, que, por igualal-a ao culto e adoração do Petrarcha á sua Laura, os biographos têm querido attribuir ao ardente e fogoso temperamento do Camões?

Se porventura os extremos e as queixas amorosas do Camões nos poemas, que citámos, e em varios outros do seu alaude erotico, retratam do natural um amor fervoroso e inconsolavel, ou se a dama, que inspirou aquelles versos, é uma pura

creação da phantasia; se n'ella se consubstanciam e resumem, como na Helena de Zeuxis, as feições, as formosuras e os amores de quantas mulheres o poeta galanteou, não ha documento incontestavel, com que o possamos dirimir.

A lenda n'este ponto suppre a historia. A certeza deixa o logar á tradição.

Manuel de Faria e Sousa aponta em breves linhas os amores impetuosos e desgraçados, que valeram ao Camões o seu primeiro exilio: «I ay tradiciones que una (dama) de palacio fué la ocasion de su destierro; porque perdido por ella i haciendola perder por si, fue el remedio el apartarle. Deste apartamiento se lamēta en aquella hermosa elegia que comiença: o sulmonense Ovidio desterrado». Pedro de Mariz, no brevissimo prologo dos *Lusiadas*, commentados pelo licenciado Manuel Corrêa escreve: «E como o nosso poeta ficou sem pae e tão pobre, que se salvou em uma tábua, em tempo que esperava ficar rico; vendo-se neste desemparo (ou como alguns disem, homisiado, ou desterrado por uns amores no paço da rainha) se embarcou para a India». E Manuel Severim de Faria, em termos de maior laconismo, diz: «Continuou em Lisboa algum tempo até que uns amores, que segundo

disem, tomou no paço, o fizeram desterrar da corte».

A affeição, com que o poeta grangeou o seu desterro, é referida pelos testemunhos que citámos, com a unica allegação de que se dizia andar na tradição.

Diz a lenda, poetica certamente e accommodada á indole exaltada e romanesca do Camões, que o vate se enamorou em sexta feira santa n'um templo, onde vira a primeira vez a gentil e mysteriosa causadora das suas maguas e infortunios. Auctorisa-se a tradição com o soneto LXXVII. N'elle traça o poeta a sentida historia de uns amores, que nasceram no dia e no logar, onde a egreja commemorava a morte do Redemptor:

O culto divinal se celebrava
No templo, donde toda criatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor alli que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com uma rara e angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugi

> Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
> Senhora, que por vosso me queria,
> Do tempo que fui livre, me arrependo.

Este soneto mal póde interpretar-se como a narrativa fiel e verdadeira de um successo na vida do Camões, porque é a imitação do terceiro soneto do Petrarcha, onde refere como o enfeitiçaram e prenderam os olhos encàntadores da sua Laura:

> Era 'l giorno ch'al sol si scoloraro
> Per la pietá del suo Fattor i rai,
> Quando io fui preso e non me ne guardai,
> Che i be' vostr' occhi, donna, mi legaro!

É citado porém como authentico testemunho da romantica origem dos amores, o soneto CCCIII, em que o poeta, seguindo com menos litteral imitação o modelo petrarchesco, reconta como apesar de ser na igreja e em tão alta e severa solemnidade, se deixou enleiar nas cadeias amorosas:

> Quando uns olhos, de que eu não era dino,
> A furto da razão me salteavam.

Se não era ajustada pela norma da verdade, vinha a lenda talhada, como cumpria aos amores de um poeta e de um amante, qual devia ser Camões. Nada se póde figurar de mais poetico do que este primeiro e improviso enlaçar de duas al-

mas, do que este fortuito, mas desde logo amoroso encontrar de dois sympathicos e castissimos olhares, que de longe e furtivamente se estão reciprocando ternissimos affectos, emquanto em derredor a majestade austera e luctuosa do templo, resoando com os threnos lacrymosos, compunge e enternece os corações.

Se por um momento nos olvidamos das severas obrigações do historiador e do biographo, e nos trasladamos em espirito ao tempo do Camões, bem podemos phantasiar estes poeticos principios, d'onde germinou, cresceu, continuou aggravado pelas desditas do poeta, o seu amor á mysteriosa e purissima visão. É noite em sexta feira maior. As portas de um templo severo e majestoso na sua architectura — bem podemos a nosso talante figural-o nas grandiosas arcarias de Santa Maria de Belem ou nas naves sombrias e melancolicas da cathedral de Lisboa — estão abertas de par em par. Ouve-se ininterrupto o monotono susurro da gente, que entra a visitar o sepulchro do Salvador, ou sae do recinto sacro depois de ter cumprido a sua piedosa devoção. Estão as naves envolvidas n'esta mystica e solemne obscuridade, que levanta o pensamento e a compuncção até ás agrestes cimas do Calvario na

hora tenebrosa, em que o Justo inclinando a cabeça, circumdada dos espinhos, soltou no alento derradeiro da sua humanidade os thesouros ineffaveis da redempção. Vestem-se de roxo os altares e os retabulos. Mal estão bruxuleando as lampadas a luz mortiça e avermelhada, que nas suas cansadas oscillações parece estar soluçando lacrymosa a morte do Salvador. Retumbam desde o côro flebeis e plangentes os versiculos do propheta Jeremias em suas temerosas e sobrehumanas predicções. Mal se divisa a immensa mó do povo agglomerado na amplidão vastissima do templo. Em pé, recostado a uma columna, um vulto gentil e garboso de mancebo. A fronte, onde o genio tem escripta a sua epigraphe, um tanto inclinada para o chão; os braços cruzados sobre o peito. Pende-lhe de uma das mãos o gorro emplumado. Adivinha-se que o espirito lhe revôa áquellas horas por essas luminosas e malsonhadas regiões, onde a alma, desentranhando-se da carne, se compraz e delicía na meditação das verdades increadas.

A poucos passos está uma mulher, piedosamente ajoelhada, com seu livro de horas illuminadas a primor em pergaminho. São negros os vestidos. O manto que a envolve, deixa ainda

adivinhar a graciosa compostura do seu corpo e o formoso donaire do seu porte juvenil. O rosto contrastando no frescor e na alvura com as sombras, que o circumdam, e os cabellos, desatando-se em dourados anneis de sob o ligeiro trançado, que os représa, os olhos, empregados com a modestia e a uncção dos espiritos crentes e piedosos na leitura do seu devocionario, dão á imagem d'aquella mulher encantadora a expressão angelica da belleza terrena, que se transfigura e se corôa de ethereos esplendores na contemplação da celestial e divina formosura. Fez pausa por um momento na leitura e na oração. Resoam agora eccoando pelas naves as palavras do segundo capitulo dos threnos de Jeremias: «*Cui comparabo te? Vel cui assimilabo te, filia Jerusalem?* A quem te hei de comparar ou assemelhar, ó filha de Jerusalem?» N'este momento a vista do mancebo dá de rosto com a figura da mulher. Encontram-se por um instante os olhares, trocam-se por um sanctiamen as improvisas e fataes inclinações. Baixam-se de novo, como que penitentes sobre o livro, os olhos da donzella. Inflamma-se de amor irresistivel o coração do adolescente scismador. A musica solemne e melancolica desperta de novo nos espiritos a triste-

za e a compuncção. O canto lugubre da igreja, continua a entoar as sentidas lamentações do propheta de Jerusalem, fazendo-as suspirar pelos desvãos e arcarias. De novo se communicam ás miradas furtivamente o cavalleiro e a donzella. Então um rosto feminino, reverberando o reflexo de uma lampada, suspensa a poucos passos, mostra por um momento em sua plena e deslumbrante claridade, como se fôra n'um lampejo de ineffavel e celeste beatitude, a virginal belleza da mulher. O mancebo estremece, descora, leva a mão á fronte esbrazeada, e inclina a cabeça melancolica no peito convulsivo e anhelante. Os threnos continuam terriveis e lacrymosos: «*Defecerunt prae lacrymis oculi mei: conturbata sunt viscera mea.* Amorteceram-se os meus olhos a poder de lagrimas».

Aquelle homem n'essa noite solemnissima sentia nascer-lhe n'alma a primeira e suave revelação d'este amor, que vive de puras e ideaes aspirações, d'este amor, que nas azas resplendentes de luz e de candor, se está librando entre as celestiaes contemplações e o affecto imperfeito dos mortaes. Essa mulher desde aquelle momento sentira o seu destino fatalmente encadeado á doce, mas perigosa fascinação do seu adorador. Tal-

vez adivinhara por um mysterioso presentimento, que o seu nome inscripto meigamente na lyra de um poeta, haveria com ella de voar á posteridade mais remota, levando comsigo a memoria de um amor infortunado, e a consagração do culto mais ardente e malfadado aos encantos da mulher. Esse homem era Luiz de Camões. A dama D. Catharina de Athaide. Ao sair do templo, o vate, inspirado pela paixão nascente, mas já indestructivel, romperia porventura nos primeiros versos do soneto, em que celebrou ao mesmo tempo o tremendo sacrificio da Redempção e o funesto começar das suas mais queridas illusões e das suas mais amargas desventuras

Eis-ahi começado o romance amoroso do Camões, romance necessario á lenda novellesca do poeta. Fôra o seu trovar primeiro e mais copioso principalmente consagrado a cantar amores, esperanças, desenganos. Principiara sendo émulo do Petrarcha, antes que levantasse o engenho ás heroicas ousadias da epopea. Primeiro o enlevara o agri-doce das paixões affectuosas, quasi sempre desventuradas, quando intensas, do que o seduzira a imagem severa dos heroes, circumdados pela aureola da gloria. Como a cantor de affe-

ctos, de queixas, de ciumes, de rigores e esquivanças feminis, cumpria que a tradição lhe assignalasse uma mulher, entre angelica e terrestre, que resumisse n'um só corpo e n'uma unica imagem romanesca as mulheres phantasiadas ou reaes, a quem o poeta havia dedicado os mais sentidos carmes da sua lyra. O Petrarcha tivera a sua Laura. Ao mystico, severo e torvo Dante não faltara a tradição em assignar-lhe a meiga seducção da Beatriz para que lhe desenrugasse o triste sobrecenho e illuminasse de luz paradisiaca a fronte avermelhada pelos sinistros clarões do seu inferno.

O Tasso repartira a alma apaixonada entre a adoração de Leonor e os soffregos anhelitos da gloria. O saudoso e enamorado Bernardim tivera tambem uma princeza, a quem render amorosas hyperdulias, levantando desde a baixa condição de um timido vassallo os olhos e o espirito ás vedadas regiões, onde morava a majestade inviolavel do sangue e da pureza. Ao homem volve-se em trévas o mais risonho aspecto da existencia, quando no coração está vago o throno da mulher. Compõe-se o poeta de humanidade e phantasia. Se lhe falta o encanto feminil fica-lhe truncada a vida do sentimento e

quebrada no alaude a corda, em que vibravam as mais ternas e graciosas melodias. A mulher é tão indispensavel ao poeta como o estro e o laurel. Estes são os capitulos da sua historia: o amor, a inspiração, a gloria, o coração, o renome e a desventura.

A lenda tinha pois a stricta obrigação de vincular ao nome do Camões a memoria de uma mulher. Não foi buscal-a, como os romanos, á turba das Sabinas. Elegeu-a na côrte do proprio monarcha portuguez e fez cair a sorte venturosa em Catharina de Athaide.

A tradição inventou ou coloriu sobre um debuxo verdadeiro o romance amoroso do Camões. Vejamos que fundamentos se deparam á historia critica para confirmar a tradição ou por-lhe a nota de suspeita, ou pelo menos de conjectural e desprovida de testemunhos fidedignos.

Para attribuir ao epico portuguez muitos amores caprichosos, voluveis, passageiros, ha sobeja demonstração nos seus poemas e no que d'elle conhecemos de galanteador e romanesco. Que muito amou, não podem pôl-o em duvida os proprios commentadores, que torceram em sentido mystico e tropologico os paineis menos castos, sensuaes, que do amor nos traçou magistralmente

o seu pincel. Mas nada póde solidamente comprovar que todo o affecto da sua alma desde o viço juvenil o concentrasse no amor e na saudade de uma unica mulher, entre todas preeminente, como a Thetis da sua ilha fabulada sobreexcede na majestade e formosura ás nymphas hospedeiras da sua voluptuosa comitiva.

CAPITULO V

D. CATHARINA DE ATHAIDE

> Mas viendo hoy á Natercia tan hermosa,
> Hallo en esta prision glorias mayores,
> Y en perderlas por libre hallo tormento.
>
> CAMÕES, *Sonet.* CLXIII.

D'esta paixão amorosa do poeta ha apenas suspeitas, indicios, conjecturas. Que o grande epico tivesse entrada no paço e vivesse na côrte dos seus reis, não póde padecer contradicção. Como fidalgo, ainda que pobre, e como engenho já então florente e amimado, não parece improvavel que fosse recebido á convivencia dos que procuravam illustrar o vaidoso privilegio do seu alto nascimento com o brazão mais valioso da cultura litteraria. Era então habitual nas côrtes e entre poderosos o acolher os bons engenhos. Na Italia contemporanea era vulgar a frequencia dos poetas com os principes e senhores. Desde antigos tempos em Portugal havia sido o paço

uma como corteză academia, onde poetas numerosos alliando as graças do seu espirito á fidalguia do seu berço, faziam olvidar com as trovas e cantares a rudeza da vida social. Desde os antigos cancioneiros até á grande compilação de Garcia de Rezende, os trovadores mais primorosos são ao mesmo tempo bisarros cavalleiros.

Senão a familiaridade, a convivencia do Camões com fidalgos principaes d'aquelle tempo é attestada em numerosas composições. O favor, com que o tratou D. Manuel de Portugal, n'algumas d'ellas apparece manifesto. Não seriam porventura de igual para igual, senão de Mecenas para vate desvalido, estas benevolentes relações. Tomariam acaso os poderosos ao poeta como a quem os deleitava e comprazia com os seus versos engenhosos e com o seu talento, já então difficil de emular e de vencer. Parece que fôra esta epocha da vida, aquella, em que mais fagueira lhe sorrira a sua fortuna. Porque, segundo a confissão do poeta, n'esse tempo tinha o necessario e era querido, estimado e cheio de favores e de mercês de amigos e de damas. Assim tambem o Tasso, nos seus primeiros annos, fôra tido em grande apreço e honra na côrte de Affonso d'Este, duque de Ferrara, emquanto a

ventura não mudara o rosto prasenteiro, e não trocara em amarguras sem fim e sem remedio o primeiro e enganoso acolhimento. E estes obsequios de magnates e de principes parece o poeta aquilatar, segundo o seu valor, quando no principio da sua terceira carta, escreve a um seu amigo: «Principes de condição, ainda que o sejam do sangue, são mais enfadonhos que a pobreza: fazem com sua fidalguia com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão joeirado, que não tenha alguma hervilhaca». Talvez os grandes fidalgos e senhores, que em seu trato e conversação o recebiam, lhe fizessem a instante recordar quanto distava do esplendor e luzimento dos mais qualificados cortezãos a pobreza de um triste e miserrimo escudeiro.

A ode VII do Camões a D. Manuel de Portugal, filho do conde de Vimioso, testifica sem a minima duvida que o poeta o havia por favorecedor e patrono seu. N'aquella composição o celebra como tendo restaurado a honra e gloria da poesia nacional:

A quem farão os hymnos, odes, cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,

Senão a vós, por quem restituida
Se vê da poesia já perdida
A honra e gloria egual,
Senhor Dom Manuel de Portugal?

E logo o poeta o está proclamando por Mecenas e fautor de seu engenho:

Imitando os esp'ritos já passados,
Gentis, altos, reaes,
Honra benigna daes
A meu tão baixo, quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho,
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

Em D. Manuel de Portugal confessa o Camões ter-se-lhe felizmente deparado o arrimo protector, e a elle parece que attribue o haver sido pela opinião melhor aquilatado o seu talento, havido até então em baixa estima:

Na vossa arvore ornada d'honra e gloria
Achou tronco excellente
A hera florecente
Para a minha atéqui de baixa estima:
Nelle para trepar s'encosta e arrima.

Se a ode VII, segundo conjectura o bispo de Vizeu, foi escripta antes que o poeta se passas-

se ao Oriente, veriamos n'ella o testemunho de que em Lisboa o Camões achara amigavel convivencia e protecção em um dos fidalgos de maior valia e auctoridade entre os da côrte portugueza. D'esta poesia infere-se, porém, que o poeta já então andava trabalhando nos *Lusiadas,* porque diz expressamente:

> O rudo canto meu, que resuscita
> As honras sepultadas,
> As palmas já passadas
> Dos bellicosos nossos Lusitanos
> Para thesouro dos futuros annos,
> Comvosco se defende
> Da lei Lethêa, á qual tudo se rende.

Não é improvavel todavia, conforme ao que sente n'este ponto Faria e Sousa, allegando exactamente os versos já citados, que o primeiro esboço dos *Lusiadas,* ou antes os cartões do painel grandioso, que traçara, já trouxessem occupado o estro do Camões antes da sua viagem para a India. Assim que não se torna improvavel que o poeta, cultivando a amisade e o favor de D. Manuel e de outros fidalgos e senhores de igual ou pouco inferior grandeza e valimento, entrasse a cursar a côrte e o paço, e visse desde os primei-

ros annos festejada a sua musa. Parece que entre os seus favorecedores se contava o duque de Bragança, D. Theodosio, a quem é feito o soneto XXI, e talvez seu irmão D. Constantino, que depois regeu a India; o duque de Aveiro, o marquez de Villa Real e o de Cascaes.

Admittindo que o poeta entrasse a frequentar as perigosas regiões palacianas, não é maravilha de assombrar que lhe prendesse alli o alvedrio alguma das damas e donzellas da rainha. Não é fóra de rasão que a altas ambições se levantasse no amor o animo do Camões, como a subidos pensamentos se inclinava a altiva consciencia do seu merito. Bem podera dedicar o seu affecto a alguma das mais nobres e formosas mulheres, que serviam a rainha. Parece, de feito, que era de eminente hierarchia uma dama, que elle canta com maior insistencia e predilecção nos seus poemas lyricos.

Nos ultimos versos do soneto, em que descreve inspirado o seu amor na sexta feira santa, lastima o poeta que faça a natureza entre os nascidos tão desiguaes as condições:

> Para remediar-me não ha hi modo.
> Oh! porque fez a humana natureza
> Entre os nascidos tanta differença!

E no soneto CXXXIV, em que celebra uma victoria do seu amor, dá tambem a entender que era larga a distancia, que separava do seu *baixo estado* a condição da sua dama:

> Senhor João Lopes, o meu baixo estado
> Hontem vi posto em grau tão excellente,
> Que sendo vós inveja a toda a gente,
> Só por mi vos quizereis ver trocado.
> ....
> Oh mal haja a fortuna e o moço cego!
> Elle, que os corações obriga a tanto,
> Ella, porque os estados desiguala.

Sobre quem fosse a dama, a quem o poeta consagrava d'entre todos os seus multiplos amores o mais affectuoso e o mais sentido, ainda está pendente a lite entre os biographos. A ecloga XV intitulada: *Ecloga de Luiz de Camões á morte de D. Catharina, dama da rainha,* e descoberta em manuscripto por Manuel de Faria e Sousa, dá-nos o testemunho de que o poeta sentidamente celebrava a morte de uma Natercia, que é visivelmente o anagramma de Catharina, escripto este nome com a antiga orthographia. Tambem n'um acrostico inedito se encontra associado o nome baptismal do Camões ao nome e appellido de Catharina de Athaide. É comtudo

temerario, ou ao menos pouco seguro o firmar em ineditas composições de pouco averiguada procedencia, qualquer passo mais escuro na vida do Camões.

Desde que os biographos alcançam o que suppõe uma plena demonstração de que existiram os amores palacianos do Camões, resta ainda para elles resolver um problema de não menor difficuldade que o primeiro.

Buscavam uma só D. Catharina de Athaide, e eis-ahi que a boa fortuna lhes depara não menos que duas senhoras de tal nome. Ambas no paço andavam igualmente em serviço da rainha. Uma era filha de Alvaro de Sousa, e casando com Ruy Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes, veiu a fallecer em idade ainda viçosa e foi sepultada na capella mór do convento de S. Domingos em Aveiro. A outra, era filha de D. Antonio de Lima, mordomo mór do infante D. Duarte, e mais tarde camareiro mór do duque de Guimarães. Por esta se decide o erudito biographo, que mais detidamente e com melhores achados escavou na mina, quasi infertil, das memorias e documentos respectivos ao Camões. Mas elle proprio, tão zeloso e diligente em apurar quanto lhe parece filtrar um fei-

xe tenuissimo de luz sobre a vida enredada e obscura do poeta, é o primeiro a desconfiar de que possamos já hoje reconstruir quaes effectivamente se passaram os successos amorosos do poeta. Elle proprio se desengana de que n'este ponto só podemos urdir, ao sabor da phantasia, um reconto mais ou menos verosimil, porém sempre ideal e novellesco.

Se o Camões teve em Coimbra uns romanticos amores, segundo os vemos commemorados em alguns dos seus sonetos, poderemos perguntar se este primeiro enthusiasmo affectivo da sua alma o sagrou á mesma dama, que em Lisboa lhe enleiou o alvedrio.

O criterio para distinguir dos amores levianos e passageiros o ardentissimo culto da mulher, se ha de procurar, segundo os biographos, nas fórmas idolatricas, ou no simples tom galanteador, com que em seus poemas foram do poeta celebradas suas damas. Mas tão fervoroso e petrarchesco se nos amostra o Camões lyrico, ao relembrar a supposta Catharina de Athaide, como ao endeusar as perfeições d'aquella anonyma dama de Coimbra. O espirito se intenta destrinçar este episodio inextricavel na vida do poeta, sente-se tão enleiado a cada passo e tão aperta-

do em sombras e indecisões, que não sabe dar-se a conselho e dirimir plausivelmente esta questão. Vem aqui a ponto as expressões, com que Faria e Sousa ao commentar o soneto LXXVII, não sabendo conciliar as contradicções na lenda amorosa da Natercia, confessa ingenuamente a sua confusão: «Yo no alcanço más, quien lo alcançare, lo resuelva mejor, y me lo comunique para que lo aplauda».

Manuel de Faria e Sousa, que foi tão indefesso inquiridor da vida e dos escriptos do Camões, escrevendo apenas meio seculo depois que se apagara aquelle grande lume portuguez, não alcança colligir uma só tradição indubitavel. Referindo-se ao tempo, em que o poeta residiu em Lisboa, entre o volver de Ceuta e o passar ás partes orientaes, escreve timidamente: «Aun ay quien quiera, que todavia bolvieron a encenderse los amores de palacio i que ayudaron a esta segunda ausencia. Quien aya sido esta dama no consta. Consta que el poeta con reboço i cautela dize el nome de Violante en el soneto 13 i esso insinua peligro en declararle, ò cuydado en encobrirse. Agora dexo a los devotos de letanias de damas palaciegas, el acordarse, o averiguar las que se llamaron Violantes en palacio... i sin

duda podran assi venir en conocimiento de la tal Violante, se es que la uvo. Todavia el licenciado Juan Pinto Ribero entiende que ella se llamava doña Caterina de Almada, su prima, i que la celebrava con el nombre de Natercia, cifra del de Caterina.»

Mas o soneto, citado por Faria e Sousa, reconta de maneira graciosissima como entrando Venus e Diana n'um formoso vergel, tomara a deusa casta uma rosa por sua flor dilecta, emquanto a mãe do Amor ao lyrio elegia para si. E duvidando sobre qual d'ellas fizera melhor escolha, consultaram a Cupido, como arbitro, o qual sorrindo, lhes dissera:

> Todas formosas são, mas eu queria
> Viola antes que lyrio, nem que rosa.

A *viola,* ou violeta, como hoje dizemos vulgarmente, é, segundo a tradição, referida por Faria e Sousa, rebuço e cautela, em que o poeta parece entre-esconder e revelar o nome da sua amada.

Menos dissimulado andou o Camões no soneto CXIX, porque ahi despojando-se do rebuço, pelo nome de Violante chama sem receio á sua querida:

A violeta mais bella, que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre e formosura
Por mais bella, Violante, te obedece.

E não se creia que o poeta limita a estas poeticas lisonjas a sua adoração por essa mulher, porque logo no primeiro terceto, lhe diz apaixonado:

Oh luminosa flor! oh sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Não permittas que amor me seja avaro.

O licenciado Manuel Corrêa, como se tivera de guardar o sigillo sacramental, nem uma só palavra soube aventurar sobre este melindroso passo dos amores. Aos biographos incendidos no desejo de prescrutar os minimos e os mais escuros trances na vida do poeta, deixemol-os em paz inextricavelmente emmaranhados na rede vulcaniana, d'onde não poderão nunca desatar-se. Venhamos a assentar no que é plausivel, certo, quasi até á evidencia demonstrado.

Teve o Camões uma d'estas almas ao mesmo tempo sentimentaes e ambiciosas, que só podem viver de ardentissimas paixões. O amor e a gloria, emparelhadas, andaram-lhe sempre adiante no escabroso caminho da existencia, tapisando-

lh'o agora de palmas e de rosas, e logo de abrolhos e de espinhos. Amou ardentemente, não ha duvida. Padeceu as amarguras do mallogrado amor, e da saudade profundissima em paragens afastadas. O affecto, que lhe amolleceu o coração, a altiveza, que lhe exalçou o espirito, a fortuna, que inteiramente não logrou dobrar-lhe o animo, lhe fizeram a vida errante e infortunada. Nos seus poemas lyricos foi deixando a pedaços a sua alma, excruciada pelas terrenas e passageiras amarguras. No poema heroico legou-nos concentrado em deslumbrante luz o seu espirito illuminado pela divina e immortal inspiração. Em uns e outros cantos insculpiu em severas exprobrações a sentença eloquente contra a sua triste desventura.

Eis-ahi o que ao certo sabemos do seu coração e da sua alma. Não queiramos, distantes d'elle já tres seculos, interrogar as profundezas e os mysterios do seu apaixonado coração e do seu altissimo talento. Não lidemos por deslindar a quem amou, pois que a historia, venerando o que ha de mais santo e recatado nas humanas affeições, cobriu de espesso e largo véu as scenas intimas dos seus amores mal-agourados. Mais recatado e temeroso de incorrer em ligeiras conje-

cturas do que os demais biographos modernos, andou o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, no elucidar a romanesca historia dos amores. Não contesta o prelado eruditissimo que a indole, o temperamento e a feição peculiar do seu engenho lyrico, o tivessem arrebatado a commetter enamoradas aventuras. Racionavelmente porém relucta a sua critica, abertamente rebellada contra a sua credulidade, em admittir ligeiramente o que os biographos contemporaneos do Camões, ou ainda mui chegados ao seu tempo, referem summariamente e quasi sem o terem em grande conta, como obscura e pouco auctorisada tradição.

Opina o discreto panegyrista do poeta, que mal se congraçavam os amores enthusiastas e ideaes, e a apaixonada e terna idolatria com as formosissimas pinturas, voluptuosas e carnaes, a que tantas vezes o convida o que hoje chamariamos *realismo* erotico do seu pincel. Parece ao bom prelado ser inconsistente com o amor ardente, fervoroso, verdadeiro — que todo se abrasa e se consome no seu fogo e se repasta de si mesmo, na ausencia e na saudade, — o estylo conceituoso, rhetorico, rebuscado, em que não raro se expandia a alma do poeta. Para ser a espontanea e violenta

explosão do amor, que desespera e que se estorce em cruciantes amarguras, é correcta, polida, artificiosa, academica de mais a fórma do dizer. Quem, sem o proposito de achar nas proprias palavras do Camões a infallivel confirmação da lenda romanesca, lê despreoccupado muitos dos seus poemas amatorios não póde menos de notar, sem desdouro do poeta, que n'elles muitas vezes mais reluz a phantasia arrebatada que o profundo sentimento; mais se observa o intento de pompear todos os artificios da arte imaginosa que a simples e desornada melopéa da paixão. Os anhelos e os soluços da desesperança e da saudade mal se escutam abafados pelo tom do grandiloquo dizer. E se o poeta a mais que uma unica mulher dedicou os seus cantos maviosos e desde as baixas prisões até aos affectos mais sublimes se deixou enfeitiçar por tantas Circes enganosas, como havemos de entender esta paixão ardente, exclusiva, desesperada, que os biographos figuram no Camões? Ao menos o vate de Vaucluse, a cuja imitação o lyrico portuguez é porventura devedor de muitos falsos testemunhos amorosos, soube n'uma só affeição impaciente, mas castissima, real, ou por elle fabulada, concentrar todo o fogo da sua alma

e toda a inspiração do seu fecundo e gracioso poetar.

Tão enredada e insoluvel andou sempre a historia amorosa do poeta com a dama de palacio, que os biographos mais empenhados em acrescentar a aureola do amor exaltado e romanesco ás excellencias metricas do vate, jámais alcançaram desenleiar-se de tantas e tão recrescentes contradicções. Manuel de Faria e Sousa na vida do poeta, publicada á frente das rimas do Camões, escreve com discreta ingenuidade:

«Veo tambien que el poeta escrivió sonetos amorosos y otros poemas, quando salió de Lisboa para la India; y assi no sé resolver esto, sino con dezir que D. Catalina vivia al tiempo desta ausencia, ó si era muerta, él avia dado principio a otros amores. Quien lo entendiere mejor me lo diga.»

CAPITULO VI

O DESTERRO

> Assi só, de seu proprio natural
> Apartado, se via em terra extranha,
> A cuja triste dor não acha egual.
>
> CAMÕES, *Eleg.* 1, 7.

O que parece ter visos de plausivel, se bem não attestado por fundamento irrefragavel, é que o poeta, ou por estas aventuras amorosas, ou por outra alguma rasão desconhecida, se viu desterrado de Lisboa, e relegado por algum tempo a um logar do Riba Tejo.

Na vida, que primeiro escreveu de Luiz de Camões, diz Faria e Sousa:

«I ay tradiciones que una dama de palacio fue la ocasion de su destierro... El logar deste destierro no está claro, aunque mas adelante dize, que desde donde estava via el Tajo... I esto nos persuade a que creamos, que devia estar en la villa de Santarem.»

E na vida que antecede á edição das *Rimas varias,* de 1685, assevera com maior claridade:

«Lo que se tiene por infalible es, que de averse encendido mucho estos amores en palacio con esta señora, resultó (parece que a instancia de los parientes della) el desterrarle. El logar deste destierro tiene qualquier duda, pero de lo que se puede entender de la elegia 3. en que le llora, parece fué en Santaren, porque de alli se vé el Tajo y él dize que le estava viendo: y tambien se infiere algo desto de las redondillas 44.»

Pedro de Mariz ainda mais laconicamente, e talvez com menor persuasão, escreve:

«Vendo-se neste desemparo (ou como alguns disem homisiado, ou desterrado, por uns amores no paço da rainha) se embarcou para a India.»

A formosa e melancolica elegia, em que o poeta, descrevendo a principio o desterro do Ovidio, se lastima de igual sorte e similhante iniquidade, é claro testemunho de que padeceu, como o vate dos *Amores,* ainda que menos acerba e dolorosa, a dura punição de alguma culpa ligeira e venial.

Depois de epilogar as dores do sulmonense n'aquelle sentidissimo terceto:

Assi só, de seu proprio natural
Apartado, se via em terra extranha,
A cuja triste dor não acha egual,

Volve o Camões os olhos para si mesmo e rompe n'estes queixumes lastimosos:

Dest'arte me figura a phantasia
A vida, com que morro desterrado
Do bem, qu'em outro tempo possuia.

Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.

Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.

Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e m'entristece
Ver sem razão a pena que m'alcança.

Que a pena, que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muito doe, a que se não merece.

N'estes versos, onde, mais que em nenhum rapto lyrico do Camões, transparece e reluz o verdadeiro sentimento, sem o adorno habitual dos conceitos e das citações mythologicas, parece-nos estar vendo reproduzidas, talvez com maior me-

lancolia e formosura, as queixas do poeta florentino, quando no canto XVII do *Paraiso* commemora o seu desterro:

Tu lasciarai ogni cosa diletta
Più caramente: e questo é quello strale,
Che l'arco dell'esilio pria saetta.

Tu proverai, si come sa di sale
Lo pane altrui, si com'é duro calle
Lo scendere e' l salir per l'altrui scale.

E quel, che più te graverá le spalle,
Sará la compagnia malvaggia e scempia,
Con la qual tu cadrai in questa valle;

Che tutta ingrata, tutta matta ed empia
Si fará contra te; ma poco appresso
Ella, non tu, avrá rossa la tempia.

Di sua bestialitate il suo processo
Farà la pruova, si ch' a te fia bello
Averti fatta parte per te stesso.

DANTE, *Paradiso,* cant. XVII, 55-69.

E como a sinistra predicção de Cacciagruda ao exule glorioso de Florença, se podera applicar ao que tambem padeceu em seus desterros, forçados ou voluntarios, o grande poeta portuguez; á pobreza, á esmola, á ingratidão, á inveja, á calumnia, á mesquinhez d'aquelles, com quem viveu!

Dos versos, que citámos do Camões n'aquella elegia lacrymosa, ressumbra, sem dubitação, o

exilio, a que na côrte o condemnaram. Não é figuradamente que se chama desterrado. Não é a ausencia occasional, que o traz afastado do *bem que em outro tempo possuia*. Alli, no logar do seu desterro, vê a *caduca e debil gloria desenganar-lhe o erro com a mudança, que faz a fragil vida transitoria*. Até aqui ainda o Camões poderia alludir veladamente a desventuras differentes de um exilio. Mas quando o poeta diz que lhe representa a lembrança, quão pequena é a sua culpa, e o entristece o ver a pena, que sem rasão lhe tem imposto, ninguem poderia, sem incorrer em vicioso e extremo scepticismo, duvidar de que á margem do Tejo seu tão querido, pranteava um desterro penal e verdadeiro.

N'um terceto da elegia dá o poeta expressamente ao seu afastamento de Lisboa o nome de degredo:

> Não póde tanto bem chegar tão cedo,
> Porque primeiro a vida acabará
> Que se acabe tão aspero degredo.

Não se póde contestar que o poeta estava longe de Lisboa por ausencia involuntaria, e que sentidamente se estava lastimando de que sem culpa e sem rasão lhe tinham infligido aquella

pena. Seria o amor a causa do exilio? O parallelo, que estabelece entre si e o lyrico romano, induziria a suspeitar que peccadilhos amorosos teriam sido, senão a causa, ao menos a occasião do seu degredo. O Camões parece dal-o a entender, quando nos diz que estendia os olhos saudosissimos para a banda, onde lhe ficara o amor e o coração:

> Despois de farto já do meu tormento,
> Estendo estes meus olhos saudosos
> Á parte donde tinha o pensamento.

E desesperava o poeta de que terminasse brevemente a dura penalidade, ou porque já levaria largo tempo depois de seu começo, ou porque o odio e a vingança de seus perseguidores lhe não deixasse esperanças de perdão.

Fallando com o seu Tejo, escrevia o Camões impaciente:

> Ó fugitivas ondas, esperae,
> Que pois me não levaes em companhia,
> Ao menos estas lagrimas levae.
>
> Até que venha aquelle alegre dia,
> Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.
> Mas tanto tempo quem o passaria?

Livre, dizia o vate oppresso e enamorado. Livre n'aquelle dia venturoso, porque o poeta ao cantar estava como preso no logar para onde o tinham relegado.

Nem sequer o conforto lhe restava de contar os longos dias ao fim dos quaes havia de fenecer o seu exilio. Esperava que primeiro se lhe havia de acabar a vida, que o degredo. E temia que em tal desesperação houvesse de morrer, que descresse do ultimo destino da sua alma.

> Mas essa triste morte, que virá,
> S'em tão contrario estado me acabasse,
> Est'alma assi impaciente adonde irá?

Se fôra possivel acceitar como fidedignos e historicos depoimentos, em sentido litteral, as palavras, que o poeta faz dizer á sua dama, haveriamos de inferir, que pela indiscrição ou ousadia do Camões, os seus amores palacianos se romperam. Na ecloga III introduz o poeta como interlocutores o pastor Almeno e a pastora Belisa, discreteando largamente em seus amores. Será Belisa, o anagramma de Isabel, a mulher, que no paço inflammou em amor violento e indomavel o coração sensivel do poeta? Será a mesma, que

apparece figurada com o nome de *Sibela,* outro anagramma de Isabel, no vigesimo soneto:

> N'hum bosque, que das nymphas se habitava,
> Sibela, nympha linda, andava hum dia.

Será talvez a propria que reapparece no soneto CXL, onde o poeta escreve, protestando-lhe amor enthusiasta:

> Tal mostra de si dá vossa figura,
> Sibela, clara luz da redondeza,
> Que as forças e o poder da natureza
> Com sua claridade mais apura.

Porque lhe muda agora o nome e não lhe accommoda o disfarce de Natercia? E porque será que o poeta agora se transfigura em Almeno, que é manifestamente o anagramma de *Manuel?* Canta o Camões porventura n'esta ecloga os seus amores, ou presta apenas a sanfona pastoril aos lamentos de um amigo tão queixoso e enamorado como elle? Porque não se appellida antes *Liso,* transparente dissimulação do seu proprio nome baptismal, como no soneto XIV, que principia:

> Todo animal da calma repousava,
> Só Liso o ardor della não sentia.

e como nos sonetos CIII e CXLVII, onde o Camões enlaça os nomes de *Liso* e de *Natercia,* queixando-se acerbamente no segundo de que ella perjurou o seu amor:

> Quando esses olhos teus n'outro posestc,
> Como te não lembrou que me juraste
> Por toda a sua luz que eras só minha?

Com o que ficaria demonstrado que ou esta Natercia não foi a pura e castissima donzella que inflammou em ardentissima paixão a alma do poeta, ou que D. Catharina de Athaide não foi tão leal ao seu poeta, como phantasiam os biographos.

Porque na ecloga, principal cidadella dos biographos romanescos, não se trasmuda antes de Almeno em *Soliso,* como no soneto CLXI, em que diz mil hyperboles conceituosas á sua gentil Natercia:

> Á la margen del Tajo, en claro dia,
> Con rayado marfil peinando estaba
> Natercia sus cabellos, y quitaba
> Con sus ojos la luz al sol que ardia.

Sombras, sempre sombras, que recrescem, quanto mais se intentam illuminar e desfazer. Se Belisa fôra a dama requestada pelo Camões no proprio estrado da rainha D. Catharina, teriamos

achado um veio inexhaurivel para a historia anecdotica dos seus intimos amores. Eis-aqui as vozes saudosas da zagala:

Nesta'spessura longo tempo amei:
Se m'enganei com quem do peito amava,
Não me pezava de ser enganada.
Fui salteada emfim de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto e são.
Conversação foi fonte dest'engano,
Que por meu damno entrou com falsa cor.
Porque o amor na nympha, que he segura,
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Pois se houve culpa, foi do firme amor
Só, n'hum pastor, que nunca sol nem lũa,
Ou serra algũa, desde o Ibero ao Indo,
Outro tão lindo viram, tão manhoso.
Nest'amoroso estado e fé que tinha
Nest'alma minha tão secretamente,
Vivi contente, amando e encobrindo.
Elle fingindo mentirosos damnos,
....
Tu, manso Tejo, e tu florido prado,
Do mais passado, emfim, que aqui não digo,
Sereis, m'obrigo, testemunho certo,
Pois descoberto vos foi tudo e claro.
Oh tempo avaro! oh sorte nunca igual!
Quão grande mal quereis á humana gente!
Porque hum contente estado assi trocastes?

Vós me tirastes do meu peito isento
O pensamento honesto e repousado,
Já dedicado ao côro de Diana.

N'estes versos se lastima a pastora de que, sendo a principio salteada de um amor casto e são, como quem d'antes se tivera a Diana consagrado, entrou depois em culposa conversação e tracto com o amante gentil, de quem se queixa. Aqui se doe a pastora de ter porventura traspassado os termos de um affecto ideal e puro, qual o amor, que entra sempre em figura de honesta e decorosa inclinação. Aqui se escusa a dama de seu erro, e entrega á discrição do Tejo o recontar o mais que elle já sabe, e ella não ousa descrever.

Censura a nympha e reprehende o seu temerario e louco amante:

Não és tu de saber tão falto e rudo,
Que tão sem siso amasses, como amaste.

Defende-se o pastor, allegando em sua apologia o ser o amor, quando ardente, desasisado:

Onde viste tu, nympha, amor sisudo?
....
E como te não lembras do perigo,
A que só por m'ouvir te aventuravas,
Buscando horas de sésta, horas d'ábrigo?

Confirma-se Belisa no amor, que jurára ao seu Almeno, e confessa-lhe que tem ainda viva n'alma a paixão, que a devorou:

Mal conheces, Almeno, huma affeição;
Que s'eu desse amor tenho esquecimento,
Meus olhos magoados t'o dirão.

Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuidando,
Foi causa deste longo apartamento.

. . . .

Hum só segredo meu te manifesto,
Que te quiz muito, emquanto Deos queria,
Mas de pura affeição, d'amor honesto.

E pois de teus descuidos e ousadia
Nasceu tão dura e aspera mudança,
Folgo; que muitas vezes t'o dizia.

Fica-te, embora, e perde a confiança
De ver-me nunca mais, como já viste:
Que assim se desengana huma esperança.

Eis-ahi transcripta fielmente uma das peças mais notaveis d'este longo e intimo processo que ha de pender quiçá para sempre irresoluto.

O sobejo e livre atrevimento d'esse amante mysterioso, transcendendo as raias do que permitte o amor ideal e immaculado, o pouco recato e compostura em o dissimular e esconder, eis-ahi

as causas do necessario, mas custoso rompimento entre a pastora penitente e o seu inconsolavel amador.

Por eximir-se á culpa e ao castigo, invoca Almeno a alheia malevolencia, com que macularam o seu amor:

> Se más tenções pozeram nodoa fêa
> Em nosso firme amor, d'inveja pura,
> Porque pagarei eu a culpa alhêa?

A ecloga III seria o mais illucidativo commentario para desenredar este espinhoso passo na vida do Camões, se podessemos pôr inteira fé em que nos seus versos está viva a historia do poeta, e não uma ficção da sua livre e opulenta phantasia.

Ora as eclogas são exactamente de todas as fórmas poeticas, largamente usadas no seculo XVI, as que mais se desentranham em querellas amorosas de pastores e em sentidas exprobrações aos rebeldes e obdurados corações de zagalas infieis.

Quem não conhece e não póde pôr em parallelo com o poema pastoril, que já citámos, a maviosa ecloga, aonde o Garcilaso, poeta, soldado e amador como o Camões, põe na enamorada bôca

de Salicio os suaves e ternissimos queixumes pela ingratidão da sua desapiedada Galathea. Transcrevamos d'ella apenas alguns versos na orthographia das primeiras edições:

O mas dura que marmol á mis quexas,
Y al encendido fuego, en que me quemo,
Más elada que nieve Galatea!
Estoy muriendo y aun la vida temo:
Temola con razon, pues tu me dexas,
Que no ay sin ti el vivir para que sea.
Verguença he que me vea
Ningun en tal estado;
De ti desamparado
Y de mi mismo yo me corro agora:
De un'alma te desdeñas ser señora
Donde siempre moraste, no pudiendo
Della salir un'hora,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.
....
Tu dulce habla en cuya oreja suena?
Tus claros ojos á quien los bolviste?
Por quien tan sin respecto me trocaste?
Tu quebrantada fe, do la pusiste?
Qual es el cuello, que como en cadena
De tus hermosos brazos añudaste?
No ay coraçon, que baste,
Aunque fuesse de piedra,
Viendo mi amada yedra
De mi arrancada, en otro muro asida,

Y mi parra en otro olmo entretexida,
Que no s' esté con llanto deshaziendo
Hasta acabar la vida.
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

E ainda mais continua em suas magoas amorosas, doloridas o namorado e misero pastor na ecloga sentida, porventura a mais correcta e mais gentil modulação da avena pastoril na bucolica hespanhola.

E quem ao ler as ternissimas strophes não sentirá mollificado e compassivo o coração em presença das tristes desventuras do poeta? E comtudo diremos que Salicio é certamente o proprio Garcilaso renovando a memoria dos amores, em que a esperança cifrou a fé e o desengano?

Á maneira do saudoso e terno Garcilaso foi o lyrico Boscan sempre incansavel em celebrar com amargas recordações os seus amores.

Entre os sonetos seus ha um, em que o poeta, impaciente porque tem entre si e a sua querida a tantos plainos e tantas serranias, já não póde conformar-se com a ausencia, ao parecer involuntaria, e está quasi determinado a volver á terra, onde ella habita, ainda que n'este passo haja de commetter a ultima loucura:

Quando será que buelva á ver los ojos
de donde amor me haze tanta guerra,
y pueda estar mirando aquella tierra,
do me dexé con todos mis despojos?

No puedo triste mas con mis enojos
á cada passo el coraçon me cierra,
ver tanto llano em medio y tanta sierra,
por do el vivir me arrancan á manojos.

Ando mil vezes por tomar el velo
y alla bolver sin esperar sazon,
y hazer por mas seso esta locura;

Pero luego levantase un recelo,
conozco que me engaña el coraçon
y quedo estoy por no estragar la cura.

E dir-se-hia, por forçoso consectario d'estes versos, que o poeta andava desterrado por causa de uma dama, e que do logar do seu degredo, rompendo contra a obrigação e a fortuna, queria desacordado e louco por extremo volver á terra onde tinha captivo o coração? E quem não verá comtudo nas breves clausulas do soneto de Boscan a mesma expressão de sentimento, que na ecloga 1 do Camões está mais largamente amplificado?

Em finezas e requebros de poeta não se ha de

pôr inteira fé. Andam muitas vezes como amoraveis passarinhos em suas modulas endeixas, trinando melancolias e arrulhando saudades do ninho, onde lhe ficam seus amores. E quantas vezes estão já, vagabundos do sentimento, ennastrando de capellas e de flores os mimosos cabellos femininos, que lhe hão de ser assumpto a novos cantos e devaneios?

Seja porém qual for a causa, que ao nosso poeta occasionou o seu desterro, não padece contradicção que a elle o condemnassem as invejas dos seus emulos e as malquerenças dos poderosos. Talvez os amores de palacio, descomedindo-se mais do que pedia a modestia e o decoro, fossem parte principal no seu exilio. Quem, na phrase do Camões, viu jámais amor, que tenha siso? Dizer amor violento é dizer o mesmo que anarchia dos affectos e torvação do entendimento. Nem o amor que cifra n'uma só mulher todas as chammas do coração, e que só d'ella quer viver, ou morrer por ella, é outra cousa mais que um estado pathologico, uma affecção nervosa, caindo na restricta jurisdicção da psychiatria: affecção aguda, perigosissima para os ardentes e impetuosos temperamentos e para as almas susceptiveis de improvisas e vehementes impressões; affecção

chronica, menos deleteria para as morbidas sensibilidades e para os animos propensos á doce melancolia. Não é pois muito que o poeta padecesse desde a primeira juventude alguma d'estas violentas remettidas da doença meio-sentimental e meio-erotica, e desatinado pelo impeto de accesso mais febril, caisse nos erros, que Belisa, na ecloga citada, reprehende ao seu pastor.

Porventura andariam já publicos os amores, e correria com a murmuração a nova em toda a terra. Não é impossivel que as *más linguas, peiores tenções, damnadas vontades,* de que falla o Camões na carta primeira, se levantassem contra o poeta, e ainda mais contra o galan e com errada perspectiva, acinte deformassem o que não era tão culposo, como lhes parecia, e de puras venialidades o avultassem até sair peccado atroz e merecedor de acerba penitencia. E aqui vem a ponto as palavras castelhanas, que na carta do Camões completam a sua queixa contra os seus perseguidores e inimigos. *Damnadas vontades,* escreve o poeta, *nascidas de pura inveja de verem* «su amada yedra de si arrancada y á otro muro asida». Ora são estas justamente as expressões de Garcilaso, n'uma das estrophes, que da ecloga primeira transcrevemos. E é singular,

que, segundo nos parece, nenhum biographo reparasse no valor de tão notavel citação. A *amada yedra,* ou hera, arrancada de si e asida ou enleada a outro muro, é na expressão poetica do lyrico hespanhol a mulher, que Salicio, o pastor, amava perdidamente e que outro mais feliz galanteador conseguiu arrebatar-lhe. É pois certo que as *más linguas, peiores tenções, damnadas vontades,* nascidas de se verem despojadas ou desasidas da sua *amada yedra,* está apontando litteralmente e sem ambiguidade — porque é n'uma carta familiar, não em poema — ás traças e meneios dos seus inimigos e rivaes, em vingança do que fora o Camões preferido nos amores. E se pomos em parallelo as *peiores tenções* na epistola, e as *más tenções* na ecloga III, parece em extremo ser provavel que o desterro proviria d'esta causa. Talvez alguma rixa, que desse na côrte grande brado, aggravaria a amorosa culpa do Camões. Era o poeta propenso, por seu irrequieto e bellicoso natural a pendencias e arruidos.

Na ecloga II dá o Camões por funesto e necessario cortejo de amores desasisados os *perigos, linguas más, murmurações, ciumes,* e como sequencia inevitavel, *arruidos, competencias, nojos, mortes, perdições.*

Quem fossem os rivaes ou inimigos, que negociaram o desterro, não ha sequer por onde o rastrear. Seriam os parentes offendidos? Seriam os pretendentes despeitados? Eram poderosos para achar contra o poeta favor e cooperação em quem mandava? Parece que assim devia ser. O Camões apesar da sua nobre genealogia, era caído em pobreza e obscuridade. O seu titulo principal seria então provavelmente o talento de poeta, não a valia de cortezão. Os testemunhos contemporaneos e os successos da sua vida testificam a pobreza e desarrimo, em que passou as verdes primaveras, prenuncio do que seriam, aggravados por acerbos desenganos, os seus tempos derradeiros.

Ao dedicar a D. Rodrigo da Cunha, que depois foi arcebispo de Lisboa, os *Lusiadas*, commentados por Manuel Corrêa, dizia Domingos Fernandes, encarecendo os meritos do poeta: «As obras, que nelles se referem, são heroycas: a linguagem portugueza, o auctor *humilde:* variedade digna de com algũa consonancia, não desagradar aos ouvidos de vossa mercê. Pois he descendente de tão famosos heroes; produzido das melhores plantas portuguezas».

Não é pois de assombrar que, ainda por levissi-

mos peccados, os poderosos mal-soffridos contra um *humilde,* que só levava á cinta a espada, na mão o alaúde, descarregassem facilmente as iras de quem tinha poder e auctoridade. Onde se passou o desterro do poeta não é ponto decidido entre os biographos. Manuel de Faria e Sousa dá a triste preeminencia a Santarem, allegando os versos do Camões na elegia, em que deplora o seu exilio. E d'alli apparece manifesto que seria em povoação de Riba Tejo. Um biographo nosso contemporaneo inclina-se, não sabemos com que valioso fundamento, a que fosse a villa de Constancia, que então era chamada de outro nome, o logar, aonde foi relegado o grande epico. A uma e outra povoação quadram no mesmo grau as descripções da elegia. Ignora-se inteiramente quanto durou este degredo, e se terminou por graça e perdão da realeza, se por se haver cumprido o tempo do castigo.

CAPITULO VII

CAMÕES NA AFRICA

> A fortuna me traz peregrinando,
> Novos trabalhos vendo e novos danos:
> Agora o mar, agora exprimentando
> Os perigos Mavorcios inhumanos.
>
> *Lusiadas,* VII, 79.

Restituido á côrte, sabemos que o poeta se passou a Africa, gloriosa e antiga escola primaria das portuguezas galhardias militares. Foi voluntariamente que o poeta se offereceu á guerra contra os mouros? Foi pura commutação do primeiro desterro, solicitada pelo Camões, para que ao menos resgatasse com a gloria das emprezas africanas a humilhação e a magoa do castigo? Não é facil desatar esta questão.

Se no quasi inextricavel e obscuro labyrintho da vida mysteriosa do Camões podesse alumiarnos a debil claridade, que a espaços phosphorece n'uma ou outra das suas poesias amorosas,

houveramos de rastrear que ao deixar Coimbra pela côrte, já vinha resoluto a expatriar-se, se acaso com a mudança de terras e de climas mudaria tambem o rosto a sua fortuna. No soneto CXXXIII, em que amorosamente se despede do Mondego, solta o poeta d'este modo o grito de queixume e da saudade:

Doces e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cego,

De vós me aparto; si: porém não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alonga, mais me achego.

Bem poderá a Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e extranha
Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, voa, e em vós se banha.

N'estas querulas palavras parece que o poeta ao alongar-se do predilecto rio da sua primeira juventude, vem já determinado a buscar extranha e nova terra, e a offerecer-se aos mares bor-

rascosos e longinquos em longa e trabalhada navegação.

Que em Ceuta viveu e pelejou não o podemos contestar, porque sem mysteriosas allusões, senão por termos formaes e decisivos, nos dá conta de que alli esteve militando.

Na elegia II, o Camões, pranteando a ausencia em que

> ... huma pouca vida, estando ausente
> *Lhe* deixa Amor

escreve em sentidissimos tercetos:

> Ando gastando a vida trabalhosa
> E esparzindo a continua soidade
> Ao longo de huma praia soidosa.
>
> Se quero em tanto mal desesperar-me,
> Não posso, porque Amor e saudade
> Nem licença me dão para matar-me.
>
> E com isto figuro na lembrança
> A nova terra, o novo trato humano,
> A extrangeira progenie, a extranha usança.

Era pois extranha, nova, de trato diversissimo da patria a terra, em que habitava. E bem ao vivo declara que era Ceuta, quando escreve:

> Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
> Do altissimo Calpe dividio,
> Dando caminho ao mar Mediterrano.

E que trazia as armas sempre vestidas, sem que a peleja désse treguas ao amor, declara n'estes versos:

> Mas nem com isto, emfim, que'stou dizendo,
> Nem com as armas tão continuadas
> D'amorosas lembranças me defendo.

Na carta inedita escripta de Ceuta pelo Camões a um amigo (se em pontos biographicos não é perigosa e temeraria a fé implicita em ineditos) descreve o poeta a miseravel situação, em que então ia declinando para o seu termo aquelle padrão glorioso das antigas façanhas portuguezas. N'ella, com a satyrica mas justa dicacidade, com que soube sempre castigar os desmanchos e as corrupções da sua gente, vae pintando o viver e os costumes dos seus compatriotas n'aquella praça. E accrescenta depois:

> Da guerra novas mais certas
> Brevemente são contadas.
> No verão portas fechadas,
> No hinverno pouco abertas;
> Qualquer mouro desmandado
> Nos commette sem n'hum pejo,
> E aquelle postigo vejo,
> Que sempre esteve fechado.
> Isto não he praguejar,

Mas toda a culpa he da fome,
Porque gente, que não come,
Mal poderá pelejar.
Assim estão muitos no dia
Com os olhos na tramontana,
Mirando la mar de España
Como menguava y crecia.
Elles contra o capitão;
Emfim tal vae tudo aqui
Que brado grande e pequeno,
Tiempo bueno, tiempo bueno
Quien se te llevó d'aqui.

Já as glorias portuguezas andavam n'este lastimoso desbarato. Costume era já então usado em Portugal deixar morrer de fome os que meneam armas em sua defensão e exigir da honra e do dever dos miseros soldados o que na paga se amesquinha e regatêa.

Se qualquer mouro desmandado, como dizia o Camões, era poderoso a commetter os defensores da gloriosa praça de Africa, nem sempre alcançavam realisar a sua algara, sem que provassem o que ainda restava de brio e gentileza nos degenerados successores dos antigos soldados africanos. Na carta segunda escripta de Ceuta a um amigo, recontava o Camões um recontro, em que se achara com os berbéres:

Contar feitos esquecidos
He muito contra minh'arte.
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte
Houve homem, que dizia,
Na força do mór receo:
Donde estás que no te veo,
Que es de ti, esperanza mia?

E este homem era sem duvida o Camões, que ainda no duro officio de soldado trazia abertas e sangrentas as feridas, que no peito lhe talhara o amor e a saudade.

Saudoso e namorado andava sempre sem que a grita e estridor de escaramuças lhe apagassem no ouvido o som, que n'elle continuamente lhe toava, repetindo-lhe o nome da sua amada. Descasado, como d'antes, andava da fortuna, que nos primeiros annos o amimara, rasgando-lhe enganosos prospectos no porvir.

Roiam-lhe o coração melancolias, torvavam-lhe o espirito sinistros assombramentos. Muitas vezes o doloroso cortamento das forças do seu animo lhe fazia desesperar de que podesse um dia recobrar-se em ventura mais benigna. Na carta segunda escripta de Africa (querem alguns que a endereçara a D. Antonio de Noronha) quei-

xa-se o Camões de que o mudar de terra e de viver lhe não cambiara em nada a sua fortuna:

Acho-me mui enganado
De hum engano, que trazia;
Não cuidei que n'hum cuidado
Tantos cuidados havia:
Cuidei que vida mudada
Mudasse tambem ventura:
Mas a má sempre he segura
E da boa não sei nada.

Sobre ter sido violentada a residencia do Camões em terras de Africa, bem podem allegar-se alguns indicios, que vemos dispersos e allusivamente declarados nas duas cartas, que de Ceuta enviou para Lisboa:

Escusando-se na primeira de não haver dado mais cedo novas suas, rompe o Camões n'estas palavras:

Se isto não fiz dês que vim,
Não me queiraes condemnar
Que não tive ainda logar
Para tornar sobre mim.
Perdão merece esta culpa
(Por) Que alem de ser pequena
La causa que me condemna
Me serve (irá) de desculpa.

E mais adiante:

Nenhum remedio a meus damnos
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia
Que ha de ser fim de dous annos.
Mas tem meu mal tal graveza
Que despois de me lá ver,
Ya no llegará el plazer
A do llegó la tristeza.

Afigura-se pois com rasoada probabilidade que á sua morada em Ceuta lhe taxara, quem podia, praso certo, em tal maneira que lhe era ao Camões forçoso o aguardar o termo d'esta ausencia ou por obrigação ou por castigo.

A missiva conclue com estes versos:

Porém emquanto não vejo
O dia das alabanças,
Lembre-vos que as esperanças
Puz em vós de meu desejo:
Entretanto meu tormento
Soffrerei sem me queixar,
Pues que sufrir y callar
Conviene á mi pensamiento.

Como quem pretendera significar o seu receio de que novas indiscrições e impaciencias alongassem o desterro.

Na carta segunda escreve o Camões ao que parece consolador de suas desditas e secretario fiel de seus amores:

> Ando com alma cansada,
> Suspirando cada hora,
> Por el tu amor señora
> Pasé yo la mar salada.

E aqui parece dar a entender que amores desditosos o fizeram confiar-se ao mar salgado e buscar suas novas aventuras em terras de moirama.

E na carta primeira capitúla o poeta pela mais incomportavel das suas tribulações que outros olhos, e não os seus, possam embevecer-se e enleiar-se n'aquella formosura de que só elle é merecedor pelo muito que lhe quer:

> O mór mal, que cá padeço,
> He ver quanto sem rasão
> Outros olhos lograrão
> O que eu por amor mereço.
> Isto tanto me entristece
> Que depois que estou aqui,
> Placer no sabe de mi,
> Cuidado no me falece.

Nos tempos, em que militou em Ceuta, se passou o recontro onde o poeta perdeu o olho di-

reito e solveu o primeiro preço d'este insigne privilegio, com que poderia dizer depois nos seus *Lusiadas* com jactancia nobilissima:

Para servir-vos braço ás armas feito.

Assegura Faria e Sousa que fora no mar esta peleja e travada certamente com gente musulmana, com quem traziamos sempre guerra viva. E assevera, fundado na tradição e nas proprias palavras do poeta, que n'aquelle conflicto naval perdera o Camões o olho direito, por lhe haver saltado n'elle uma centelha no disparo de um canhão.

Na canção XI proseguindo o poeta a narração das suas aventuras allude claramente á ferida, que recebera n'um combate.

D'est'arte a vida em outra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero e irado,
Qu'eu, inda assi, por outra a não trocara;
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara;
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse e tocasse o acerbo fructo seu.
E n'este escudo meu.
A pintura verão do infesto fogo.

Nas vozes com que o poeta se doe profundamente de seus longos infortunios, podemos a

agora crer como dictadas pelo coração sem mescla de episodio fabulado. O Camões ao terminar a canção undecima attesta a verdade pura do que em seus versos tem narrado:

> Não mais, canção, não mais qu'irei fallando,
> Sem o sentir, mil annos; e se acaso
> Te culparem de larga e de pesada
> Não póde ser (lhe dize) limitada
> A agua do mar em tão pequeno vaso.
> Nem eu delicadezas vou cantando
> Co'o gosto do louvor, mas explicando
> Puras verdades já por mi passadas
> Oxalá foram fabulas sonhadas.

Não declara a canção onde o Camões *provou os acerbos fructos de Marte.*

É de suppor que fosse durante as suas guerras africanas. Porque escrevendo o poeta desde a India a sua primeira carta, logo a pouco espaço de chegado áquellas regiões e contando com sua galante jocosidade os desvarios da sua fortuna, diz expressamente estas palavras: «Mas um Manuel Serrão, que, *sicut et nos* manqueja de um olho, se tem cá provado arrasoadamente, porque fui tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a um soldado, o qual pela postura de sua pessoa, era cá tido em boa conta.»

Quizeram alguns dizer que fizera o Camões as primeiras armas tendo o proprio pae por companheiro, o qual seria talvez soldado velho e experimentado. Faria e Sousa affirma que assim o contavam as relações.

«Dizen las relaciones que el poeta peleava al lado de su padre.»

Um biographo nosso contemporaneo cita ainda como documentos comprobativos de que fora exilio a residencia do Camões em terras de Africa, a sua canção II, a ode III, e a elegia XVI. Por entre a bruma das allegorias e dos similes mythologicos não é facil descortinar a que successos reaes da sua vida o poeta se refere. A corda, que elle vibra alli continuamente, é a do seu amor desventurado e a dos tormentos, que em retorno lhe deu de tanto affecto, a mulher a quem sagrara a sua adoração.

CAPITULO VIII

A VOLTA DE AFRICA

> Vejo o puro, suave e rico Tejo
> Com as concavas barcas que nadando
> Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
>
> *Elegias*, I, 2.

Já de Ceuta o Camões era volvido á patria em 1550, porque n'esta data encontramos o seu nome no registo dos homens de armas, que ás partes orientaes haviam de ir servir n'aquelle anno.

Assim nol-o assegura Faria e Sousa, guiado pelo documento, que á sua diligencia se deparou no archivo da casa da India.

Devia o Camões embarcar-se em a náo *S. Pedro* em que havia de passar á India o vice-rei D. Affonso de Noronha. É plausivel que o poeta o acompanhasse desde Ceuta, porque da capitania d'esta praça o provera D. João III na suprema administração do imperio portuguez no Oriente,

quando chegou a Portugal a infausta nova de ser morto D. João de Castro e de haver-lhe succedido no governo D. Garcia de Sá em annos já provectos.

Ignora-se a rasão por que o poeta dilatara para mais tarde a sua partida. Porque só veiu a embarcar-se finalmente em 1553.

De quanto o animo impetuoso do Camões era propenso a deixar-se arrebatar de bellicosas impulsões e a renhir em pendencias de mancebo, temos irrefragavel testemunho no que lhe succedeu estando em Lisboa, depois de ter cursado em Ceuta a sua primeira escola de soldado.

Era cerca da conjuncção, em que para a India se embarcou. Festejava-se na côrte a procissão de *Corpus Christi* com aquella grandeza e luzimento, com que uns restos e memorias do velho paganismo usavam mesclar ás augustas solemnidades religiosas e christãs as profanas representações de uma *pompè* grega nas festas apparatosas de Ceres ou de Baccho. Era n'aquellas edades meio-crentes e meio-barbaras a procissão do Corpo de Deos a mais esplendida e variada combinação de espectaculo mundano e de publica e solemne devoção. N'ella se associavam as lustrosas mundanidades, que enfeitiçam os sentidos e as graves

recordações, que levantam os espiritos á celestial contemplação.

Toda a cidade era alegre e festiva aquelle dia. As danças, as chacotas, as figuras truanescas e theatraes, que desfilavam no immenso prestito, a serpear brilhante ao sol estivo nas ruas tortuosas junto da cathedral, faziam da primeira festa do catholicismo, — a commemoração da eucharistia, — uma celebração gentilicamente entretecida de carnavalesca phantasia e de piedosa compuncção. Todas as corporações dos officios e mesteres eram obrigadas a contribuir para aquella pomposa festividade com alguma vistosa e bem concertada representação, onde as personagens biblicas ou as figuras da historia christã appareciam mescladas com as mais soltas e profanas diversões. As *mouriscas*, especie de danças talvez como as do entrudo em nossos tempos, com os seus reis mouros e alfaqueques seguidos de numerosos companheiros, as *folias* em que, segundo o nome e a etymologia o estavam designando, mais se attendia a despertar a alegria que a piedade e uncção das turbas curiosas; os dragos, as serpes, os gigantes; as damas que iam dançando alegremente com seus pares, com maior soltura do que recolhimento e compostura; as ciganas, que enlaça-

vam suas choreas com demasiada e pagan alacridade; as chacotas de figuras numerosas, que iam descantando suas trovas; as *pélas* acompanhadas por um côro de moças folgazãns, que em seus adufes e pandeiros mais iam estimulando sensuaes deleitações do que piedosos pensamentos; os satyros e as nymphas mythologicas repetindo com gentilica licença suas travessuras e amores; as danças variadas, a que por uso ou lei municipal eram obrigados certos officios mechanicos, a *retorta* dos alfaiates, dos tecelões, dos calceteiros; a folia dos mercadores e dos que tratavam em vinhos e bebidas fermentadas, levando triumphalmente a figura grotesca e zombeteira do seu Baccho tutelar; os cavallinhos fuscos ou de pasta; a nave de S. Pedro e logo junto d'ella a formosa Judith com sua camareira; o pae Abrahão, e logo após a Virgem Santa, figurada porventura n'uma cachopa leviana, pompeando as suas flammantes vestiduras e cavalgando a jumentinha garbosamente ajaezada á dextra de S. José; o rei David bailando soltamente, comboiado por seus pagens; taes eram preteridas mil outras figuras grotescas ou devotas o que alem da cleresia, das congregações religiosas, dos fidalgos e cavalleiros e da gente da gover-

nança da cidade compunha os variegados e extranhos elementos, de que se fabricava o immenso prestito.

Em algumas cidades de Portugal a procissão do *Corpo de Deos* levava ainda por accessorios alguns carnaes e indecorosos ornamentos.

Na cidade do Porto iam no solemne acompanhamento seis moças das mais formosas, que se encontravam entre as filhas dos officiaes mechanicos, representando Santa Maria, Santa Catharina e a sua donzella, a Magdalena, Santa Clara e duas freiras e outra que nos documentos tinha o nome e officio especial de *dama do drago*. De volta com essas mysticas figuras iam marchando varios mouros, os quaes por folgança e diversão lhes iam desfechando mil chanças e gracejos que fariam baixar os olhos pudibundos á formosa Magdalena, mesmo antes da conversão, e tingiriam de rubor as faces maceradas da ascetica Santa Clara.

Imaginem-se agora as ruas tapisadas de espadanas e de flores, as musicas, as danças, as folias, que já desde a vespera do dia solemnissimo traziam em alvoroçada espectação a gente da cidade. Figure-se a turba a condensar-se nas ruas estreitas e angulosas, nas quelhas e corredouras,

nos adros e nas praças irregulares. Accrescente-se a escassez, a quasi ausencia da policia, a liberdade quasi illimitada, que para as festas populares e para as diversões de praça publica disfructava a plebe n'aquelles tempos, como se fôra a providencial compensação da estreita liberdade politica e civil sob á antiga monarchia e teremos a imagem de quaes seriam os desmandos, ás rixas, as pendencias n'aquella occasião de plenissima licença na cidade.

O Camões, por mancebo, ocioso, enamorado, é certo que n'aquelle dia andava dando tregoas ás suas amarguras. Pendurada a lyra no lobrego aposento, que a pobreza habitual lhe consentia por tegurio, vagueava pelas ruas e praças de Lisboa, espaciando-se como os demais fidalgos, os burguezes e os peões, confundido na espessa mó do povo.

Achava-se o Camões nas cercanias de S. Domingos, — quem sabe se dizendo algum requebro ás donas e donzellas, que passavam, — quando a sua fortuna lhe deparou occasião a uma inesperada e nova desventura. Corriam n'aquelle dia pela cidade muitos homens, que em traje de mascarados, a pé ou a cavallo se desenfadavam, como se fôra em tempo de carnestolendas. An-

dava a cavallo passeando n'aquelle sitio um certo Gonçalo Borges, que tinha a seu cargo os arreios da casa real, e succedendo de passar pela rua de Santo Antão, por detrás do convento de S. Domingos, dois mascarados a cavallo o investiram com zombarias e motejos. Sentiu-se e irou-se o criado de el-rei. Vieram ás mãos offendido e offensores. Eram os dois cavalleiros amigos do Camões. Estava presente. Estimula-o a amizade, incita-o o fervor do sangue juvenil e bellicoso. Acode á briga em defensão dos seus contubernaes. Leva da espada; fere o Gonçalo Borges na refrega. Abre-se devassa e é n'ella comprehendido. Prendem-n'o. Dão com elle no tronco da cidade. Para quem já tinha um desterro verdadeiro e talvez outro dissimulado com apparencias de vontade, não seria de extranhar que a má sorte lhe apparelhasse na cadeia uma nova provação. Felizmente o Gonçalo Borges, que seria tambem rixoso porventura, sarou da ferida, que o poeta lhe fizera, e com generosa indulgencia de mancebo, não porfiou em se vingar do seu antagonista, sendo-lhe parte no processo: Perdoou por authentico instrumento de notario publico. E el-rei D. João III, por sua provisão datada de 7 de março de 1553, attendendo a que o offendido não queria demandar Luiz de

Camões nem criminal, nem civilmente, mandou que soltassem o poeta, allegando da sua parte, para justificar o indulto, o ser elle mancebo e pobre e ir n'aquelle anno servir á India.

Apenas onze dias depois que saira do seu carcere o Camões, partia para a India, a tentar n'aquelle theatro da gloria portugueza, e não menos da cubiça aventureira, a melhoria, que a fortuna sempre adversa na patria lhe negara. Embarcou-se o poeta no proprio navio de Fernão Alvares Cabral, que n'aquelle anno de 1553 ia por capitão mór de quatro náos.

O registo da gente de guerra, que passava ao Oriente em 1553, foi descoberto por Faria e Sousa no archivo da casa da India. A verba respectiva ao immortal poeta está escripta com tão raso laconismo como se o registrador, nem sequer podesse suspeitar, que ao escrever o nome do pobre e humillimo soldado estava traçando um singelo monumento a um dos mais gloriosos nomes de quantos se inscreveram nos fastos do pensamento e da humanidade. «Fernando Casado (assim escreve o amanuense) filho de Manuel Casado e de Anna Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro. Foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, escu-

deiro e recebeu dois mil e quatrocentos réis como os demais». Assim ficava confundido na graduação e no salario com os aventureiros mais obscuros aquelle varão illustre, cuja fama havia para sempre de enlaçar-se á gloria de Portugal. Dois mil e quatrocentos reaes lhe dava a patria para que fosse padecer a inclemencia dos climas asiaticos e morrer esquecido n'algum recontro sem lagrimas, sem preces, nem sepulchro. A impaciencia do Camões em deixar a terra, em que nascera, parece concluir-se de que por dar pressa á sua partida alcançara substituir na praça o escudeiro Fernão Casado. Tal seria o sequioso desejo de embarcar-se, que não podendo já caber em o numero dos homens de armas na armada d'aquelle anno, alcançaria do seu complacente camarada ir por elle na propria náo do capitão-mór.

Esta firme resolução, com que o poeta se determinara em buscar nas aventuras ultramarinas, senão o remedio da sua fortuna, sequer ao menos algum frouxo lenitivo a suas desventuras, está resumbrando já n'alguns dos seus poemas da primeira juventude, quando parece que se trasladara de Coimbra até Lisboa.

E é singular que fosse em logar de outro soldado, que com elle trocou a sua praça. Em lin_

guagem moderna militar poderamos talvez dizer que foi servir na India como substituto. Parece que o grande epico, para que nada lhe faltasse de mesquinho, até na honrada carreira de suas armas, nunca poude alevantar-se acima da mais humilde condição.

E póde ser mesmo sem os maus tratos, que na patria padecera, a ingratidão, a inveja, o desamor dos seus compatriotas, o animo generoso e aventureiro de Camões o tivesse compellido a vestir o aço das batalhas e a enramar a fronte ao mesmo tempo com os myrthos de poeta e os loiros de soldado.

Era n'aquelle tempo o officio militar ao mesmo passo dever e vocação dos que juntavam á clareza de sangue a nobilissima ambição dos altos feitos. Era decorrido pouco mais de meio seculo depois que Vasco da Gama e os seus gloriosos companheiros abriram o caminho ás novas expedições no Oriente. Ainda não tinham volvido tantos annos que estivesse apagada nos espiritos a memoria das heroicas emprezas indiaticas, e nos animos a tibieza começasse a escurecer e dissipar a fé profunda na crescente grandeza e luzimento do imperio portuguez no Oriente. Assim como depois dominou em Portugal a febre ambiciosa

de tentar a fortuna que sorria nas minas do Brazil, no tempo do Camões, a India com os seus thesouros, ao parecer inexhauriveis, e com a perspectiva das suas glorias militares, fascinava e attrahia naturalmente os que na patria se cansavam de ociosidade, os que desejavam ascender aos cargos honorificos e rendosos, e os que deixando a terra de seu berço, iam fugindo á pobreza e ao desamparo. O Camões obedeceria porventura ás tres simultaneas influições. Era pobre, valente, ambicioso de honra, de prez e de fortuna. Não lhe ficavam em Portugal senão tristezas, desamparos, desenganos.

Talvez a mulher, a quem sagrara a melhor parte do seu coração e do seu affecto, tendo em mais preço a orgulhosa exempção da sua raça, do que a ternura feminil, o desdenhasse por humilde e desherdado, se ainda a sós comsigo o não esquecera inteiramente. Na ecloga II, pozera o Camões na bôca do seu Almeno, o pastor loucamente enamorado, aquellas amarissimas palavras em que exprobra a dureza e ingratidão da sua dama.

> Huma só cousa quero encommendar-te,
> Para repouso algum de meu engano,
> Antes que o tempo emfim de mi te aparte.

Que s'esta fera, qu'anda em traje humano,
Por a montanha vires ir vagando,
De meu despojo rica e de meu damno,

Com os vivos esp'ritos inflammando
O ar, o monte e a serra, que comsigo
Continuamente leva namorando,

Se queres contentar-me como amigo,
Passando, lhe dirás: Gentil pastora,
Não ha no mundo vicio sem castigo.

Ficava-lhe talvez na patria a gentilissima *fera* que o trazia quanto mais amoroso mais desenganado. Ficava-lhe o impossivel, a illusão, a desesperança. Ficava-lhe este amor que não tem ante si outro prospecto senão lagrimas, amarguras e saudades. Ficava-lhe esta paixão insaciavel, que a si mesma se consome e resuscita cada dia.

Na ecloga I, sagra o Camões ternissimas endeixas á memoria de D. Antonio de Noronha, que por uns amores contrariados, fôra nos lances e nas glorias da milicia consolar as saudades e as penas da sua alma. Endereçando uma apostrophe á mulher, de quem o triste adolescente fugira loucamente enamorado, lá vibra o Camões a mesma corda da inconstancia feminil e do frio desapreço, em que as mulheres têm muitas vezes

os mais duros e custosos sacrificios de um amante desgraçado:

E tu, gentil senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos ecos dava
Accentos numerosos;
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deo do fero Marte.
E tu ingrata o amor já n'outra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que emfim, emfim, d'est'arte
Se muda o feminino pensamento.

Para o amor sem esperança é a ausencia e a saudade conforto e quasi bemaventurança. De longe vê-se a imagem engrandecida, endeusada, resplendente de uma aureola de luz. Mas de longe não se sente a ingratidão, nem se percebem as desigualdades do nascimento, da condição e da fortuna.

As longas e perigosas navegações e as guerras em remotissimas paragens, seriam já consolações á violencia, com que as varias tribulações tinham quasi ao primeiro desabrochar murchado e resequido na sua alma as flores da juventude. Iria talvez como o seu predilecto Garcilaso receber

no tiro de um pelouro a morte dos soldados. Embeveciam-no as honradas preeminencias, que na guerra contrapesam e galardoam os perigos de quem traz sempre a vida jogada na cega tavolagem das batalhas.

A estreita alliança e convivencia das armas e das letras, do soldado e do escriptor, apresentava-se ao seu espirito romanesco e aventureiro, como se fôra o complemento natural do seu engenho. A guerra afigurava-se-lhe a mais alta consagração da sua musa. Estimulava-o nobremente o illustre exemplo de tantos e tão claros capitães, que nas antigas edades souberam lidar gloriosamente nas mais altas emprezas militares e sobredourar ainda as suas victorias com o primor e excellencia do seu pensamento cultivado. Encantava-o esta vida entrecortada de perigos e de lances inesperados nos arraiaes e nas pelejas, e este despir as armas para dedilhar n'um respiro de paz o alaúde, e este acudir ao mais quente da refrega, deixando quebrado e despolido o verso começado. Eis-ahi como o Camões celebra a intima concordia entre as Musas e Bellona:

> ... bem sabemos dos antigos
> Heroes e dos modernos, que provaram
> De Bellona os gravissimos perigos,

Como tão bem mil vezes concordaram
As armas com as letras; porque as musas
A muitos na milicia acompanharam.

Nunca Alexandre ou Cesar nas confusas
Guerras o estudo deixam grande espaço;
Que as armas jámais d'elle são escusas.

N'huma mão livros, n'outra ferro e aço;
Aquella rege e ensina; est'outra fere:
Mais co'o saber se vence que com o braço.

Eis-ahi vemos como o poeta, antecipando-se a tempos de mais culta e liberal civilisação, já requer no homem de guerra, não sómente o braço, que menea a lança material, senão tambem principalmente o entendimento, que da sciencia faz na guerra a espada intellectual. Eis-ahi o vemos preconisar este aphorismo tão acreditado em nossos dias, de que as victorias mais se alcançam com o saber do que a poder de golpes cegos e brutaes.

Trazia já talvez, segundo plausivelmente conjectura Faria e Sousa, ideada a traça do poema, em que intentava memorar os maritimos tropheus e as glorias militares da sua patria. Na ecloga IV, que segundo o commentador se ha de attribuir á primeira e viçosa adolescencia do poeta,

invocando a dama de seus amores, vemol-o exclamar:

Com qualquer pouca parte,
Senhora, que me deis d'ajuda vossa,
Podeis fazer qu'eu possa
Escurecer ao sol resplandecente:
Podeis fazer que a gente
Em mim do grão poder vosso s'espante,
E que vossos louvores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora
O nome lusitano e faça inveja
A Smyrna, que de Homero s'engrandece,
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara mantuana só merece.

Aqui significa o poeta com intensa claridade que se lhe é propicio o favor da mulher querida a quem elle só quer invocar por sua musa, não sómente ha de tornar redivivos e canoros os sons bucolicos da lyra de Virgilio, senão que ha de, mais alto erguel-o a sua inspiração, até igualar e talvez sobreexceder ao proprio Homero, nas sublimes creações da epopea.

E na ecloga v, referida pelos biographos aos primeiros annos do Camões, diz elle:

Emquanto eu apparelho hum novo esp'rito
E voz de cysne tal que o mundo espante,
Com que de vós, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda a parte cante;
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vaccas e gado petulante:
Que quando tempo fôr em melhor modo,
Ha de m'ouvir por vós o mundo todo.

Como quem havia de enfeitar e exornar com os graciosos ou epicos lavores do seu estylo as antigas façanhas portuguezas, era bem que na sequencia d'estes feitos immortaes fosse tambem participante. Haveria de historiar navegações, descrever tormentas e bonanças, recontar batalhas temerosas, pintar varias e discordantes regiões. Era bem que no que visse e experimentasse, tivesse fieis e vivos os exemplares e os modelos do que havia de compor e exornar.

Ia buscar na India, o theatro onde tantos e tão heroicos portuguezes se haviam illustrado, encontrando gloriosa sepultura nos campos de batalha, e nas aguas oceanicas, ou volvendo á patria a mostrar as honradas cicatrizes e os louros viridentes. Iria achar nas remotas paragens do Oriente o termo dos seus males, ou veria a fortuna alli mudar a catadura e sorrir-lhe mais amoravel e benigna. Anhelava o poeta que a ventura lhe con-

sentisse o trocar a vida pela gloria de um grande feito, para que ao menos a historia das suas illustres aventuras a podesse ler essa mulher, para cujo amor nascera poeta e cujo desamor o fizera soldado e aventureiro.

Na canção VI, escripta no Oriente, ouvimol-o exclamar:

> Aqui minha ventura
> Quiz que huma grande parte
> Da vida, qu'eu não tinha, se passasse;
> Para que a sepultura
> Nas mãos do fero Marte
> De sangue e de lembranças matizasse.
> Se amor determinasse
> Que a trôco d'esta vida
> De mi qualquer memoria
> Ficasse como historia,
> Que d'huns formosos olhos fosse lida.
> A vida e a alegria
> Por tão doce memoria trocaria.

Nos dias, que precederam a viagem para a India, podemos imaginar quaes seriam as magoas do Camões e a lucta de contrapostos sentimentos, que na sua alma se revolviam. Mas d'aqui a phantasiar ternas e affectuosas despedidas, encontros romanescos e furtivos com a mulher, que

sempre trazia no coração e na memoria, vae ainda longissima distancia, que fôra temerario traspassar. É licito porém aos biographos ou antes aos novellistas do Camões imaginar e descrever com o valor e as tintas do romance, o que apenas em vagas indicações dos seus poemas se não póde historicamente fundamentar.

O soneto CXLIII quer Faria e Sousa que o escrevesse o poeta para lastimar-se de uma ausencia, com que a *fortuna imiga* o separava cruelmente da mulher querida. E pondo em balança as duas largas ausencias do Camões, a de Ceuta e a da India, propende a referir á estada em Africa, as queixas e os protestos do vate enamorado.

Um biographo moderno, porque o pede a contextura e a sequencia da novella camoniana, prefere acreditar que em vesperas da viagem para a India soltara o Camões n'este soneto a saudosa expressão do seu amor. E parece, em verdade, que o poeta estava prestes a aventurar-se a alguma naval e perigosa expedição:

Gentil senhora, se a fortuna imiga,
Que contra mi com todo o céo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga;

Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mor pressa de mar, de fogo e d'ira
A dar-vos a memoria, que suspira
Só por fazer comvosco eterna liga.

N'esta alma, onde a fortuna póde pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome,
Vos não possam tirar, nem mais perigos.

Antes, com som de voz tremulo e rouco,
Por vós chamando, só com vosso nome,
Farei fugir os ventos e os imigos.

O nome da sua amada lhe seria poderoso e invencivel talisman para domar as tempestades no Oceano, e vencer nas batalhas o inimigo.

E ainda, interpretando largamente, o soneto cxxxv, poderamos com Faria e Sousa suspeitar que a ausencia, a que o poeta se refere, seria porventura uma das tres, em que viveu longe da sua dama, quando de Lisboa o desterraram para uma povoação do Ribatejo, quando em Ceuta militou, ou quando nas partes do Oriente andou peregrinando longos annos. E livre nos ficava a eleição de adjudicar á viagem da India as lastimas e protestos amorosos do Camões, quando elle exclama:

A morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dá o Amor cortar quizera
Co'a ausencia, que he sobre elle espada fera,
E co'o tempo, que tudo desbarata.

Mas estas despedidas amorosas, que cifravam em palavras ditas de longe a sua melancolica ternura, não bastariam certamente ao coração affectuoso, enthusiasta, romanesco do Camões. A lenda sentimental e novellesca ficaria truncada, incompleta, glacial n'um dos seus momentos mais patheticos, se não figurasse o poeta avistando-se em colloquio furtivo, nocturno e derradeiro com a mulher, de quem estava em breve a separal-o a immensa amplidão do Oceano, mais tarde a sombria profundeza do sepulchro. O soneto XXIV pareceria de molde ser talhado para encher este claro na vida romanesca do Camões. Descrevera o poeta uma terna e lacrymosa despedida, sem que uma só palavra do poema alludisse, nem sequer entre neblinas ao tempo, ao logar, e á mulher, de quem n'aquella suave e lastimosa conjunctura, entre lagrimas e soluços afogados, bebera soffregamente o ultimo beijo.

É na verdade um dos mais sentidos e formosos carmes do Camões o soneto XXIV. Respira todo elle saudade e melancolia. É talvez um d'a-

quelles, em que nas palavras eloquentes sem artificio, e cinzeladas sem conceitos, parece transluzir a verdade e o sentimento de reaes, não fabuladas amarguras.

Eis-aqui as apaixonadas expressões, em que se desata a dor nos versos do Camões:

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de magua e de piedade,
Emquanto houver no mundo saüdade,
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de huns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio;

Ella ouviu as palavras maguadas,
Que poderam tornar o fogo frio
E dar descanso ás almas condemnadas.

Oh! que se nós podessemos ajustar á vespera da partida do Camões para as suas aventuras indiaticas, os bellissimos versos do poeta, como ficaria traçada em rasgos luminosos e fieis a figura do amante desventurado! Como elle, a ponto de arriscar-se á larga e temerosa navegação, con-

sagrava os ultimos instantes de pizar a terra patria a desafogar em angustiosa despedida os extremos amorosos, que lhe iam requeimando o coração! Imaginemos o Camões, deixando o tecto humilde aonde curtira a sua penuria. Eil-o que vae guiando os passos á morada sumptuosa da mulher, que o amor fizera sua, e a fortuna porfiava em desatar-lhe dos braços sem poder-lh'a apagar do coração. Eil-o que se esconde temeroso entre as sombras da alta noite, como se fôra um criminoso, que receia a cada instante o saltêem de improviso e lhe tolham a aventura. Escuta, espreita, hesita, pára, chega a retroceder. Mas o amor lhe dá força e ousadia. Tudo é silencioso em redor d'aquelle vulto, que mal imprime no chão as suas pisadas. Tudo é quieto e repousado na mansão grandiosa, onde o amor lhe enflorou o paraizo dos seus desejos ardentissimos, onde a inveja lhe recata a mulher querida. Todos estão dormindo. Sómente a donzella está velando, entre sobresaltada e anciosa, emquanto no céo as estrellas vão perdendo o resplendor com o dubio e fosco luzir da ante-manhã. Sente-se um rumor timido, abafado. É o Camões, que entra furtivo no aposento e cae prostrado, no delirio da adoração, aos pés da gentil e tremula figura.

Que expressões truncadas meigamente por suspiros suffocados, que palavras maviosamente interrompidas pelos beijos, que recrescem trasladando mutuamente os anhelitos do amor e da paixão impetuosa de uma alma a outra alma, emquanto os braços se entrelaçam e se apertam e nervosamente se confrangem, como quando a hera viridente se enlea e se abraça graciosa a um tronco robusto e juvenil.

Já clareja no horizonte este luzir ethereo e azulado, em que a madrugada se espreguiça antes que desperte inteiramente. Não póde o Camões desenlear-se d'aquelle, que lhe é como sonho amoroso de acordado, ou dourada visão de ardente febre. Alli, como na canção I o descrevera, se está revendo em extasi divino na pura gentileza feminil da sua amada. Alli lhe imprime osculos na *testa de ouro e neve*. Alli lhe contempla o *lindo aspeito, a bôca graciosa, o riso honesto*. Alli lhe affaga ternamente o *colo de cristal, o branco peito*. Alli brinca affectuoso com aquelles *dourados cabellos em tranças de ouro finas, a quem o sol os raios seus baixou*.

Mas já os matizes da alvorada começam de tingir de roxo e violeta a limpidez celeste, e toucam de palhetas reluzentes a dormente madrugada. Já

os passarinhos esvoaçam nos arvoredos e soltam as primeiras notas do seu hymno de saudação ao dia renascente. É a luz da aurora o scenario da melancolia. Parece que a natureza n'esta serena e branda claridade esteve apparelhando umas semelhanças da saudade e uns longes d'aquella tristeza doce e amoravel, que ao mesmo passo está pungindo e enfeitiçando o coração. Como n'aquella hora se levanta o espirito mais puro e mais liberto das impurezas terrenaes! Como o poeta n'aquelles momentos agridoces, endeusados pelo amor, e entristecidos pela funesta despedida, toda a sua poesia escripta em tantos annos, a resumira então n'um só d'estes poemas, cujas strophes são caricias, cujos metros se entretecem de languidas miradas, de beijos sequiosos, de phrases, de pulsações apressadas e synchronicas de dois extremosos corações! Como o Camões n'aquella hora melancolica enfeixaria todo o sentimento e toda a poesia da sua alma n'aquella simples e dulcissima elegia, a que a natureza dá o thema, e a que a alma dá a fórma, a côr, e a paixão! Mas já o firmamento se está banhando em ondas luminosas. Bem depressa apontarão no horizonte os primeiros resplendores do sol nascente. Ainda um beijo derradeiro, e ou-

tro e outro beijo. Ainda um confundirem-se n'um só os dois anhelitos. Agora as lagrymas precipitam-se em torrentes; embarga-se aos dois amantes a voz entre soluços. É forçosa a triste separação. Illumina-se o horizonte e arreia-se a natureza com os matizes de um céo vernal e matutino. Travesseando já de ramo em ramo redobram os gárrulos passarinhos o seu canto, modulando talvez a elegia de seus amores. Tudo o que vive no seio da natureza póde amar e eleger o que seja unisono e conforme ao seu affecto. Mas ao Camões, menos feliz que a flor silvestre esquecida á beira de um vallado, não lhe consente o mundo que a sua alma se expanda e transfigure nas delicias do seu affecto. O seu amor é maldição. O seu coração, que a natureza povoou de ternissimos affectos, será em nome do mundo e da desdita, um ermo agreste e inhospito. Da mulher, que tanto o fascinou, só lhe consentem a memoria e a saudade. Eil-o que desapparece correndo pressuroso á náo *S. Bento*, e deixando immersa em dor inconsolavel a amante formosa e lastimada.

Eis-ahi deixamos esboçado mais um trecho do sentimental romance do Camões. Das tepidas e ridentes regiões da phantasia, volvamos pressú-

rosos ás frigidas paragens, onde a historia engeita por importuna a imaginação do romancista. Deixemos o amante desditoso e sigamos o soldado aventureiro.

CAPITULO IX

A PARTIDA PARA A INDIA

> Já no largo Oceano navegavam
> As inquietas ondas apartando.
> *Lusiadas*, I, 19.

A 24 de março de 1553 sarpava a náo *S. Bento*, em que o poeta ia navegando. As outras náos, que compunham a armada, eram a *Santa Cruz*, de que ia por capitão Belchior de Sousa, a *Rosario*, ao mando de D. Paio de Noronha, e outra, cuja capitania se commetera a Ruy Pereira da Camara. De conserva com os demais navios da armada, foi singrando a capitania, mas ao cabo de alguns dias os ventos recresceram tão desabridos e ponteiros, e os mares tão cavados e inhospitos, que foi forçado aos baixeis o separarem-se, buscando cada qual sulcar nas ondas o caminho, que menos precario lhe promettia o salvamento. A náo que levava no seu bojo a triste fortuna do

Camões, e a maior gloria intellectual da sua patria, logrou dobrar sem notaveis avarias o Cabo da Boa Esperança, e engolfando-se ao mar largo ao oriente da ilha de S. Lourenço, ou Madagascar, alcançou lançar o ferro na barra de Goa, no mesmo anno em que partira de Portugal. Ao contemplar pela vez primeira o cabo tormentoso, do qual as perseverantes e arrojadas tentativas dos navegantes portuguezes tinham feito, na phantasia popular, quasi um vulto mythologico, cercado de terrores e de ameaças, o estro do Camões certamente se inflammou e talvez então esboçou na phantasia os contornos indecisos do seu giganteo Adamastor.

Affirma o poeta na sua primeira carta que ao despedir-se da patria, ou antes ao execral-a, porque, mãe desnaturada, o engeitava, lhe comminara aquella pena, quasi infamia, com que Scipião tivera a Roma por indigna de possuir a ossada gloriosa do invencivel capitão.

Se acaso é authentica e merecedora de inteira fé a carta do Camões, não ha duvida que elle diz ter de novo proferido a sentença do romano. «E assi posto em este estado, escreve o poeta, que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na náo disse, foram

as de Scipião africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*».

É singular o dizer o Camões que estas foram as derradeiras vozes que soltou, já prestes á partida, quando antes parece natural que fossem as primeiras. Porque não havemos de suppor que na longa e trabalhosa navegação tão silencioso se fizesse, que nunca mais a bôca se descerrasse a quem era, por communicativo temperamento, mais para gracioso interlocutor, que para intratavel e mudo pythagorico.

Cumpre advertir que o poeta repetindo as palavras de Scipião, em termos facetos e joviaes, refere este passo e alguns mais da sua vida, segundo era seu pendor, quando em prosa ou em poemas de chiste e de donaire, allude ás grandes miserias da sua vida. Se elle do chapiteo da náo, olhando entre saudoso e irritado para a cidade de Lisboa, que espreguiçada no amphitheatro das suas collinas pittorescas, sorria ironicamente ás desventuras do grande portuguez, soltou ao vento aquellas vozes memoraveis, não seria de certo com a tragica solemnidade, com que saindo dos labios do romano, estamparam na envilecida fronte da sua patria o stygma de ingrata e deshonrada.

O que do poeta sabemos durante a viagem está na elegia III compendiado. N'ella o Camões, refere-se ao poeta Simonides, o inventor da arte mnemonica, e a Themistocles, tão mimoso da victoria, quão maltratado de ingratos concidadãos. Figura o famoso capitão, lastimando que descobrisse o grego malavisado e engenhoso uma arte de conservar lembranças do passado, e julgando-se feliz se podesse alguem industrial-o na sciencia de esquecer:

Se me désses huma arte, qu'em meus dias,
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!

....

De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e maguar-se?

E prosegue o poeta maldizendo quasi a sua estrella, porque o não criara

Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia e no mais duro della;

Ou no Caucaso horrendo fraco infante
Criado ao peito d'huma tigre Hircana,
Homem fora formado de diamante,

Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettera ao jugo e dura lei
Daquelle, que dá vida quando engana.

Ou em pago das aguas qu'estilei
As que passei do mar, foram do Lethe,
Para que m'esquecera o que passei.

Sempre as lembranças do malfadado amor lhe traziam turbado o pensamento. Quizera esquecer-se d'elle, mas não pode acabar comsigo desterral-o da memoria. E aqui, imitando um triste pensamento do poeta florentino, ou encontrando-se com elle na igualdade e rigor das suas dores, exclama o Camões sentidamente:

Já, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado he triste e dura,
Pois nasce, aonde morre a esperança.

O que o Dante no canto v do seu *Inferno* exprimiu com o sombrio laconismo do seu estro n'estas palavras, onde ressumbra a mais amarga desesperação da amantissima Francesca:

Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria e ció sa'l tuo dottore.

Na formosa elegia vae o poeta narrando a sua viagem, e como durante o seu decurso o iam ma-

guando saudades intensas do que deixava, e que porventura se temia de nunca mais tornar a ver:

> A bemaventurança já passada
> Diante de mi tinha tão presente,
> Como se não mudasse o tempo nada.

E assim nos vae contando como a náo ao principio mareava impellida pelos ventos bonançosos e propicios, e como o poeta, nos momentos ociosos estava mirando as aguas,

> E com o gesto immoto e descontente,
> Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
> Por não mostrar meu mal a toda a gente,

se estaria quedo encostado á amurada, confiando ao Oceano immenso e profundissimo as penas e os lamentos da sua alma saudosa e entristecida. Nem quando a tormenta vem saltear o baixel, em que navega, o desamparam as amargas memorias e as saudades pungentissimas.

> Estas lembranças, que me acompanhavam
> Por a tranquillidade da bonança,
> Nem na tormenta triste me deixavam.

É chegado ao cabo da Boa Esperança. Este nome, de augurio felicissimo para os primeiros navegadores, mais lhe vem aguçar o aculeo, que lhe punge o coração. Aqui lhe parece ver a antiphrase

cruel da lastimosa vida, que levava. Aqui se avigoram as esperanças dos que demandam aventurosos o Oriente, e aqui se lhe torna mais doloroso o pensamento de que já nada tem que esperar. Levanta-se uma d'aquellas borrascas temerosas, em que o gigante Adamastor amostra aos ousados mareantes como lugubres primicias o que hão de ser as tempestades e os trabalhos ao sulcar os mares orientaes:

Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.

A machina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.

Luctando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as vélas concavas rompendo.

As cordas co'o ruido assoviavam
Os marinheiros já desesperados
Com gritos para o céo o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

N'estes esplendidos tercetos debuxa o Camões o horrendo painel da tempestade, e descreve com

matizes verdadeiros a lucta gigantea dos elementos, e o terror e desesperança dos animos varonís, já inferiores á funesta perspectiva de ter o Oceano por sepulchro aos pés do Adamastor. Alli, n'aquelle trance, é que são mais vivas as lembranças e as saudades da mulher idolatrada. A pique de afundir-se para sempre nos abysmos das aguas procellosas, apparece-lhe a imagem querida e radiante, como o Santelmo consolador:

> Vendo a morte presente, em mi disia:
> Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
> Nada do que passei me lembraria.

A fortuna de Portugal, e talvez a inimiga sorte do poeta, consentiram que os ventos refreassem o furor. A fortuna da patria, porque se não frustrasse miseravelmente alli n'aquellas aguas a gloria de annumerar entre os seus nomes mais illustres o futuro cantor dos feitos nacionaes. A sorte infesta do Camões, para que d'alli se continuasse a existencia attribulada, e, segundo as phrases melancholicas da decima canção,

> Por que ficasse a vida
> Por o mundo em pedaços repartida.

CAPITULO X

O CAMÕES NA INDIA

> O cabo vê já Arómata chamado,
> E agora Guardafú, dos moradores,
> Onde começa a bôca do affamado
> Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
>
> *Lusiadas*, x, 97.

Eram decorridos seis mezes de larga e penosa navegação, quando em principios de setembro de 1553 a náo *S. Bento* ancorava no porto de Goa, e o Camões dava começo em terra ignota á sequencia das suas desditosas aventuras.

Parece que a fortuna, por fazer-lhe negaça e ironia, lhe apparelhara hospitaleiro recebimento n'aquella terra, onde as amisades eram poucas e infieis, as discordias quasi nativas, os desmandos já frequentes. Nos primeiros dias bafejaram-n'o os favores dos que tinham em apreço o seu engenho e a indole prasenteira e conversavel. Na carta primeira, escripta a pouco trecho de chegar á India

encarece o poeta o bom trato, que ali achara, e, estimação e honra, em que era tido. No habitual estylo zombeteiro de suas epistolas escreve o Camões: «Emfim, senhor, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços n'essa terra me armavam os acontecimentos, senão com o vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros da Merceana, e mais quieto que a cella de um frade pregador». Estaria o poeta naturalmente melhor provido do que era necessario a uma existencia modesta, mas distante da estreiteza e da penuria. Mas já na gente, com quem vivia, no trato e costumes da terra, poderia divisar que não haveria de ser longa nem harto florida a enganosa beatitude, que ahi lhe amanhecia.

Passando a julgar o que desde a chegada se lhe tinha deparado, continúa em sua primeira carta: «Da terra vos sei dizer que he mãe de villões ruins e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre agua como bexigas, mas os que sua opinião deita *á las armas Mouriscote,* como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam. Ja estes, que tomavam esta opinião de valentes ás costas, crede que

> Nunca riberas del Duero
> cavalgáron Zamoranos,
> que roncas de tal soberbia
> entre sí fuesen hablando;

e quando vem ao effeito da obra, salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, como he prometter e dar».

D'estes ligeiros rasgos satyricos, que alguem lançaria á conta de maledicencia e mordacidade no poeta, mas que eram já a expressão estreme da verdade, inferimos como eram já decaidos n'aquelle tempo os costumes heroicos da India portugueza, que duraram o bastante para assombrar o mundo, e desfalleceram tão depressa, que nada poderam solidamente edificar.

Pouco tempo durou ao Camões a ociosidade, e um vislumbre de vida quieta e resfolegada.

Á sua entrada em Goa apercebia o vice-rei D. Affonso de Noronha uma grossa armada, com que tinha resoluto ir ajudar o rei de Cochim contra o da Pimenta, o qual lhe conquistara umas ilhas pertencentes a seu reino e senhorio. Aqui se talhou de molde a conjuncção para que o poeta certificasse não ser comprehendido n'aquelles valentes de palavra, de quem nos *Disparates da*

India deixou escripto com o agudo epigramma, a que era affeito:

> Mas se lhes metteis a mão,
> Na paz mostram coração,
> Na guerra mostram as costas.

De mais de cem vélas era a armada segundo escreve Diogo do Couto em suas *Decadas*. N'ella ia a flor dos cavalleiros e soldados que n'aquella sasão havia em Goa.

Embarcou-se o Camões por fins de novembro na armada, e com ella se achou honradamente no conflicto, em que os portuguezes sairam com a victoria. Na elegia III relata n'estes versos a breve expedição:

> Huma ilha, que o rei de Porcá tem,
> E que o rei da Pimenta lhe tomara,
> Fomos tomar-lh'a e succedeu-nos bem.
>
> Com huma grossa armada, que juntara
> O viso rei, de Goa nos partimos
> Com toda a gente d'armas, que se achara.
>
> E com pouco trabalho destruimos
> A gente no curvo arco exercitada;
> Com morte, com incendios os punimos.
>
> Era a ilha com aguas alagada,
> De modo que se andava em almadias,
> Emfim outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sós dois dias,
Que foram para alguns os derradeiros,
Pois passaram da Styge as ondas frias.

Qu'estes são os remedios verdadeiros,
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.

Concluida a empreza militar, na fórma referida por Diogo do Couto, na sua Decada VI, livro X, capitulo XV, e destruidas e abrasadas as povoações, segundo se costumava n'aquellas guerras contra gentios, nas quaes era lei a immunidade e a clemencia mau conselho, volveu a armada a Goa com louros não custosos, e sem perdas consideraveis.

Não era o Camões soldado, a quem podessem bastar por satisfação do seu officio e emprego da sua guerreira vocação os louros conquistados na primeira empreza militar. Como era de sua indole mais propenso ás aventuras e perigos da guerra do que aos ocios da paz em terra extranha, bem se torna evidente que buscaria novo ensejo, em que podesse luzir o seu valor e buscar nos episodios e nos riscos dos combates, com que disfarçar as amarguras que o penavam. Sabe-se com certeza, porque elle proprio nol-o testemunha, que de Goa se embarcou em uma ar-

mada, que ia crusar no estreito de Meca. Manuel de Faria e Sousa assevera formalmente que o poeta foi na frota de tres navios de alto bordo e cinco fustas, que em 1555, sob a capitania de Manuel de Vasconcellos, navegou em demanda d'aquellas aguas, presidindo então ao governo da India o vice-rei D. Pedro Mascarenhas. A mesma opinião professa na sua memoria academica ácerca do Camões o erudito bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo. Um biographo nosso contemporaneo, diligente e zeloso investigador de quanto é referente ao grande epico, propende a acreditar por mais plausivel que fosse antes o Camões na armada, que de Goa levára por capitão mór a D. Fernando de Menezes, tendo por seu auxiliar e conselheiro a Manuel de Vasconcellos. As razões apontadas pelo biographo não se affiguram concludentes. A principal e a mais forte é parecer-lhe natural que o poeta não deixasse fugir a occasião de acompanhar na mesma empreza o proprio filho do vice-rei, a quem é dirigido o soneto VI, como se forçosamente fôra obrigatorio a um soldado-poeta seguir na guerra o capitão, a quem sagrasse uma das suas ligeiras poesias.

Acresce que o poeta no soneto, cantando a

D. Fernando por heroe, parece antes saudal-o na despedida, como quem se ficava em Goa invejando-lhe as palmas e os tropheus.

Das proprias vozes do Camões sobresáe a cada verso o que suppomos mais provavel:

> Illustre e digno ramo dos Menezes,
> Aos quaes o providente e largo ceo
> (Que errar não sabe) em dote concedeo
> Que rompesse os mahometicos arnezes.
>
> Despresando a fortuna e seus revezes,
> Ide para onde o fado vos moveo
> Erguei flammas no mar alto Erythreo,
> E sereis nova luz aos portuguezes.
>
> Opprimi com tão firme e forte peito
> O pirata insolente, que se espante
> E trema Taprobana e Gedrosia.
>
> Dae nova causa á cor do Arabo Estreito,
> Assi que o Roxo Mar d'aqui em diante
> O seja só com sangue de Turquia.

Não é este soneto gratulatorio e encomiastico de feitos já passados, senão exhortativo de façanhas, que o heroe estava a ponto de commetter. Não lhe diz *fostes*, senão *ide*. Soltava o poeta as vozes do alaude, quando a armada estava prestes a fazer-se de véla para ir crusar nas costas do mar Roxo. Se o Camões, estando embarcado

n'esta frota, esperasse tambem ser parte nas victorias, que tão alto encarece e glorifica, não seria natural que por uma referencia modesta e fugitiva, a si proprio se honrasse de militar ao mando de tão esforçado capitão? Quem diz a outrem: *Ide,* parece não lhe será na empreza companheiro. Assim pois mais provavel se affigura que o poeta não fôra ao mar Vermelho na frota de D. Fernando de Menezes, e que no anno seguinte, segundo a relação de Faria e Sousa, se embarcara com Manuel de Vasconcellos.

Da canção x consta apenas que o poeta estanceara por algum tempo no littoral do golfo arabigo. Não ha n'este formoso e melancolico poema sequer uma allusão á empreza naval, em que se achara.

Testifica apenas a canção que ali permanecera o Camões por algum tempo, incessantemente devorado pelas saudosas lembranças da terra, em que deixara as suas illusões e os seus amores.

É esta composição poetica uma d'aquellas, em que a alma do misero soldado, implacavelmente perseguido pela fortuna, solta, mais sentidas e menos afogadas em conceitos e artificios oratorios, as vozes da sua alma atribulada.

Ao começar esta canção descreve o Camões a

terra brava e esteril, junto da qual deu largas á profunda tristeza do seu animo. Estava o aspero e agreste littoral do mar Vermelho, cerca do cabo Feliz e proximo ao estreito de Bab-el-Mandeb, como que em perfeita consonancia com a aridez ingrata e a torva melancolia da sua alma. Como no monte, que descreve, ás hervinhas rasteiras e agrestes, a romperem nas frinchas dos rochedos, as murcha e as requeima o sol ardente, assim tambem seccara a má fortuna as flores da esperança no peito do poeta enamorado. Ali se lastima e se queixa sem remedio:

Junto d'hum secco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrase infelice;
  O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde, hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
  Ficando á parte, d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lh'esconde;

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tem dado.
Aqui no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
  Me trouxe hum tempo e teve
  Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, aspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
  Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Não pode duvidar-se de que foi de pouco tempo a permanencia do poeta com a armada na bôca do mar Vermelho, porque expressamente diz que a sua fortuna lhe dictara que tambem alli deixasse da vida um breve espaço.

Foi cortada de trabalhos e amarguras a estancia do Camões n'aquelles mares. Para fazer mais incommodo e molesto o seu officio de homem de armas, bastava a malignidade e ardencia do sol, que n'aquellas paragens suffoca e esbrazêa com a intensidade incomportavel dos seus raios, com os quaes andavam conspirando, por tornar a vi-

da mais agra e dolorosa, a aridez esteril do littoral e a insalubre influição d'aquelle clima.

Dos males que padeceu n'essas paragens conta o Camões:

Aqui me achei gastando huns tristes dias
Tristes, forçados, maus e solitarios,
De trabalho, de dor e d'ira cheios;
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza.
  Tambem vi contra mi,
  Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza,
  Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.

Desatando-se em lastimas amargas de quanto se compraz em atormental-o a sua fortuna, prosegue o poeta em sua canção:

  Oh! qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos da voz importunados
  Parece que se enfreiam:
  Somente o céo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,

Com meu perpetuo damno se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
  Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno!

N'aquellas ingratas regiões, onde a natureza lhe está influindo o desconforto, e mirrando-lhe no coração a esperança derradeira, alli, quando a má ventura lhe não deixa descortinar senão maiores adversidades no futuro, mais o dilacera a saudade inconsolavel e a lembrança d'aquelles raros dias bonançosos, em que na patria lhe amostrara o amor uma nesga de céo azul e ethereo na sombria cerração da sua vida.

  Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora,
Lembrava a huns claros olhos, que já vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella, em cuja vista já vivi;
A qual, tornando hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
  Os tempos já passados
  De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa,
  Hum pouco lhe pesasse,
E lá entre si por dura se julgasse:

Isto só, que soubesse, me seria
Descanso para a vida, que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah! Senhora! Ah! Senhora! e que tão rica
Estaes, que cá tão longe d'alegria
Me sustentaes com doce fingimento!

D'estes versos, se os tomaramos textualmente, inferir haviamos de que o poeta voluntariamente se havia desterrado para levar em extranhas terras existencia cansada e miseravel, porque a mulher, que idolatrava, não respondia já sensivel e piedosa ao amor enthusiasta do Camões.

Não haveriam sido pois unicamente extranhos invejosos e parentes offendidos os que pungiram com a vindicta o amantissimo poeta. Essa mulher, quem quer que fosse, podera porventura pelo orgulho de uma raça intolerante, soffrear no coração o affecto, que n'alma lhe morava.

Se a alma ardente, mas terna e maviosa do Camões, nas suas apaixonadas poesias, trasladou realmente com a propria e dolorida intensidade um amor romanesco, vehemente, inextinguivel, como haviam de ser para elle cruciantes as horas de agonia passadas a tão larga distancia, em ausencia tão cruel da sua amada! Como lhe estaria o pensamento a cada passo figurando com a vi-

vissima feição e colorido de uma phantasia de poeta, aquella imagem querida, que na alma trouxera impressa noite e dia, e cujos contornos vaporosos e divinos resplendores se afinavam e luziam mais brilhantes quanto era mais escuro e sinistro o horizonte que recrescentes desventuras obumbravam na mente do poeta! Quando os homens se conjuravam com a fortuna para o abater e amesquinhar, como lhe doeria n'alma o sentir que essa mulher pagaria talvez com a deslembrança os *doces errores*, *os males suaves*.

Por ella padecidos e buscados!

Como lhe seria triste e doloroso o ser menos que despresado, esquecido!

Que este é o maior supplicio para um coração que rotos os laços despresiveis das vaidades e interesses terrenaes, está apenas preso ao mundo e á existencia pelos vinculos do amor; para uma alma sentimental e affectuosa, a quem a terra inteira é um ermo inhospito, onde n'um pequenino oasis inflorado voltêa, gentil e gracioso, o vulto de uma unica mulher!

E quem sabe se essa mulher, Natercia, Belisa ou Violante, por leveza e capricho feminil com que as mulheres desprezam algumas vezes

o amor dos homens eminentes para ir sepultar as suas graças no lodo vil de algum homem sem coração e sem talento, — quem sabe, se ella, vaidosa de merecer a adoração de um homem immortal, lhe pagaria apenas com uns vislumbres de offensiva e desdenhosa piedade o levantal-a desde o pó da caduca formosura á divina transfiguração de mulher ideal na creadora phantasia do poeta? E quantas mulheres ha, que deixam vago o throno, que lhe erguera um homem predestinado, e preferem apagar na escura sombra de um amor rasteiro e material os divinos reflexos, que na fronte lhe imprimira a gloria do amante desdenhado.

N'aquella solidão, em que se via, a pouco hospitaleira natureza lhe trazia á memoria a dureza e o rigor, que padecera em seus amores. Ainda o Camões, tão cortado de amarguras e trabalhos se conforta com a lembrança da mulher, por quem se vê agora desterrado em tão asperas paragens:

> Só com vossas lembranças
> Me acho seguro e forte
> Contra o rosto feroz da fera morte;
> E logo se me juntam esperanças,
> Com que a fronte tornada mais serena,
> Torno os tormentos graves
> Em saudades brandas e suaves.

Alli anceia o peito que as amorosas virações, que sopram do poente, e as aves, que transmigram dos climas europeus, lhe tragam novas d'aquella, cuja effigie as miserias da vida angustiosa só conseguem esculpir mais fundamente no enternecido pensamento:

> Aqui com ellas fico perguntando
> Aos ventos amorosos, que respiram
> Da parte donde estaes, por vós, senhora;
> Ás aves, que ali voam se vos viram
> Que fazieis, qu'estaveis praticando;
> Onde, como, com quem, que dia e que hora.
> Ali a vida cansada se melhora,
> Toma espiritos novos, com que vença
> A fortuna e trabalho,
> Só por tornar a ver-vos,
> Só por ir a servir-vos e querer-vos.

Alli lhe estavam luzindo por um instante, e logo esvaecendo-se os mortiços clarões da sua esperança. Voava em anhelitos saudosos á patria, onde acaso a fortuna viria a desarrugar o sobrecenho. E logo as aureas visões de uma sonhada felicidade cediam o logar ao triste desengano:

> Diz-me o tempo que a tudo dará talho;
> Mas o desejo ardente, que detença
> Nunca soffreu, sem tento
> Me abre as chagas de novo ao soffrimento:

Encontramos mais uma vez o poeta gemendo e soluçando os seus amores. Não ha passo na vida do Camões, onde não transpareça a insoffrida paixão pela mulher. Poeta, a corda mais vibrante do alaude é o amor, quem a está mavioso dedilhando. Soldado, por debaixo da malha e do arnez, sente-se pulsar o sangue ardente e generoso de guerreiro e bater o saudoso coração do amante desgraçado.

Já é finda a empreza naval, onde o Camões foi homem de armas. Já a frota, aproveitando a prospera monsão, endireita as proas ao rumo da India portugueza. Voltemos a Goa com o poeta e vejamos que novos trances lhe tem já a fortuna apparelhados.

O vice-rei D. Pedro Mascarenhas, que succedera a D. Affonso de Noronha, terminava em Goa a sua mortal carreira, cheio de dias e de trabalhos, a 16 de junho de 1555. Mandando o chanceller levar á capella mór da cathedral o cofre, onde estavam cerradas as successões, e abrindo-se a que entre ellas tinha o primeiro logar, viu-se que vinha nomeado Francisco Barreto para supremo administrador da India portugueza, não com o nome de vice-rei, mas com o titulo mais modesto de simples governador. Havia já quatro mezes que estava exercendo aquelle officio, quando a Goa

aportou a armada de Manuel de Vasconcellos, e segundo a maior probabilidade com elle regressava Luiz de Camões.

Agora volvia áquella cidade, meio gentia, meio colonial, de quem o poeta dissera logo desde os primeiros tempos de sua residencia, que era mãe de villões ruins, e madrasta de homens honrados. Era agora forçado a conviver com gente de quem fizera tão má opinião, e a tolerar costumes, que destoavam inteiramente da hombridade e bom juizo do Camões. Não se haviam durante a sua ausencia composto e mundificado as baixezas e corrupções, que no Oriente iam lacerando e corroendo fundamente o amago do imperio portuguez. Os que tinham a summa potestade nem sempre eram dotados dos eminentes attributos de caracter e de espirito, que fazem andar consociadas a severidade e a justiça, a resolução e a prudencia, a temperança em corrigir as paixões proprias, e em emendar sem fereza e tyrannia as alheias imperfeições. Não eram já então raros os fidalgos, que na côrte sollicitavam seus despachos, sem que os estimulasse o desejo ardente de illustrar-se em guerras e conquistas, senão com o fito em melhorar de condição e de fortuna. Não era a preexcellencia dos meritos e das virtudes o padrão por onde se afferiam

as honras e galardões. Como ainda hoje succede nos dominios do Ultramar, os que tinham o governo facilmente se acostumavam, longe da patria e da tutela da suprema auctoridade, a haver-se no conceito de omnipotentes e senhores, e muitas vezes a exigir em vez do respeito a lisonjaria, em logar da obediencia a adoração. O favor dos vice-reis melhor fazia medrar os pretendentes que os dotes pessoaes ou os serviços assignalados. Com estes e taes desmandos se turbava o governo e a administração, se desattendiam os necessarios provimentos de guerra e das armadas para acudir a dispendios caprichosos e superfluos, ou para encaminhar os dinheiros publicos pelos multiplices canaes do interesse pessoal. A justiça ia furtivamente desatando a venda proverbial, para que ao menos com um dos olhos podesse de soslaio descortinar em qual das duas balanças mais pesavam os subornos e as valias. Quem tem lido e observado o que, sob um regimen de publica censura pela voz da opinião, e pelos clamores da imprensa livre, diariamente se passa em nossos tempos nas terras ultramarinas de Portugal, quem lastima as desgraçadas nomeações de governadores geraes ou subalternos, os dissidios frequentes e acerbos entre as varias auctoridades na mesma região do

Ultramar, os arbitrios insolentes, com que muitos magistrados superiores arrogam a si proprios os attributos da justiça, e premeiam ou condemnam a seu talante e ao sabor de suas vaidades e paixões, poderá facilmente aquilatar o que era a India nos tempos, em que já frouxo o espirito conquistador e militar, cada qual buscava accommodar ao seu interesse o bem do estado, e trocar pelos commodos pessoaes e egoistas a fortuna e a gloria de Portugal.

CAPITULO XI

A DECADENCIA DA INDIA

> Pois como agora os netos
> Subitamente assi degeneraram?
> CAMÕES, *Elegia.* x, 44.

Quando o Camões servia no Oriente, já eram endemicos e habituaes os erros e desmanchos que passada a alvorada heroica das cavalleirosas façanhas portuguezas, vaticinavam sem remedio a ruina d'aquelle immenso e florente senhorio. Volvidos poucos annos, só nos restaria, apenas como padrão e monumento, esteril para a patria, um pequeno territorio. E esse mesmo ainda seria cubiçado pelos que das mãos, por nossa desidia nos arrancaram tudo quanto na India com sangue heroico haviamos. Já no tempo do Camões a India começava a descair n'esta serie de successivos desbaratos, que haveriam de leval-a desde o seu luzimento e poderio nos dias gloriosos dos Albu-

querques e dos Castros até á recente humilhação de vermos estrangeiros cubiçosos e arrogantes, pisar quasi como senhores o pequeno territorio, onde cinzas e ruinas lançam ainda o pregão da nossa gloria.

Não eram talvez ainda tão abertas e tão vivas nos dias do Camões as chagas, que affeavam o estado portuguez no Oriente, como quando as descobriu e tecteou em seu *Soldado pratico* o chronista Diogo do Couto. Mas eram já visiveis e patentes, porque a India portugueza teve a sua decadencia e abatimento mui proximo das proprias fontes de sua nascença e prosperidade. Alli o baixo imperio seguiu de perto a idade florescente e augustana.

Para attestar o que eram os homens e a moral n'aquella epocha, é bem que transcrevamos algumas das mais significativas expressões, em que o chronista portuguez patentêa a decadencia e a miseria dos negocios indianos:

«Já agora, escreve Diogo do Couto, na India, nem neste vosso Portugal, ha discipulos de Pythagoras, que guardem silencio, porque tudo que se faz é ao som de campas tangidas; os segredos dos conselhos pelas praças ao som de trombetas e assim as mais cousas. E o que é peor, que até

as maldades, adulterios, torpezas, infamias e malicias, os mesmos que as commettem, são seus proprios pregoeiros, porque o capitão, fidalgo, e não sei se o viso-rei, acabando de deshonrar a casada, logo se gaba d'isso a todo o mundo; como houveram a moça donzella, e pela ventura com capa de casar com ella, logo o pelourinho o sabe; o que enganou a viuva rica com a mesma côr; e o casado nescio com promessa de lhe casar a filha, as peças que lhe dão, logo as andam mostrando pelas ruas: de modo que de seus proprios segredos e maldades elles só são os pregoeiros, porque cuido que tem estas cousas por honra e cavallaria; e a virtude e continencia por fraqueza. Ora veja vossa mercê como ha de Deus fazer mercê á terra, onde esta moeda corre[1].»

Parece que n'este ponto rasão tivera o Camões, quando, na estancia 34 do canto I dos *Lusiadas,* o patrocinio de Venus aos seus dilectos portuguezes o fizera pender principalmente de que a deosa adivinhava que frequentissimo culto lhe haveriam de render, não com as fórmas rituaes da Aphrodite hellenica, senão com o torpe ceremo-

[1] Couto, *Dialogo do soldado pratico, que trata dos enganos e desenganos da India,* pag. 6.

nial da Mylitta assyria, ou de Astarte na Phenicia.

«Estando eu um dia em um convento de religiosos (estas palavras põe Diogo do Couto na bôca do soldado interlocutor) veio um fidalgo, que ia entrar em uma das melhores fortalezas da India, a despedir-se delles, e na conversação, em que eu me achei, lhe disse um religioso daquelles estas palavras: Senhor, lembre-vos que ides entrar na mercê, que elrei vos faz por vossos serviços e que nella podeis ganhar o ceu, como eu neste habito; com estas cousas contentae-vos com o que é vosso e deixae viver os pobres e fazei justiça. Ao que lhe respondeu: Padre meu, eu hei de fazer o que os outros capitães fizeram; se elles foram ao inferno, lá lhe hei de ir ser companheiro, porque eu não vou á minha fortaleza, senão para ser rico[1].»

E mais adiante continua o soldado a pôr de manifesto as miserias da governança na India portugueza:

«Vereis um governador ou viso-rei chegar áquelle estado tão zeloso do serviço de elrei e do proveito de sua fazenda, que parece a todos que

---

[1] *Soldado pratico,* pag. 8.

vem remir a India e que tomará as capas aos homens para lhe accrescentar em sua fazenda; mas d'ahi a quatro dias se muda isto, porque a má natureza da terra e infernal inclinação dos homens muda-o de feição, que se lhes toma as capas assim a elrei como aos homens, é para si e para os seus[1].»

Copiaremos ainda um passo, que bem comprová o que era por aquelles tempos a moral governativa, a rectidão e a igualdade nos galardões e nos castigos:

«Vamos mais aos juramentos que fazem (os vice-reis) de guardar regimentos, faser justiça ás partes e outras cousas que deixo, o que muito poucos cumprem, porque regimentos não se executam senão nos pobres; leis e prisões não se guardam senão contra os desamparados[2].»

E mais adiante:

«Basta que este é o maior signal, que eu tenho da India não prevalecer, venderem os governadores os cargos da justiça, a quem a ha de vender tão claramente[3].»

---

[1] *Soldado pratico,* pag. 19.

[2] Ibid.

[3] Ibid., pag. 36.

E n'outro logar do livro lá está vaticinada pelo chronista a corrupção e perda inevitavel do imperio portuguez no Oriente:

«Ora zombam com desfavorecer os pobres! E póde muito bem ser que por isso castiga Deus nosso Senhor o estado da India pelo pouco caso, que os governos fasem delles; de maneira que pelas devassidões e injustiças, que contei, parece que abre Deus nosso Senhor sua mão daquelle estado pela soltura, com que vejo viver a todos. Porque assim vivem todos á sua vontade, tanto me dá mouro, como gentio, ou judeu, que se lhes não dá de commetterem culpas, por que sabem que logo se remirão dellas com dinheiro [1].»

Fôra prolixo notar e advertir todas as maneiras de oppressão, injustiça, desigualdade e latrocinio, que o bem avisado chronista da nossa India compendiou, illustrando-as com exemplos innumeraveis. Na parte d'esta philippica terrivel, que respeita ás depredações e peculatos dos que alli exercitavam os officios e magistraturas, bem poderia o *Soldado pratico* de Couto servir de inspiração e de modelo ao auctor elegante, severo e judicioso da *Arte de furtar*.

[1] *Soldado pratico*, pag. 58.

Dos factos apontados é facil inferir o que era já n'aquella epocha a India portugueza e quanto os seus gloriosos dominadores haviam descaido da hombridade antiga e desapego ás riquezas e aos thesouros, ás peitas e corrupções, que estão sempre seduzindo os que têm poder e mando, e a que sómente podem resistir os animos temperados em escola severa e patriotica.

D'estes tristissimos lunares, que já então maculavam a pureza e o candor dos nossos feitos, podemos concluir que apezar de não ser hoje ainda exemplar a administração e o regimen das nossas possessões ultramarinas, levam grande vantagem e melhoria ao que já foram, quando sob a velha monarchia principiou a revelar-se a decadencia do nosso imperio colonial.

Não julguemos pois que era tudo nas conquistas portuguezas grandioso, heroico, ao nivel da epopea. A India dos *Lusiadas* já não era a India do Camões. A India epica apparece no poema, jorrando ondas de luz e offuscando inteiramente as maculas da crueza e da cubiça pessoal. A India do Camões manifesta-se em toda a sua lastimosa realidade, quando elle a trata e a conversa intimamente, quando os nomes dos Almeidas e Albuquerques, dos Pachecos e dos Castros são

apenas mythos nebulosos, em que a phantasia popular, conjurando-se com a historia, symbolisou o valor, a austeridade, a honra, a abnegação, o proprio martyrio pela patria e pela gloria.

CAPITULO XII

O CAMÕES PERSEGUIDO NA INDIA

> Onde póde acolher-se hum fraco humano,
> Onde terá segura a curta vida,
> Que não se arme e se indigne o céo sereno
> Contra hum bicho da terra tão pequeno?
>
> *Lusiadas*, I, 106.

Nos tempos, em que Luiz de Camões viveu em Góa, após a sua expedição ao mar Vermelho, é bem de adivinhar que a sua mente inquieta e o seu estro fervente e exaltado lhe deixaria escasso resfolgar. Emquanto as armas pendiam ociosas na panoplia, era bem que resoasse a lyra mais frequente e inspirada. Nos seus lazeres de soldado aventureiro, acudia-lhe a musa a confortal-o de suas passadas e presentes desventuras. Em Goa escreveu então provavelmente a canção, em que relata as suas queixas e saudades, quando cruzava em sua náo nas cercanias do estreito de Meca. Alli, é quasi certo, se empregou em limar o que dos *Lusiadas* já levara escripto

ou bosquejado, e em acrescentar novos cantos e estancias novas. Querem alguns que n'aquelle tempo compozesse a comedia *Filodemo*.

Na India escreveu tambem a ecloga I. N'este poema uma das mais bellas e sentidas modulações da sua lyra, pranteia o Camões a morte do seu amigo e mancebo generoso e infelicissimo D. Antonio de Noronha, que em Ceuta acabara gloriosamente logo ao primeiro alvorecer da adolescencia e nas estreias de soldado.

No mesmo poema deplora, se bem com menos intensa dôr e sentimento, o principe D. João, arrebatado pela morte no abril da existencia, deixando incerta e vacillante a successão á corôa de Portugal. N'aquelles tempos, acostumados os povos a fiar a sua felicidade e independencia do arbitrio e nuto dos monarchas e da conservação das dynastias, a morte do principe assumia as funestas proporções de uma calamidade nacional. Porque posta a confiança popular na incerteza de um filho posthumo do herdeiro mallogrado, podia em breve tempo, frustrada que fosse aquella esperança, achar-se posta em leilão e tavolagem de cubiçosos pretensores a liberdade e honra de Portugal. E é notavel com que lastimada previdencia o Camões na ecloga I, introduz

os pastores Frondelio e Umbrano a debater e confortar os seus receios de que barbaros invasores profanassem o sacro territorio nacional. Assim Frondelio se lastima:

E praza a Deos que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carvalho, que queimado
Tão gravemente foi de raio ardente;
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

E o pastor Umbrano lhe responde como grata consolação, que ainda é o mesmo o brio e o valor com que os portuguezes sabem em todo o tempo repellir a extranha dominação:

Emquanto do seguro azambujeiro
Nos pastores do Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer, que se lhe offreça.

E Frondelio, menos confiado no valor e brio degenerado, proclama em seus versos melanco-

licos esta amarga verdade, tantas vezes — ainda mal — exemplificada de que a força é o unico e seguro fiador do direito das nações:

> Umbrano, a temeraria segurança,
> Qu'em força, ou em razão não se as segura,
> He falsa e vã: que a grande confiança
> Não he sempre ajudada da ventura.

E logo vae enumerando os signaes d'esta inevitavel decadencia a qual já se amostra rapida e visivel nos desbaratos, que na Africa padecem os portuguezes, sempre acostumados a enfrear e a vencer os impetos do barbaro. Á memoria lhe traz como os *lobos tingitanos*, quer dizer os mouros da Barbaria, desapressados da antiga timides se atrevem a investir e a matar os soldados portuguezes, e os seus mais illustres capitães:

> Tu não vês como os lobos Tingitanos,
> Apartados de toda cobardia,
> Matam os cães de gado guardadores,
> E não sómente os cães, mas os pastores?

Mas não podiam ser unicamente as fainas litterarias, em que lidasse aquelle engenho peregrino. Por grande que seja o retiro e abstracção, em que das cousas da sua terra e do seu tempo,

vive em si mesmo retraido um grande espirito e um nobre e altivo coração, não passam em vão, sem deixar eccho, as vozes, que do mundo exterior lhe vem ferir o sentimento. Era difficil ao Camões contemplar os desacertos e as desordens da terra, em que habitava, sem que, desapertando-se dos poeticos laços, que o prendiam aos assumptos grandiosos, não baixasse os olhos indignados até ás miserias e torpezas, onde no mesquinho paul dos humanos enredos e paixões se andavam rebolcando os seus contemporaneos.

A satyra saía então aguçada e penetrante d'estes labios, que ainda na epopea tantas vezes não sabem ou não podem emmudecer para a censura e exprobração do que afeia e deshonra a humanidade.

É força que em todas as cidades, e principalmente em tempos de corrupção e de abuso oppressivo do poder, haja alguma voz mais grave e temeraria que substancie nas palavras o protesto eloquente contra os erros, as iniquidades, as loucuras e os ridiculos dos que têem de sua mão o governo ou o conselho e dos que pelos costumes depravados participam da geral dissolução. Quando não havia imprensa, a censura da opinião estava como que delegada nos poetas. Os

versos, com a sua côr de innocente phantasia, consentem o que a lingua não se atreve a expressar em termos chãos. Juvenal, com a satyra que respira a cada passo os venenos corrosivos dulcificados pelo metro, é o grande jornalista da romana antiguidade na sua epocha de infrene depravação. A *Comedia* do Dante é em grande parte o libello politico do seculo, em que as paixões ardentes e as vinganças implacaveis, accendiam nas republicas italianas a quasi permanente guerra civil e povoavam de exules illustres as terras forasteiras. Na edade media a poesia popular, onde a simpleza apparente do poeta se casava com o espirito dicaz, tambem não raras vezes na censura dos costumes substitue a imprensa livre, que ainda estava por nascer.

O *Encomium moriae,* ou o elogio de loucura do famoso Erasmo, era, transmittido por um escriptor fecundo e celeberrimo, o grito da opinião contra os desatinos, os abusos e os ridiculos do seu tempo, em que os maximos interesses da humanidade se debatiam na igreja e no estado, e se revolvia a gleba, em que havia de germinar e florecer a semente da nova civilisação.

Que a indole do Camões era propensa á satyra e ao motejo, se collige de numerosas entre as

suas composições. A sua alma encendia-se naturalmente no fogo da liberdade. Não ha espirito grande e generoso, que celebre a apotheose do que a offende e amesquinha. Para os pequenos e oppressos é a suprema e santa aspiração. Nenhum formoso engenho ainda houve no mundo, que, se principiou adulando os potentados e osculando os proprios ferros, não resurgisse depois á luz e não buscasse respirar desaffogado na immensa e pura atmosphera da liberdade. Ora o Camões era humilde, pobre, desvalido. Provara em suas desditas que para os desventurados o favor dos grandes é a esmola sob color de patrocinio, o seu odio uma crua perseguição. Não eram para elle as capitanias das fortalezas e das armadas, senão a espada e o broquel do simples soldado. O seu humor tôrvo e melancolico se um clarão de jocosa alegria o illuminava, desatava-se naturalmente na satyra mordaz.

Tomava na mão a vara do censor e buscava corrigir os costumes indiaticos. Os *Disparates da India* são um documento precioso de que o poeta não desmerecia como satyrico os louros conquistados nas mais altas revelações do seu engenho. Vae a satyra mordendo brandamente nos costumes e debuxando, como se fosse em *Characteres*

de Theophrasto, nos perfis dos ridiculos e vicios mais notaveis. Póde sem temeridade presumir-se que em alguma das suas redondilhas, os *Disparates* atiram a pessoas determinadas. Onde o Camões, porem, se abalançou a maiores ousadias foi n'aquella strophe, em que se dirige claramente aos que tinham os officios eminentes, e n'elles se comprehende o governador Francisco Barreto:

> Ó vós, que sois secretarios
> Das consciencias reais,
> E que entre os homens estais
> Por Senhores ordinarios;
> Porque não pondes hum freio
> Ao roubar, que vai sem meio,
> Debaixo de bom governo?
> Pois hum pedaço de inferno
> Por pouco dinheiro alheio
> Se vende a mouro e a judeo.

Já é de presumir que este cumprimento não haveria de ser grato ao altivo governador. Bem temos visto em nossos tempos quanto se indignam governadores do ultramar, que não são da estatura do Barreto, quando alguem se levanta a censurar os seus procedimentos e a duvidar um ponto apenas da sua infallibilidade e omnisciencia. Imaginemos qual seria a catadura do rígido capitão,

quando passadas naturalmente de copia em copia lhe chegaram aos ouvidos as strophes meio zombeteiras, meio graves do ousado reprehensor.

Quando o chronista Diogo do Couto, na sua decada septima da *Historia da India*, entra a narrar os successos, que n'ella se passaram sendo vice-rei D. Pedro Mascarenhas, abre d'esta maneira o capitulo terceiro: «Havendo quatro annos que D. Affonso de Noronha estava na India, desejou El-Rei de o mandar vir e prover n'aquelle logar de um fidalgo, a que todos tivessem muito grande respeito e *que fosse muito rico;* por que tratasse mais do que cumpria ao bem d'aquelle estado, que ao seu particular; e que tambem não tivesse filhos, porque a governança da India não andasse de per meio. Assim querendo El-Rei eleger para este imperio oriental tão apartado d'elle, uma pessoa livre e desinteressada, não achou por então outra que o fosse mais que D. Pedro Mascarenhas... e commettendo-o para isso se lhe escusou, com dizer que era de mais de setenta annos... e que tambem se não atrevia a mandar e governar gente tão livre e voluntaria como n'ella havia.»

Queria pois D. João III que recaisse a suprema administração da India em pessoa, cuja riqueza servisse de rebater os assomos da cubiça, porque

já na metropole era notorio que os governadores e vice-reis faziam do cargo mercancia. E já a India era tão má de reger e soffrear pela indisciplina da gente portugueza, que o velho, quebrantado de animo e de vigor, já se não sentia com forças, que bastassem a dominar e a conter os desmandos, que nos dominios portuguezes turbavam perpetuamente a harmonia e boa ordem no governo. Pesaram mais que os annos provectos do Mascarenhas as instancias do infante D. Luiz, e ao cabo de inuteis resistencias acceitou o officio de vice-rei. E é notavel que o exempto e auctorisado capitão, de quem o rei parecia fiar a correcção das demasias e o termo das vergonhosas complacencias com os parentes e amigos, apenas era entrado no governo, logo principiou a revelar como entendia reprimir e acabar os nepotismos, nomeando para o cargo de capitão mór do mar da India, a seu proprio sobrinho, Fernão Martins Freire. «O que, escreve Diogo do Couto, tomavam todos muito mal, porque aquelle fidalgo era reinol, criado sempre em côrte, e nunca cursara a milicia.»

Eis ahi como o varão eleito para o governo porque era opulento, livre de culposas ambições, venerando por sua auctoridade, respondia logo nas estreas ao que de sua honrada abnegação es-

perava el-rei. Mandava-o á India justamente por julgar que saberia em si proprio comprimir severamente os respeitos do sangue e parentesco. E o velho, que não queria para si os proventos illicitos do cargo, a primeira patente, que firmava, era a de um officio rendoso e auctorisado em que investia um moço inexperiente, só porque era seu sobrinho.

E por não alargar as citações, apenas ainda transcrevemos estas palavras do chronista. «Estes descuidos e desordens (que assi lhe podemos chamar) nascem de alguns vice-reis e governadores estarem com o olho em seus respeitos particulares».

O attentado commettido aos olhos dos poderes officiaes pelo Camões no compor e divulgar os *Disparates da India,* aggravou o poeta com uma satyra, onde a graça e o bom humor andam á competencia com a dicacidade e a ironia. Resta-nos apenas um fragmento do que na linguagem de hoje poderiamos chamar um desenfastiado e chistoso folhetim. N'este escripto celebrava o Camões um torneio ou justas fabuladas, em que os paladinos appareciam na estacada, representando os vicios e torpezas, que n'aquella edade corrompida eram vulgarissimas entre os portuguezes do Oriente.

Fingia o poeta a cada qual elegendo, como os cavalleiros justadores, suas divisas, lemmas e tenções. Uns primavam na ebriedade e escolhiam por letra de suas emprezas alguns versos castelhanos ou vernaculos, em que symbolisavam o seu culto ás bacchicas delicias e o uso frequente, que faziam dos licores ardentissimos da India, entre elles, o que o poeta chama *Orraca,* e que não é outro senão o *Arrack,* obtido pela fermentação do arroz. Alguns dos fingidos combatentes figuravam outros vicios de maior fealdade que a intemperança e traziam as burlescas divisas attemperadas á sua particular inclinação. N'esta scena de risivel cavallaria, onde o poeta nos deixou um breve, mas precioso exemplar da sua prosa satyrica e zombeteira, os tiros iam apontados e certeiros a uns fidalgos, que, por festejar o advento do novo governador, tinham vindo justar publicamente. O ridiculo impresso pelo Camões n'este jogo de cannas celebrado em honra do orgulhoso caudilho portuguez, haveria de rasgar-lhe ferida mais profunda que as implacaveis redondilhas aos disparates do governo e dos costumes. Era extranho que um soldado, um escudeiro de condição mean, senão humilde, se atrevesse a chancear dos que tinham o mando e o poder, e meneando os sellos regios, tinham desde

logo ao seu dispor os desterros para punir o estro desmandado. Presupposta a suprema auctoridade, que o abuso, não a lei, fazia illimitada n'um governador ou vice-rei, é facil deprehender que a dura correcção seguiria de perto o sacrilegio.

Em meio das varias opiniões, em que os biographos contendem n'este passo da vida do Camões, e na ausencia de elucidativos documentos, é inexequivel affirmar seguramente se o poeta expiou a sua audacia por um exterminio formal para longe da terra, em que vivia, ou se acaso a aspera sanha punitiva do governador Francisco Barreto se escondeu nas apparencias de generoso patrocinio, enviando o Camões a exercer na colonia nascente de Macau o officio de provedor.

Faria e Sousa, apezar da quasi adoração, que professava ao grão poeta, a quem chamou seu mestre, não se atreve a indultal-o inteiramente pelas satyras, em que no sentir do commentador, faltou ás obrigações de cavalleiro, de prudente e desafogado. «Yo no hallo, escreve Manuel de Faria na segunda vida do Camões, en todas las acciones de mi maestro otra que sea reprehensible, sino esta de escribir estas satiras, porque en ellas faltó a las obligaciones de cavallero, y de prudente y de desahogado». E depois acrescenta em phrases ter-

minantes que Francisco Barreto, com ser varão de prendas excellentes, não mostrou animo largo e generoso fazendo recair a sua vingança com todo o seu poder e de feição tão vigorosa em homem de tão eminentes predicados. E lastíma que os offendidos, em vez de invocarem para o desforço as armas da auctoridade, não pedissem directamente ao offensor o desaggravo, *porque, él era tal,* diz o biographo, *que no faltára a darles gusto, pues la espada en su mano estuvo siempre tan segura, como la pluma en sus dedos: y aun desto y de vengarse ellos por otro camino, presumo yo que no osaron buscarle.*

E logo mais abaixo, na segunda biographia, lança ao Barreto a severa exprobração de haver desterrado para a China o misero poeta. «Finalmente Francisco Barreto haziendose vengador de aquellos hombres y tambien de alguna desconfianza propia, por aver sido aquella fiesta a su entrada, desterró al poeta echandole de Goa á la China.»

Que o severo governador dulcificara o exilio do Camões, dando-lhe o cargo de provedor dos defuntos e ausentes, parece não padecer contradicção. Faria e Sousa, que vivera nas côrtes e sabia, com que abusos se torce a vara direita do poder, para cevar malquerenças e resentimentos pessoaes,

claramente assevera que o poeta partira desde Goa investido no officio de provedor, e não sabe conciliar a grave indignação de Francisco Barreto com a sua generosa munificencia, senão acudindo *á que los señores algunas vezes para endulçar sus rigurosos mandatos, suelen usar en las expulsiones de los que les desplazen esto de dar a entender que los acomodan.*

O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, com o desgosto, que lhe inspiravam, como a zeloso e crente partidario da monarchia absoluta, as livres expansões da opinião, censura no Camões a licença, com que se aventurou a reprehender os vicios do governo. «Taxar, escreve o douto prelado, e ministro de D. Miguel, taxar mais ou menos os que governam é sempre temeridade, de que podem nascer perigosas consequencias». Não ousa porem perdoar de todo o ponto ao severo governador, e antes quizera que affectando bisarro esquecimento de aggravos proprios, declinasse de justiçoso por não parecer interessado no castigo. Inclina-se o prelado a acreditar que em verdade o Camões foi exilado para a China, indo porem adoçada a agrura do desterro com officio rasoadamente proveitoso para quem vivia em summa pobreza e desamparo.

O zeloso editor e biographo nosso contemporaneo, acostando-se á sentença de Mariz, intenta modificar de toda a macula de ruins paixões o governador Francisco Barreto e põe em duvida o desterro do Camões. O que outros imputaram a vindicta e desaggravo, parece-lhe antes effeito da benignidade e compaixão do governador. É porem crivel que um homem severo, como Barreto, orgulhoso, como fidalgo principal, cioso do seu poder e dignidade, um pouco vão e propenso, segundo testemunhos contemporaneos, a dar ouvidos a chismes e delações de enredadores e invejosos, elegesse ao justo aquelle ensejo, em que era affrontado pelo Camões, para d'elle se condoer e amercear, outorgando-lhe sem vislumbre de politica vingança, o cargo de provedor de ausentes e defunctos, sómente para lhe ministrar bisarramente um honesto subsidio á sua pobreza? Seria levantar Francisco Barreto em generosa clemencia e longanimidade acima de Cesar e de Augusto, se o fabulassemos pagando em extremos e finezas os vituperios e affrontas de seu reprehensor.

CAPITULO XIII

O CAMÕES NA CHINA

> Agora peregrino, vago, errante,
> Vendo nações, linguagens e costumes,
> Céos varios, qualidades differentes.
>
> CAMÕES, *Canç.* XI, 9.

Talvez com pouco animo de estender mais longe no Oriente as ingratas peregrinações, se embarcou o poeta para a China, e em Macau principiou a exercer o encargo de provedor. Era officio, que não dizia propriamente com a fidalguia do Camões, mas quadrava de molde á sua penuria. E melhor então era para elle guardar espolios que trazer vestida a couraça de soldado.

«Porque este officio, diz Faria e Sousa, es de provecho, si bien se suebe dar a personas de menor respeto que la suya.»

Não é bastante claro se o Camões na estancia XIX das redondilhas, que principiam

Sobolos rios, que vão
Por Babylonia, me achei,

allude ao seu exilio para Macau, ou se o desterro, de que falla, se ha de entender da terrena e mortal peregrinação á espera de subir á celestial Jerusalem.

Alli escreve o poeta:

Terra bem aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena deste desterro,
Qu'eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

Em sentido mystico interpretam alguns aquella sentida e formosa poesia. Não é, porem, improvavel o parecer, de que em meio dos seus raptos, revoando na phantasia e no desejo á eterna beatitude, o Camões entrelace algo de concernente á sua triste passagem pela terra e recorde que a origem dos perigos e dos naufragios, que recentemente padecera, fôra o *injusto mando* contra elle executado.

Na estancia CXXVIII do canto X é transparente nos *Lusiadas* a allusão á durissima sentença do seu perseguidor. Referindo-se ao naufragio da foz do rio Mecon, insculpe o Camões n'estes versos lastimados e confia á mais remota posteridade a indignação contra os que lhe decretaram novo exilio:

> Este receberá placido e brando
> No seu regaço o canto, que molhado
> Vem do naufragio triste e miserando,
> Dos procellosos baixos escapado;
> Das fomes, dos perigos grandes, quando
> Será o injusto mando executado
> Naquelle, cuja lyra sonorosa
> Será mais affamada que ditosa.

Se vagas e indecisas allusões nas rimas do poeta se não podem muitas vezes, a despeito dos esforços mais engenhosos que discretos dos biographos, tomar-se como inconcussos documentos, a estancia, que deixamos trasladada, põe de manifesto que uma pena por elle tida na conta de injusta e de severa, lhe fôra imposta pelo mando absoluto de quem regia o imperio portuguez no Oriente.

E dizendo o poeta n'aquella oitava que padecera naufragio nas cercanias do rio Mecon, ou

Mei-kong, no reino de Cambodge, fica evidente que o poeta navegou n'essas paragens, que demoram já proximas da China. Este irrefragavel testemunho, se ainda o roboramos com a tradição immemorial e o dizer dos commentadores contemporaneos ou mui chegados ao tempo do Camões, não deixa no espirito a sombra de uma duvida quanto á excursão do poeta á feitoria ou colonia portugueza no grande imperio do meio. O licenciado Manuel Corrêa, a quem Faria e Sousa, como seu émulo no mesmo officio litterario, qualifica de *amigo bueno y comentador malo* do Camões, se como interprete claudica muitas vezes, como quem vivera com elle em trato intimo, deve merecer inteiro credito no que de suas aventuras escreveu.

Commentando a oitava CXXVIII, eis o que diz o licenciado:

«Mostra o poeta como veio ter a este reino de Cambaya (queria dizer Cambodge) vindo da China, onde esteve alguns dias tomando algum alento dos grandes trabalhos, que naquella viagem da China passára e dos naufragios e baixos de que escapára.»

E se como affirma tambem Manuel Corrêa, o Camões só foi lançado no carcere por ordem do

Barreto á volta de Macau, onde exercera o cargo de provedor, fica patente e comprovado que o *injusto mando* unicamente póde referir-se ao exterminio do poeta para a China.

O anno, em que de Goa partiu para o desterro, não ha por onde o possamos pôr em conjectura. Todas as conclusões indicadas n'este ponto por biographos harto ambiciosos de fixar chronologias, são apenas hypotheses architectadas sobre o vento. Onde não ha uma data historica innegavel, que sirva de referencia, e durações de tempo, que ao menos sejam approximadas e provaveis, todo o systema chronologico é fallivel, se não é muitas vezes absurdo.

O bispo de Vizeu na sua memoria, partindo da premissa, aliás não demonstrada, de que o poeta deveria deixar Macau, no seu retorno para Goa, por fins de 1560 ou principios do anno immediato, e adduzindo que para grangear fazenda, que avultasse, era força que exercesse ao menos cerca de tres annos o officio de provedor, com certeza mathematica infere que o poeta deveria sair de Goa pelos annos de 1556.

N'este exemplo admiremos ainda uma vez, como seriam facilmente resoluveis os mais enredados problemas chronologicos da Assyria ou do Egypto,

se tão ligeiras supposições se podessem traduzir em rigorosa expressão arithmetica.

Contentemo-nos pois com a certeza de que viveu o Camões por alguns tempos em Macau. Alli, quasi nos ultimos confins da terra oriental, por tantas mil leguas apartado da patria e dos amores, trabalhado por tão longas e crueis desaventuras, perseguido de invejosos, desenganado de amigos desleaes, iria o Camões applicando ao seu prosaico officio as horas preciosas, que a musa lhe invejava para mais subidas e espirituaes cogitações. É lastima que um engenho peregrino, que de si desentranhou taes cantos, como os seus, o forçasse a penuria a exercer um cargo tão rasteiro, para o qual seria bastante o mediano entendimento de algum homem vulgar e sem renome. Tambem o Cervantes, que em tantos passos da sua vida, no genio e no infortunio, e até na incerteza da sua biographia, foi uma copia do Camões, para acudir á misera pobreza, se humilhou a servir o officio obscuro de commissario de viveres da marinha, que assim lhe pagou tambem a patria os serviços de benemerito soldado e as glorias de insignissimo escriptor.

Durante a residencia do Camões na colonia de Macau, não ha fio que nos possa guiar segura-

mente em deslindar a maneira do seu viver. Os commentadores e os chronistas emmudecem n'este ponto. Os poemas do Camões não registam sequer uma allusão. É força pois atermo-nos á tradição e satisfazer-nos com a obscura atmosphera atravez de cujas neblinas, podemos ver ao longe, em contornos indefinidos, o vulto do Camões, meditando e carpindo suas desditas na gruta de Macau.

Quem ha que não conheça pelas descripções dos viajantes aquella estancia deliciosa, que a propria natureza parece ter formado entre agrestes penedias, á espera de que um inspirado e triste scismador alli viesse desaffogar o estro e a desventura? Em um monte situado ao norte de Macau encontra-se talhada a meia altura a gruta, que a tradição desde seculos sagrou á memoria e ao nome do Camões. Demoram-lhe em redor os penhascos agrestes de granito, nas phantasticas e caprichosas posições, em que os vemos na serra de Cintra, como se foram ossadas de gigantes, baralhadas e confundidas entre si depois de uma peleja temerosa. Aqui e alli apparecem os rochedos arredondados e fendidos, amostrando a sua bronca desnudez. Pelas frinchas da penedia brota a vegetação, cujo verdor e viço estão como

se uma ininterrupta primavera quizera compor e disfarçar a anarchia geologica das primitivas formações. Alfombram-se e arrelvam-se as quebradas, e os pincaros se toucam e se enfeitam de sombrios e bastos arvoredos, onde as floras da Asia e as europeas se estão mesclando e convivendo fraternaes. É a gruta architectada pela engenhosa mão da natureza como de duas grandes muralhas de granito, que entre si guardam intervallo rasoado, servindo-lhe de sobreceo, situada quasi de nivel, outra grande penedia. D'aquella altura, que, segundo o testemunho ocular de bons apreciadores de paisagens naturaes, sobreexcede em romantica belleza e em melancolicos encantos a poetica e saudosa Penha Verde, dilata-se a vista embevecida por largos e formozos horizontes. Alli anda na memoria popular que o poeta passava as horas de ocio, quando a poesia e a tristeza lhe pediam que deixasse os cuidados terrenos e prosaicos de arrecadar espolios e heranças, e lhe lembravam que se a miseria o afundira em tão baixo e ingrato officio, o levantara o genio ás glorias de cantor.

Alli haveria de ir scismar e esconder-se a horas de sesta aos raios inclementes do sol intertropical, e fugir a trato de gentes cubiçosas, que mal

lhe entenderiam a dor e a grandeza. E é notavel que nem um só dos seus poemas se possa apontar como composto n'aquella mansão inspiradora e aprasivel. Quando o Camões na estancia CXXIX do canto X commemora na descripção geographica da Asia o imperio da China, não faz, como n'outros passos do poema, uma só referencia remotissima a um acontecimento pessoal.

Como é que a alma expansiva do Camões, como é que o seu espirito, aberto sempre a tudo quanto é grande, novo, inopinado, se não admira diante d'aquelle immenso imperio, perante aquellas *terras e riquezas não cuidadas,* ante as bellezas naturaes d'aquella região afortunada e original? Como é que o não assombra a civilisação d'aquelle povo, tão outro e tão diverso do europeu e do indostanico na raça, na linguagem, nos costumes, nas instituições, no trato, no vestido, e nas artes maravilhosas, que os portuguezes foram os primeiros a mostrar em seus preciosos artefactos á Europa cubiçosa? Pois se militando em Ceuta o deixou commemorado em seus poemas, se cruzando no estreito de Meca não se esqueceu do arido littoral da Arabia adusta, se naufragando na embocadura do Mei-kong, não menos que nos *Lusiadas* estampou a lembrança do successo, por-

que é que a sua musa ficou silenciosa para as memorias do que passou no seu ultimo desterro? Enigmas escurissimos que não é possivel hoje decifrar.

Da estação — não sabemos se mui longa — do poeta na colonia recente de Macau, sómente resta hoje a tradição e o simples, mas significativo monumento, com que pela devoção de um benemerito portuguez está hoje ennobrecida e exornada a gruta do Camões. Na entrada, que olha para o poente, está erigido um arco de alvenaria cerrado até mais de meia altura por um cancello de madeira, cujas grades se rematam em ferros de lança. Está o arco situado entre duas pilastras, que supportam um gracioso entablamento de ordem dorica. Por sobre a archivolta vêem-se figurados os tributos allusivos a quem com nobilissima jactancia cantou de si:

> Para servir-vos braço ás armas feito,
> Para cantar-vos mente ás musas dada.

Na architrave estão em linha horizontal, gravados em relevo, e pintados de negro, os tres caracteres chins:

士 善 首

cuja versão é: o *doutor* (ou o *sabio) por excellencia*.

Nas duas pilastras, que decoram a fachada está insculpida em honra do Camões, uma inscripção que fielmente transcrevemos na fórma e na disposição dos caracteres chinezes, taes como os vemos reproduzidos n'uma grande e bella photographia, da gruta de Macau [1].

才德超人因妒被難

奇詩大興立碑傳世

Este exemplar de epigraphia chineza, diz trasladado em portuguez:

«O talento e o coração o fizeram superior aos homens. Os sabios o honraram e a inveja o reduziu á desgraça. Os seus divinos versos andam esparzidos por todo o mundo. Este monumento se erigiu para levar aos vindouros a sua memoria».

Nas bases das pilastras está inscripto o nome do cidadão Lourenço Marques, o fundador benemerito d'aquelle singelo monumento e o nome de quem deu

---

[1] Á amavel complacencia do nosso dilecto amigo, condiscipulo e collega no magisterio e na academia, o sr. José Maria da Ponte Horta, outr'ora governador de Macau, de-

a traça e o debuxo para a sua execução. A abertura oriental da gruta do Camões é limitada por um arco sem epigraphes, nem decorações architectonicas.

No interior da gruta existe um pedestal de quatro faces e nas duas correspondentes ás aberturas estão esculpidas e cobertas de tinta preta seis oitavas dos *Lusiadas*. Sobre o pedestal ergue-se o busto do Camões.

Não se sabe quando o poeta saisse de Macau de volta para Goa. Apenas da viagem conhecemos que fôra trabalhosa e cortada de tão duros accidentes, qual fôra o do naufragio, que o poeta padeceu nas costas de Cambodge, proximo á foz do rio Mei-Kong. No canto x dos *Lusiadas* nos legou o Camões a commemoração d'este que ha sido porventura o mais apertado e ancioso lance de toda sua longa peregrinação nas terras e nos mares do Oriente.

Alli se não mostrou contra o Camões a fortuna tão cruel que nas aguas lhe sepultasse o monumento, o qual durante largos annos andara la-

---

vemos a fineza de haver-nos confiado uma bella photographia, que em grandes dimensões representa a gruta de Macau, com a fachada que a limita para o lado occidental.

vrando e erigindo á sua e á gloria de Portugal. Alli conseguiu salvar das ondas o manuscripto dos *Lusiadas*. E a este hospitaleiro recebimento, com que o Mei-Kong mais piedoso que os humanos ao menos lhe frustrara o ultimo desastre, consagrou o poeta a oitava CXXVIII.

Algum tempo se demorou o triste naufrago nas ribeiras do Mei-Kong emquanto se lhe não deparava occasião de seguir a sua derrota para a India. O testemunho dos biographos, que por serem contemporaneos ou mui proximos aos tempos do poeta, nos poderam ter elucidado n'este ponto, é silencioso como sempre nos trechos mais escuros da vida do Camões. Pedro de Mariz, com o laconismo proverbial nas suas noticias, diz apenas estas palavras: «Mas nem a enchente dos bens, que lá grangeou (na China) não o poude livrar que em terra não gastasse o seu liberalmente. E no mar perdesse o das partes em um naufragio, que padeceu terrivel, de que elle faz menção na oitava 128 do canto X».

Resulta pois quasi manifesto que dos lucros do seu modesto officio, o poeta grangeara com que remediar sua penuria, e chegara a possuir algum pequeno cabedal. A sua indole, porem, dissipadora ou manirrota, lhe levara em breve tempo o

seu thesouro. São os homens de engenho ardente e vivacissimo, de fogoso temperamento e indomitas paixões, quasi sempre inclinados, quando a fortuna mais bonançosa os favonêa e lhe amostra por negaça alguns cruzados, a dispendel-os com largueza immoderada, como para se resgatarem da estreiteza ou da miseria, que é sua condição habitual. Mais são escrupulosos e vidrentos no metro de seus versos, que na medida e regra do viver. E a este respeito são notaveis as palavras de Mariz: «Como era grande gastador, mui liberal e magnifico, não lhe duravam os bens temporaes mais que em quanto elle não via occasião de os dispender a seu bel prazer». Se juramos, pois, nas palavras de Mariz, havemos de suppor que dos proes e dos precalços, ainda que fossem quantiosos, do officio de provedor, pouco lhe sorveriam as ondas de Cambodge. Dos espolios e heranças, que tivera á sua conta, seria a maior perda ao naufragar.

O licenciado Manuel Corrêa, no commentario á estancia CXXVIII, em nada mais circumstanciou a breve narrativa do proprio naufragante, senão em que nas paragens de Cambodge alguns dias se demorou, alentando-se dos trabalhos, que passara na viagem, e dos naufragios e parceis, de que saira tristemente vencedor.

Manuel de Faria e Sousa sem assignar a data dos successos, reconta em taxadas expressões a nova desventura do poeta: «En el viage padeciò un naufragio que le huvo de echar desnudo en las playas del rio Mecon. Aqui le succediò lo que a Julio Cesar; porque no se acordò de salvar otra cosa que la espada y sus escriptos. Con ellos nadando se puso en la arena».

O naufragio nas costas de Cambodge, e a residencia do Camões por alguns dias n'aquellas paragens, ao parecer hospitaleiras, é um successo authenticamente comprovado. Outro tanto se não póde asseverar a respeito das causas que moveram o poeta a deixar em Macau o officio de provedor. N'isto laboram os biographos em tão inextricavel labyrintho de graves contradicções, que impossivel se torna sacar a limpo o que n'este ponto realmente se passou. Pedro de Mariz assevera que o poeta, apenas chegado á India, fôra preso pelo governador Francisco Barreto. O licenciado Manuel Corrêa no commento á oitava CXXVIII escreve estas palavras, confirmativas da mesma opinião: «Chegado á India foi preso por mandado do governador Francisco Barreto, pela fazenda dos defunctos, que elle trazia a seu cargo, porque foi á China por provedor mór dos de-

functos, e isto lhe fizeram mexericado por alguns amigos, de que elle esperava favor».

Manuel de Faria e Sousa, na vida do Camões, que antecede a edição das suas *Rimas*, dá tambem claramente a entender que o poeta voluntariamente se embarcou da China para Goa. N'estas palavras resume o seu dizer: «El poeta aunque era liberal, y a este modo gastava consigo, y con sus aficionados, no dexó de hallarse con alguna hazienda adquirida en este officio; y, ó porque se acabára el tiempo dél (tienenle limitado estos officios y ordinariamente suele ser tres años), ó por ver ya en el gobierno de la India al vi-rey Don Constantino, varon famoso, y sobre eso de la real casa de Bragrança, hermano de este gran duque, a cuya magestad siempre avia sido reverente, y celebradola en su poema heroyco, y en otros, de que algunos permanecen en estas rimas, resolvióse en bolver a Goa».

Se podessemos dar inteiro credito ao terminante asserto d'estes escriptores contemporaneos e amigos do Camões, e ao do seu reverente commentador, haveriamos de ter por demonstrado que o poeta, ou porque a sua indole varia e inquieta se refusasse a proseguir no inglorio cargo, ou porque estivessem findos os tres annos da sua

provedoria, se determinara livremente em voltar de novo a Goa.

Mas ainda n'esta apparente concordancia se nos deparam singulares contradicções. Uns affirmam que fôra preso em Goa por mandado severo de Barreto, que ainda tinha em suas mãos o bastão da governança. Outro assenta que o poeta ao chegar á India encontrou já alli por vice-rei a D. Constantino de Bragança, que era seu favorecedor.

Os biographos modernos não andam mais accordes que os seus predecessores. Emquanto o bispo de Vizeu conforma com a narrativa de Faria e Sousa, o editor e biographo moderno do Camões prefere accommodar este passo da vida do poeta aos depoimentos de Corrêa e de Mariz. Conjectura, porém, que não deixara o Camões por alvedrio proprio o cargo de Macau, senão que desde alli viera preso a responder em Goa pelos erros ou delictos, que no officio commettera.

N'esta contradicção de extranhos testemunhos, n'esta espessa escuridão, onde não ha nem documentos, que illuminem, nem inducções, que possam contentar, fica ao romance campo illimitado onde revoe, mas á historia nem ao menos resta onde apalpar nas trevas os successos.

As allusões do poeta ás iniquas e duras perseguições não individuam tempos, nem logares. É verdade que na XI canção o poeta verbera lastimado os crueis adversarios, que o tiveram *atado á fiel columna do soffrimento seu*. Mas bem póde a referencia comprehender na sua amplissima indeterminação os tratos, que em toda a vida padeceu, a contar do primeiro desterro de Lisboa, até o *injusto mando,* que o arremessou quasi aos ultimos confins do Oriente.

Na XI canção, que é uma autobiographia entresachada de hyperbolicos amores e de vagas allusões a successos reaes da sua vida, o Camões, compendiando as suas longas e dolorosas amarguras, rompe n'estes versos:

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me emfim o tempo e o mundo.
Que segredo tão arduo e tão profundo,
Nascer para viver e para a vida,
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdel-a,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim não houve trance de fortuna,

Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças d'aquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos,
Qu'eu não passasse atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Nada se póde imaginar de mais bello na sentida expressão de um espirito profundamente dolorido que estes versos, em que o poeta estilla a dor intensa das suas crueis tribulações. N'elles exhala os seus queixumes contra a dureza dos seus contemporaneos, a séva condição de seus perseguidores, e a frouxa, ou fementida affeição de amigos falsos, desleaes, enredadores. N'elles se doe acerbamente das injustiças, com que o laceraram os que pelo abuso da força ou da fortuna, e pela quebra da igualdade natural, se arrogaram o poder sobre os demais homens, que só podem soffrer e lastimar-se. Aquelles poderosos, de que falla o Camões n'este logar, não são apenas os duros governadores e capitães, que na India o maltrataram, senão todos os que desde a patria se estiveram conspirando para que em desterro forçado ou voluntario fosse deixando pelo mundo a alma *em pedaços repartida,* e subindo sem repouso e sem auxilio as in-

gremes encostas do seu calvario. Não podemos saber se na strophe, que transcrevemos, tinha o Camões na mente o torvo e impiedoso sobrecenho do governador Francisco Barreto. Não póde pois das palavras do poeta n'este ponto inferir-se que em Macaú o salteasse com um mandado de prisão o seu antigo perseguidor.

Nas oitavas dirigidas ao vice-rei D. Constantino de Bragança revela-se mais clara a intenção de apontar certeiro o tiro ao seu immediato antecessor. N'estes versos trasborda fremente a indignação suprema do poeta contra os que têm posto o seu empenho em amesquinhar e desluzir os benemeritos, e em levantar os medianos e ruins. N'elles em altivas imprecações se vinga dos malquerentes e invejosos, que tanta parte foram nos exilios e desgraças, que passou. N'elles proclama esta grande e solemnissima verdade, que só no tumulo principia a fulgurar em plena claridade a gloria dos grandes homens, sem que o halito da inveja e da maldade ouse agora macular o nome dos heroes:

> ... que a má tenção dos invejosos
> Não se doma senão depois que o véo
> Se rompe corporal; porque na vida
> Ninguem alcança a gloria merecida.

Agora busca o poeta acolher-se, como a refugio derradeiro, á sombra protectora do benevolente vice-rei.

> Que contra meu tão baixo e triste estado
> Busco favor em vós que podeis tudo.

E depois augurando ao novo arbitro da India glorias mais puras, e tambem, como sempre succedeu, mais violentas murmurações da turba infrene, desfecha a setta hervada e penetrante ao seu já decaido perseguidor:

> E despois de tomar a redea dura
> Na mão, do povo indomito qu'estava
> Costumado a larguezas e á soltura
> Do pesado governo que acabava,
> Quem não terá por santa e justa cura,
> Qual do vosso conceito s'esperava,
> A tão desenfreada enfermidade
> Applicar-lhe contraria qualidade?

Na enredada confusão, em que nos deixam os biographos, só podemos concluir que o poeta padecera perseguição, e chegando a Goa fôra encarcerado por imputações, que lhe fizeram a respeito do seu cargo de provedor. Se Francisco Barreto ainda estava governando quando o Camões aportou de novo á India, se D. Constantino de Bra-

gança já lhe havia succedido, não ha sufficiente fundamento, com que o possamos resolver.

Tampouco nos é facil decidir se o Camões, achando-se já preso em Goa, quando alli chegou o novo vice-rei, por seu favor e patrocinio alcançou desprender-se dos grilhões; ou se, como têm alguns biographos, foi lançado no seu carcere, quando já D. Constantino governava a India portugueza. O que parece todavia mais provavel é que a prisão fosse ainda ordenada por Barreto, segundo a opinião de Manuel Corrêa. Talvez o Bragança, vibrando menos dura a vara do governo ao misero poeta, lhe abrisse desde logo as portas da cadêa, e de seus largos infortunios se mostrasse mais piedoso, e lhe pagasse com a suspirada liberdade a fineza de o cantar nas panegyricas oitavas.

CAPITULO XIV

ULTIMOS TEMPOS NA INDIA

> A piedade humana me faltava,
> A gente amiga já contraria via.
> *Canções* XI, 10.

Agora adensam-se outra vez os navoeiros em redor da romantica figura do poeta. A chronica é para elle silenciosa, como sempre. As biographias não ministram um só vislumbre. Os poemas do Camões continuam a tanger unicamente a corda de seus amores e desventuras. Não se sabe como volveu a existencia do Camões, emquanto D. Constantino teve da sua mão o imperio portuguez no Oriente. Prefiramos o silencio á hypothese; o eclipse total á densa bruma. Quando o biographo ignora inteiramente uma epocha da vida do heroe, em vez das soluções de um problema indeterminado, melhor quadra á historica sinceridade proferir a vozes um *não sei*.

Se D. Constantino foi, segundo affirmam, o

7*

unico patrono, que na India teve o Camões, e se o seu vice-reinado foi, como dizem os chronistas, um dos mais exemplares, bem lastimado ficaria o poeta quando viu que ia deixar a India e o governo aquelle generoso protector. E de facto, se é verdade o que d'elle escreve Diogo do Couto, era o Bragança moderado no governo, da justiça respeitador, zeloso da fazenda, na brandura e affabilidade o contraposto do seu antecessor. «Foi (diz o chronista) homem de meã estatura, grosso, espadaúdo, barbassudo, gentil homem, brando, affabil, muito favorecedor das cousas da religião, muito amigo da justiça, verdadeiro, casto». E logo na pagina seguinte acrescenta: «Estava Portugal n'aquelle tempo tão mimoso, que foi seu governo então muito extranhado; mas depois se entendeu que fôra dos melhores, que desde então até hoje houve». Descontada a lisonja natural do historiador para com o filho da poderosa casa de Bragança, ainda fica margem para suppor que a sua administração não seria das mais erradas, e não pesaria tão duramente no poeta, já pouco habituado a respiros, ainda que breves, da fortuna.

De Portugal chegara á India o conde do Redondo, D. Francisco Coutinho, com o titulo eminente de vice-rei. N'este ponto volve a ser em-

maranhada a confusão na vida do Camões. Manuel de Faria e Sousa, referindo-se á chegada do novo magistrado, e ao encarceramento do poeta, diz apenas estas palavras: «Don Constantino estimó al poeta y le hizo la merced que pudo. Sucedióle en el virreinato el conde de Redondo Don Francisco Coutiño, que tambien le honrava; mas no llegó este favor a sacarle de la carcel, en que le pusieron, unos dizen que por algunas travessuras, y ótros que por calumniado de enemigos sobre lo tocante al officio de proveedor de difuntos en Macao».

D'estas palavras induz-se que, segundo o parecer do commentador, o Camões ficara preso desde o tempo de Barreto, na cadeia se conservara emquanto o Bragança fôra vice-rei, e ao conde do Redondo não lhe valera todo o seu poder quasi discricionario para descerrar ao poeta os ferrolhos da prisão. Ou tambem se póde interpretar o que diz Manuel de Faria, suppondo que fôra o Camões preso no tempo de D. Constantino, e que no carcere jazia, quando o recemchegado vice-rei tomou conta do governo.

No meio d'estas crescentes difficuldades no ajustar a chronologia e os feitos do Camões, o bispo de Vizeu resolve a questão, dizendo que foi preso

durante o governo de D. Francisco Coutinho. O erudito biographo nosso contemporaneo, porventura enleado na contradicção dos antigos testemunhos, intenta concilial-os, presuppondo que duas vezes o poeta fôra lançado na prisão, a primeira sendo então governador Francisco Barreto, a segunda quando o Bragança ainda regia o imperio portuguez no Oriente.

N'um ponto são, porém, consonantes os biographos, é em ter sido o Camões encarcerado. Se as increpações, que lhe fizeram, foram apenas calumnias de inimigos enliçadores e invejosos, que lhe guardavam má tenção, ou lhe cubiçavam o officio, ou se realmente se estribavam em vicioso meneio do seu cargo, e na perda dos alheios cabedaes, que as ondas lhe engoliram, quando naufrago em Cambodge, não ha por onde seguramente o avaliar.

Se houvermos de seguir a Manuel Corrêa, havemos de acreditar que se invocara contra o Camões algum vicio de administração ou desvio da fazenda, por que estava responsavel como provedor dos ausentes em Macau. Faria e Sousa, ao commentar a estancia CXXVIII, deixando irresoluto este passo na vida do poeta, não contradiz abertamente que a prisão tivesse por causal o pedirem-lhe estrei-

tas contas pelo exercicio do seu cargo. E chega a admittir que para proceder contra o desventurado provedor bem podera ter havido fundada queixa, «porque, escreve o commentador, el poeta era liberal, i los liberales dan malas cuentas de hazienda, a quien se las pide estrechas... Por otra parte tambien pudo caer sobe el poeta para ser preso, la desdicha de aquellos a que se llega a pedir cuenta de lo que no estuvo en su mano, sino en la de los elementos, que formando con su discordia una tempestad, i ella un misero naufragio, se pide cuenta al general de lo que en ella se perdió, aviendo de pedirse al mar, ó a estos elementos, que se descompusieron, i esto sucedió tambien al poeta en aquel viage; para que no aya genero de mala ventura, que no se ponga en los ombros a un ingenio que llegó a ser grande».

Assim talvez por uma parte a negligencia, com que os homens eminentes e de irrequieta phantasia descuram muitas vezes, por desproporcionadas á alteza do seu genio, as pesadas obrigações de um cargo de fazenda, poderia occasionar alguma irregularidade nas contas do provedor. E por outro lado não seria impossivel por ventura que o poeta, por sua indole magnifica e dadivosa, dispendesse na China alguns cruzados, que no cofre de-

pois achasse menos uma austera syndicancia. Se tal aconteceu é sómente para lastimar que, sendo n'aquelles tempos tão culposa e dissipada a administração da India, segundo o testificam os chronistas, só no Camões, porque luzia demasiado no talento e com elle offuscava, como sempre succede, os invejosos, caisse com todo o peso a espada severa da justiça. Talvez á mesma hora os capitães e os feitores das fortalezas, fiando na valia ou no suborno a impunidade, estivessem desvalisando as arcas publicas e derivando para a bolsa propria o oiro e a fazenda extorquida a gentios e christãos.

Que jazeu por algum tempo encarcerado o grande epico, testifica-o a tradição e roboram-n'o os biographos. Quando e por cujo mando alcançara alfim a liberdade, não o podemos com certeza discernir.

E em tanta variedade e confusão de pareceres e testemunhos é preferivel ao romance o discreto silencio da ignorancia. Ao menos ficará pendente e incerto no juizo a qual dos que regeram a India n'essa epocha, pertenceu a triste gloria de converter a indulgencia e frouxidão habitual em dura severidade contra aquelle, que na India era pequeno, humilde, quasi mendicante, para ser

depois o maior nome portuguez pelo culto dos naturaes e pelo assombro dos extranhos.

Estando já para sair absolto da prisão, refere-se que um fidalgo portuguez, Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha o Fios-seccos, lhe fôra com embargos á saida, allegando que o poeta lhe não pagara certa divida. Era o Miguel Rodrigues homem de preço e auctoridade, porque nas *Decadas* de Couto é muitas vezes nomeado com louvor como excellente capitão. No governo de Francisco Barreto fôra mandado com dez navios a fazer a guerra, que podesse na costa do Hidalcão. Da qual empreza saíu com tanta honra, quanta lhe attribue o chronista do Oriente no capitulo III do livro III da septima decada. E agora para deslustrar os seus louros de soldado, e pôr no seu escudo uma barra de bastardia moral, vinha, como um chatim ou baneane, impor ao miserrimo Camões, que se, desapertado das cadeias, desejava respirar o purissimo ar da liberdade, havia primeiro de lançar-lhe no capacete as mealhas, em que o poeta não podia converter a sua pobreza. Então o Camões aguça contra o seu avarentissimo crédor a frecha do epigramma. Então endereça aquelle gracioso memorial ao conde do Redondo. Alludindo á armada, que o vice-rei apparelhava

para ir-se a tratar pazes com o Samorim, e jogando de vocabulo com as vozes *embarcado* e *desembargado,* escreve d'esta maneira:

Que diabo ha tão damnado,
Que não tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto hum golpe seu
Sôa na infernal cadeia;
Do que o demonio arreceia,
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contr'elle e contra tudo
Não tivesse hum forte escudo
Só em vossa senhoria.
Portanto, senhor, proveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Não era esta de seguro moeda de boa lei, com que ainda os poetas hajam de satisfazer os seus crédores. Mas fôra tão reprehensivel e cruel a avareza do Fios-seccos n'um momento, em que o poeta já tinha um pé quasi fóra da prisão, que não sabemos criminar a desaffronta.

Não dizem os biographos antigos como o fero Miguel se accommodou, mas asseveram que o

poeta fôra solto, não sabemos em que tempo, nem por ordem de qual auctoridade.

Faria e Sousa expressamente diz:

«No hallamos que el conde le desembargasse antes de embarcarse, aunque siendo despues libre desta prision, proseguió en servir en las armadas como solia.»

Um illustre biographo moderno dá por demonstrado que o poeta se embarcou na formosa armada, com que D. Francisco Coutinho se foi a avistar com o Samorim. E este asserto funda unicamente em que o poeta *devia* acompanhar o vice-rei. Se estava solto, bem podia ser que fosse. Não é porem extranho que não entrasse n'aquella expedição. Na biographia, como na historia, é melhor dizer *podia* que *devia,* quando nos faltam documentos ou irrefragaveis inducções para affirmar de plano um feito ou um successo. Não é menos temeraria a affirmação de que o vice-rei no despacho dos negocios, algumas vezes tinha ao Camões por consultor. Porque na carta do conde do Redondo a el-rei, diz elle expressamente que na falta de outros conselheiros se *valia algum tanto do provedor mór dos defuntos.* E é quasi certo que este provedor era um funccionario da India, e não o que em Macau

tivera um encargo subalterno de nome similhante.

Não padece contradicção que o poeta, como soldado, não estaria em Goa durante largos tempos ocioso e remisso nas obrigações de cavalleiro. Em que armadas embárcou, em que emprezas foi presente e combateu, não se póde averiguar. Mas havia forçosamente de ser modesto, quasi obscuro, o seu officio militar, e desproporcionado ao seu grande merito e valor. Porque Diogo do Couto, que tanto o conheceu e o honrou, sendo tão largo em exarar nomes de capitães e de fidalgos nas extensas listas das armadas, nem uma só vez, em suas *Decadas,* aponta o grande epico. Tudo pois que phantasiam recentes narradores, mais enthusiastas do Camões, que mesurados em suas conjecturas, é um puro episodio novellesco. Se em Ternate residiu; se acompanhou até Malaca o capitão D. Diogo de Menezes; se passou ás Molucas e ao Japão; deixemol-o á romanesca inventiva dos biographos, empenhados em acrescentar duvidosas cavallarias e incertas aventuras a quem como soldado ceifou tantas palmas verdadeiras, como epico tantos louros immortaes. Como se para augmentar o lustre do seu nome fosse mister converter o vulto heroico do Camões na phantastica figura de Amadis.

É tempo de findar o longo, ainda que voluntario exilio do Camões nas paragens do Oriente. Vindo a fallecer em 19 de fevereiro de 1554 o conde do Redondo, e tendo poucos mezes a administração da India o governador João de Mendoça, surgiram a 3 de septembro as náos do reino, em que vinha D. Antão de Noronha, com o officio de vice-rei. Parece que o poeta achara n'elle mais graça e valimento que no seu antecessor. Porque de um authentico diploma descoberto pelo zelo e diligencia de um biographo pesquisador, sabemos que fôra o poeta nomeado para a feitoria de Chaul, a qual, por motivos ignorados, não chegou a exercer. Talvez a nomeação lhe fôra dada pouco antes de partir com o intento de volver a Portugal. E n'este caso ficaria manifesto ter sido seu munificente protector o D. Antão. Quando a fortuna lhe sorria menos madrasta, investindo-o n'um encargo, onde poderia desquitar-se da pobreza e miseria, em que vivera, não sabemos com que improvisa inspiração se fiou nas palavras de um amigo refalsado e se determinou a deixar com elle a India, fazendo-se na volta de Moçambique.

As saudades vivissimas da patria, ou o desejo de tentar ainda mais uma vez um cambio em sua

ventura, o incitariam a buscar longe da India o arrimo e a paz, que a India quasi sempre lhe negara.

Succedera na capitania de Sofala um cavalleiro, que na India militava e havia nome Pedro Barreto. Era conhecido e familiar, senão um dos muitos perfidos amigos do Camões. Commetteu-lhe que o seguisse á sua nova capitania. Conseguiu ceval-o e attrahil-o com ardilosos embelecos e esperanças lisonjeiras. Persuadiu-lhe que a fortuna se lhe faria mais humana, se quizesse ir em sua companhia. Queria porventura demonstrar-lhe, como observa Faria e Sousa, que se um Barreto na India o maltratara, outro de igual appellido, e de menos obdurado coração lhe seria amparo e lenitivo a suas desventuras.

CAPITULO XV

REGRESSO Á PATRIA

> ... O patrio ninho amado
>
> CAMÕES, *canç.* XI, 9.

Embarcou-se o Camões na armada, que de Goa trazia a Portugal a D. Antão de Noronha, depois de concluido o seu triennio. Chegado que foi o poeta a Moçambique, dissiparam-se os prospectos aprasiveis, que na India lhe amostrara Pedro Barreto. Tinha o misero Camões por sorte inexoravel que sobre desterros e prisões e penurias e miserias innumeraveis ainda o salteassem os crédores, quando no auge de sua pobreza, mais estava para esmolas de ceitís que para grossos desembolsos. O Barreto, mostrando que a respeito do Camões não desmentia o seu cognome, em vez de o ajudar com algum parco subsidio em sua necessidade, teve por melhor e mais asado

ao que era já destino e costume no poeta, affligil-o em tanta maneira, que, vendo a Africa ainda peior madrasta do que a India, se deu pressa em embarcar-se na volta de Portugal. Porem quando estava prestes a deixar as praias africanas n'uma das náos, que em benigna conjunctura aportaram a Moçambique, trazendo o rumo a Portugal, saiu-se Pedro Barreto a embargar a partida, allegando que o poeta lhe devia duzentos cruzados, que havia com elle despendido. E levara adiante o seu malevolo proposito, se, conforme a narração de Faria e Sousa, não estivessem áquella sasão em Moçambique alguns amigos do Camões, amigos raros, d'estes que sabem acudir nas alheias estreitezas. Vinham todos n'aquella armada, e da India volviam a Portugal. Eram Heitor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão e alguns outros, que entre si fizeram bolsa, acudindo cada um com seu escote, até perfazer a somma do que podera sem metaphora appellidar-se o resgate do Camões.

Conjectura Faria e Sousa que seria Heitor da Silveira o promotor de tão assignalado beneficio, porque desde longos annos era amigo do poeta, e ainda o enlaçava mais com elle o serem

ambos conformes na fortuna, ambos soldados e poetas, e pobrissimos os dois em igual extremo. Heitor da Silveira dirigira na India ao conde do Redondo um seu memorial, onde em meio-joviaes, meio-sentidos versos, recordara ao vice-rei a sua penuria e invocara o seu favor e patrocinio:

> Vossa senhoria creia
> Que não apura o engenho
> Fome, se he como a que tenho,
> Mas afraca e corta a veia.
> E quem o contrario sente,
> Está farto em toda a hora,
> Como estou faminto agora:
> Mas Martha, se está contente,
> Dá-lhe pouco de quem chora!

E o Camões por esta occasião reforçava n'estes versos a petição do seu amigo e companheiro na pobreza:

> Nos livros doutos se trata
> Que o grande Achilles insano
> Deo morte a Heitor Troiano;
> Mas agora a fome mata
> O nosso Heitor Lusitano.
> Só ella o póde acabar
> Se essa vossa condição
> Liberal e singular
> Não mette entr'elles bastão
> Bastante para o fartar.

Tão proverbial era por aquelles tempos na India que os bons soldados e os engenhos peregrinos se andassem finando na miseria, emquanto os apaniguados e clientes mais felizes de quem tinha o poder supremo, levavam as melhores capitanias e os cargos mais opimos, sem outra benemerencia muitas vezes que bafejal-os a fortuna e elegel-os a adulação.

Satisfeito o *premio vil,* com o qual Pedro Barreto, como se fôra preço de resgate, consentiu em levantar o seu embargo, poude o Camões seguir sua derrota, voltando á terra de seu berço tão desvalido e pobre como fôra. E aqui traslademos por memoria as amargas, mas justissimas palavras, com que Faria e Sousa dá fim á narração de tão lamentavel episodio: «De manera que a un mismo tiempo la persona de Luiz de Camões y la gloria de Pedro Barreto fueron vendidas por doscientos ducados». Compraram os amigos do Camões o cantor immortal dos feitos patrios e vendeu Pedro Barreto pela mesma quantia miseravel a sua honra de cavalleiro. Tão certo é que na India, se ainda então serviam homens benemeritos, havia tambem cingindo e infamando a velha espada portugueza mascates disfarçados em heroes.

Navegou o Camões em companhia dos amigos e valedores e de muitos cavalleiros, que tambem com elle vinham buscar nos ocios patrios algum desafogo aos guerreiros trabalhos do Oriente.

No mez de abril de 1569 surgia na enseada de Cascaes a náo *Santa Clara,* que trazia a seu bordo o grande epico. Com lugubres auspicios avistava o poeta as praias do seu querido Portugal, a terra, a que desde os confins da Asia, em meio de contrastes, de perigos, de revezes, estivera alongando sempre os olhos quasi sem esperança de a pisar. Já quando os azulados pincaros de Cintra se desenhavam em contornos esbatidos pela neblina, teve o Camões a profunda magoa de perder o seu amigo Heitor da Silveira, aquelle piedoso e honesto valedor, que da estreiteza de seus haveres achara meio de acudir ao poeta em Moçambique, respondendo com sua pobreza generosa á avara condição de um rico desnaturado e insolente.

Ardia Lisboa em peste, quando o Camões aportava triste a Portugal. Parece que a Providencia lhe quadrara aquelle ensejo para que ao chegar á patria fosse logo desde o principio luctuosa a sua entrada. Começara a governar el-rei D. Sebastião. Tudo quanto póde a natureza apparelhar

de infesto e de terrivel se havia conjurado para envolver em lugubres presagios o solio do mancebo enthusiasta e cavalleiro. O cortejo funebre das pragas afflictivas desfilava tristemente, emquanto não succedia em Africa o funesto desbarato e não vinha o duque de Alba amortalhar solemnemente o cadaver da nação, e entoar-lhe com os hymnos da perfida victoria o sacrilego responso pela sua independencia e liberdade.

Se o Camões de feito maldissera da patria ao embarcar-se para a India, e revirara contra ella o desdem e a affronta, que a patria lhe votara, não poude acabar comsigo o seu coração generoso e portuguez que não lhe perdoasse os aggravos, com que o ferira. Era mãe, e ao desamor da mãe como havia de responder, sendo já passados tantos annos e pesando-lhe na fronte o infortunio, senão beijando-a affectuoso e commovido?

Conta Faria e Sousa que o poeta recem-chegado, escrevera a um amigo seu no Porto, desafogando o alvoroço, com que tornara a ver a patria e custando-lhe a crer que essa ventura a tivesse conseguido. Tal é a patria, principalmente para os que mui longe d'ella andaram largos annos mesclando saudades do seu berço com

perpetuas e crescentes amarguras. Eram volvidos longos tempos depois que se despedira, escandalisado, mas saudoso do seu Tejo inspirador.

Do que fôra em sua juventude achava agora tudo transmudado. Encontrava sepulchros, onde tinha deixado esperanças; goivos, onde vira vecejar boninas e cecens. Se por ventura havia amado uma Catharina de Athaide, a Natercia dos seus versos, as rosas de seus labios, que elle vira perfumadas e mimosas, estavam agora murchas no sepulchro. Tinha sido a essa por ventura que, ao vêl-a revoando á beata e angelica mansão, desferira aquelle saudosissimo soneto, em que para a seguir quizera desatar-se das prisões terrenas e carnaes. Tinha ainda mãe. Restavam-lhe os braços mais amigos e fieis para o estreitar, labios femininos, que sem o mundano egoismo da amante, e só com o affecto puro da mulher, lhe amimassem castamente a tez crestada pelos soes. Esperanças de melhoria em sua pobreza não havia para que as podesse nutrir e enganar. Na India volteara em meio de thesouros e opulencias, e a sua indomestica fortuna, encurtando sempre a mão, não lhe consentira, como a Tisiphone da *Eneida,* que n'ellas se reparasse de sua esqualida miseria:

Furiarum maxima justo
Accubat et manibus prohibet contingere mensas.

Teria na patria a sequencia das suas desventuras, mas ao menos seria em terra propria, e não extranha. Bem sabia que aos seus compatriotas os não havia de encontrar mais humanos e hospedeiros do que os deixara em sua partida. Mas ser-lhe-ia sequer menos amargo o escasso pão da sua penuria sem o travo do desterro em remotas e desabridas regiões. Ao cabo de tantos e tão duros contrastes da fortuna, viria nos seus ingratos conterraneos encontrar certamente opilados os ouvidos e apoucados os corações, mais propensos a affrontal-o, que a votar o merecido galardão ao seu formoso engenho de poeta, e ao seu lidar honroso de soldado. O que elle julgava da alteza dos seus meritos e o que esperava como premio, lá ficava já eloquentemente debuxado nas grandiloquas estancias, com que remata o canto VII dos *Lusiadas:*

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos;
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

E logo lastima desalentado que com ingratidões e com desprezos lhe pagassem aquelles, que em seus cantos celebrara:

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem,
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem.
A troco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louros, que me honrassem
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Vede, nymphás, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores,
A quem os faz cantando gloriosos.
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

Que soberbas estancias, em que o poeta exhala ao mesmo tempo as justissimas queixas e as pungentes ironias. É dos *senhores,* dos poderosos, e dos grandes, que mais o offendem, a sevicia ou o desdem! Porque não era n'aquelles tempos de ambiciosa oligarchia o pobre povo, quem tinha de sua mão os premios e os louvores, as palmas e os triumphos. Quem sabe se o Camões ao contar que em vez de laureis e capitolios lhe povoavam a existencia de espinhos e de calvarios, não tinha presentes na memoria as honras solemnissimas, que na Italia contemporanea principes e senhores de maiores espiritos que os proceres de Portugal, sagravam a poetas quasi obscuros comparados ao Camões? Lembrava-se talvez dos *poetas laureados,* cujos nomes são hoje apenas conhecidos aos eruditos da historia litteraria.

Para andar no favor e na memoria dos potentados é preciso ter sempre fumegando o thuribulo da cortezã lisonjaria. Desagradam as verdades. Para os vãos e para os soberbos já a ausencia do louvor é vituperio. Sabia o Camões engrandecer os que o mereciam, aos ruins esquecer ou deslouvar. E os que mais valiam no governo eram já, na extrema degradação da monarchia, aquelles de

quem menos se podia com algum vislumbre de verdade colorear a adulação.

E era no Camões de tal feição a hombridade e altiveza, que de si mesmo se houvera de correr, se a troco de algum allivio em suas miserias profanasse a poesia, que deve ser a honra e a verdade embellecida pela musica do metro e avivada pelas côres da phantasia.

Continuando a invocar as nymphas do Tejo e do Mondego, promette o Camões ser intratavel com a lisonja:

> Pois logo em tantos males he forçado,
> Que só vosso favor me não falleça,
> Principalmente aqui, que sou chegado
> Onde feitos diversos engrandeça;
> Dai-m'o vós sós, que eu tenho já jurado
> Que não o empregue em quem o não mereça,
> Nem por lisonja louve algum subido,
> Sob pena de não ser agradecido.

Dos seus poucos hospitaleiros naturaes não esperava o Camões fagueiro acolhimento. A patria, amava-a com entranhavel e pura adoração, como thesouro de glorias immortaes. Mas a terra presentia-a já tão desabrida como quem só a custo lhe haveria de conceder um estreito e humilde rincão para jazida.

Trazia-lhe por offerenda o grandioso poema dos *Lusiadas,* e esse mesmo quem sabe se haveriam de aprecial-o os proprios, que n'elle ficavam tendo registada pelo genio a sua historia.

Que o lessem, que o tomassem de memoria. Negassem-lhe embora o pão material que nutre o corpo, mas dessem-lhe ao menos por salario a gloria, a celeste ambrosia do talento.

CAPITULO XVI

OS LUSIADAS E AS EPOPEAS ROMANESCAS

> Ouvi, que não vereis com vãas façanhas,
> Phantasticas, fingidas, mentirosas,
> Louvar os vossos, como nas estranhas
> Musas, de engrandecer-se desejosas.
>
> *Lusiadas,* I, II.

Voltava do Oriente o poeta portuguez a repousar na patria, quando a patria, em vez de saudações e boas vindas, só lhe podia fazer em luctuosas vestiduras o recebimento maternal. Chegava á sua fatal declinação o poder e a fortuna d'esta terra, que trouxera durante mais de um seculo entre assombrada e invejosa a velha Europa em face de tamanhas emprezas e triumphos. A epopea heroica de Portugal em Africa havia começado. Nos muros de Ceuta se firmara com a bandeira das quinas e castellos o marco inicial na serie immensa das conquistas e victorias portuguezas. Era bem que em Africa tivesse tambem o seu

occaso a vaidade e a gloria nacional. Alcacer-Kibir encerra por uma rota memoravel o cyclo das audazes aventuras. D. Sebastião, como se fôra o ultimo cavalleiro e paladino da edade média, deslocado do seu tempo, atrazado na carreira, sepultou comsigo no mesmo tumulo a grandeza do seu reino e os sonhos da sua gloria. Camões tinha chegado a ponto para testemunhar poucos annos depois do seu regresso a quéda do gigante e o seu estrondoso baquear. Os *Lusiadas* eram o antecipado panegyrico proferido nas obsequias solemnissimas de um heroe. Era a commemoração das suas glorias, no momento em que ellas se iam acercando de volver-se em fumo e illusões e ironias da fortuna. A decadencia de Portugal já andava desde muito prenunciada em vida do poeta. Já as glorias portuguezas no Oriente se haviam começado a desdourar com a progressiva corrupção e abatimento dos brios varonis. Já a India principiava a ser thesouro e bazar de cubiçosos, mercado e grangearia de chatins. Já se haviam em maior preço as mercancias que os laureis; o ouro de Sofala e os diamantes de Golconda que as palmas de Diu e os louros de Malaca. Ninguem já daria dois pardaus pela barba do grande vice-rei. Terminava a edade heroica para

ceder o logar e a fortuna á edade das interesseiras negociações. Já poucos iam á India para trazer de retorno honradas feridas e a mesquinha pobreza por viatico. Já os mais se aventuravam aos lances e aos perigos de longa navegação por volverem á patria remediados ou opulentos, antes a luzir galas e vaidades que a mostrar gloriosas cicatrizes.

Quando os *Lusiadas* sairam a primeira vez á luz do publico, já o velho e glorioso Portugal se encaminhava pressuroso á sua ruina. Quando o poeta se despedia da existencia terrenal, tão cortada de miserias como brilhante de triumphos, já as armas portuguezas haviam padecido em Africa a affronta derradeira, e as garras de Philippe se estavam amolando para prear nas reliquias lastimosas de uma nação agonisante. Ensejo era este accommodado para que resurgissem, coloridas pelo magico pincel de um poeta inspiradissimo, as memorias do que fôra Portugal, para que espelhadas as façanhas nacionaes em espelho tão limpido e fiel, as glorias do passado fossem ao menos conforto e lenitivo ás amarguras do presente.

Como se revelou ao pensamento do Camões a idéa e a traça do poema? Como se aventurou a trasladar para uma nova e ainda mal cultivada

linguagem, para uma litteratura ainda talvez adolescente, para uma epocha tão revolta e mal avinda com as puras deleitações da ficção imaginosa, as antigas fórmas da epopea? Ninguem lhe antecedera na Europa moderna n'este empenho? A Italia ainda não acrescentara ao catalogo dos epicos illustres o autor da *Gerusalemme*. Celebrava já entre os poetas mais insignes a alguns, que deixaram o seu estro memorado em poemas narrativos. Mas eram todos poemas romanescos, novellas de cavallaria, vestidas e exornadas com os artificios do metro e da poesia. Eram a continuação aperfeiçoada dos cyclos poeticos da edade média, principalmente das lendas cavalleirosas, que tinham por figuras principaes a Carlos Magno e os seus pares. Eram como o *Morgante maggiore* de Luigi Pulci, ou como o *Orlando innamorato* de Boiardo, epopeas romanescas, onde a phantasia e a ficção corriam desassombradas, prendendo-se aos successos reaes e á historia verdadeira pelo unico liame de algum nome consagrado na romantica tradição. A Italia só podia invocar o nome do Trissino para gloriar-se de que n'aquella terra, consagrada pela resurreição intellectual da antiguidade, tivera seu berço a moderna epopea, accommodada aos antigos exem-

plares de Homero e de Virgilio. A *Italia liberata da' Gotti* é anterior de muitos annos aos *Lusiadas*. Assim como o Trissino é d'entre os poetas da Renascença o que a todos antecedeu em trasladar, na *Sophonisba*, para as modernas linguagens europeas a fórma da tragedia classica, assim foi tambem elle o que a todos se antecipou em fundir nos moldes classicos o que elle appellidou uma epopea.

O poema do Trissino tem por heroe a Belisario, que do sacro territorio da Italia expulsa pelas armas os barbaros do norte e restitue á patria dos Scipiões e dos Pompeios a apparencia ephemera e enganosa da antiga majestade e soberania. Mas a Italia de Belisario não é a mesma Italia do Trissino. O epos do poeta não é pois um poema nacional no significado rigoroso da palavra. Não é tão pouco um poema de toda a christandade, porque os feitos heroicos por elle celebrados não tiveram na futura civilisação um influxo apreciavel. A obra do Trissino é um escripto puramente litterario, um poema de convenção, destinado principalmente a demonstrar que os modelos homericos se podiam em parte accommodar aos modernos idiomas europeus, e especialmente á formosa lingua toscana, a que antes

de todas as congeneres madrugou para se enriquecer e engalanar. É a *Italia liberata* um poema da Renascença, com todas as pesadas exuberancias da classica erudição, e com todas as phantasias da musa desregrada. O que tem de classico é imitado servilmente. O que tem de moderno é a pura continuação dos poemas romanescos.

A Renascença foi sem duvida um serviço benemerito feito á moderna intelligencia. A noção do Bello, transviada e escurecida pela anarchia litteraria e a licença intellectual da arte medieva, tornou-se mais clara e mais correcta depois que a luz da antiguidade pôde novamente espadanar nos espiritos, longamente segregados do convivio frequente e salutar com as graças e as camenas do mundo greco-romano. Aquelle fervor e porfia insaciavel, com que os novos cultores do genio antigo se apostaram a resuscitar as obras primas dos engenhos mais felizes e inspirados, conspirou efficazmente a restaurar nas letras a regra, a unidade, a harmonia tão profundamente violada e offendida, emquanto a moderna musa, meio-graciosa, meio-barbara, se confiou á propria imaginação, desdenhando por inuteis a arte e os modelos. Não se póde todavia contestar que a superstição

da antiguidade, peccado familiar, quotidiano durante a Renascença, como que embotou por algum tempo a agudeza dos espiritos, e os fez cair no contrasenso de aceitar ás concepções antigas e immoveis de uma civilisação extincta o pensamento e o espirito das modernas litteraturas. D'aqui nasceu que, buscando reconstruir a antiguidade, se deturparam muitas vezes as formosuras e as graças da sua indole nativa. D'aqui veiu que a poesia, que deve ser estro, inspiração, espontaneidade, se converteu em um technismo cifrado mechanicamente em canones, em regras, em preceitos, com que os medianos entendimentos se podessem aventurar aos vôos arrogantes dos Homeros e dos Virgilios. Copiaram-se os grandes mestres. D'elles tudo se tomou, na phrase de Voltaire, excepto o genio.

É, porem, o poema do Trissino uma epopea heroica no sentido verdadeiro e genuino da palavra? Alcançou o poeta italiano trasladar para a sua opulenta e venusta linguagem as fórmas exemplares e correctissimas do seu modelo predilecto? Substituido ao hellenico Agamemnon o bysantino Belisario, o guerreiro e fogoso Corsamonte ao Achilles cursor e ligeirissimo, trocado o sidereo Olympo mythologico pela mystica morada do

Deos omnipotente, posta em logar da expedição dos gregos batalhadores a façanha dos romanos degenerados do Oriente, celebrada, em vez da Troia fumegante, a Roma conquistada aos ostrogodos, podemos porventura contemplar na *Italia liberata* o transumpto fiel do epos classico?

O proprio Trissino declarou na dedicatoria do poema, a Carlos V, que pozera o fito em seguir e copiar o que lhe deixaram traçado os grandes mestres, Homero, na formosa architectura da epopea; Aristoteles, nos estheticos preceitos da poetica[1].

A *Italia liberata* não é pois um poema nascido espontaneamente da instinctiva inspiração. Não o dictou ao vate uma necessidade espiritual da sua edade, nem lhe ministrou o assumpto e o colorido uma d'estas emprezas grandiosas, que levantam o genio do poeta e o constrangem a cantar. É apenas um quasi frustrado esforço litterario, cujo principal escopo é amoldar ao idioma e á phantasia italiana o mechanismo heroico das antigas epopeas. É uma vasta composição, em cujo desenho o poeta buscou seguir a traça e maneira

---

[1] *L'Italia liberata da' Gotti*, del Trissino, Roma, 1547, dedicatoria, pag. 3.

de Homero, com o subsidio dos processos mechanicos, ensinados por Aristoteles, para crear e embellecer o que está acima da arte formalista e do technismo litterario. O que na *Italia liberata* apparece como reminiscencias da *Iliada* são os longos discursos e colloquios dos heroes e personagens. É a frequente repetição dos mesmos versos, e a obrigada reproducção de epithetos iguaes. É a descripção fastidiosa e realista dos costumes, dos trajos, das armas, dos arraiaes, dos palacios, das cidades. Mas o que na *Iliada* é debuxo gracioso a rasgos fugitivos, é na *Italia* uma prolixa enumeração de minucias microscopicas. N'isto se cifra e se resume em grande parte o que da epopea grega transudou para o poema do Trissino.

Ainda mesmo presuppondo que o poeta italiano conseguira transportar para um poema christão quanto ha de heroica simpleza e majestade nos discursos, de graça e formosura nos episodios, de brilhante colorido nas vivas hypotyposes, de artistico e original no debuxo do poema, e na disposição e porte das figuras, merece porventura a *Italia liberata* o nome de uma authentica epopea?

O Trissino, nos seus ambiciosos vôos epicos,

navegava entre duas correntes antagonistas de poetica imitação. Como eruditissimo cultor das linguas e litteraturas da classica antiguidade, como espirito engolfado nas doutas, mas pesadas restaurações da Renascença, o seu Pégaso, enfreado por Aristoteles, e adextrado por Homero, instinctivamente endireitava no seu curso para as margens do Scamandro, e para as poeticas paragens, onde o genio antigo se educava e comprazia. Mas o Trissino era antes de tudo italiano, cavalleiroso, alleitado ao seio de musa menos casta e mais leviana que as Pierides severas de Homero e de Virgilio. No seculo, em que vivia, fulguravam redivivos os clarões da bella antiguidade, mas aos feixes da luz intellectual esparzida pelo genio classico, vinham mesclar-se ainda com intensa claridade os lampejos da poesia cavalleirosa e romanesca, de que bebera em fontes nativas e originaes a phantasiosa edade média. O poema de aventuras amorosas e guerreiras estava fundamente radicado na terra italiana, e dera á sua copiosa litteratura uma sequencia de formosas creações. No tempo do Trissino o ser classico, estreme, observante seguidor dos poeticos exemplares e dictados dos antigos, haveria quasi de ser tão impossivel como moldar os poe-

mas aventureiros dos cyclos de Carlos Magno ou do rei Arthur nas fórmas do Ramayana, ou clausurar o vulto irrequieto de Amadis ou Florisel na loriga hellenica de Achilles ou de Patroclo.

Era pois inexequivel o singrar entre estas duas correntes antagonistas, sem pôr-se a lance de perder o rumo verdadeiro. Os poemas homericos já não respondiam á fórma intellectual dos modernos povos europeus, e ás aspirações da phantasia largamente fascinada pela musa liberrima e caprichosa do poema cavalleiroso. Embora o Trissino se empenhara em copiar e transferir para uma epopea christã as feições aliás inimitaveis do epos hellenico. Embora buscara encadear a imaginação aos elos inexoraveis da poetica de Aristoteles, e pedir á Calliope da antiguidade os segredos da tuba epica. Frustrou-lhe o ambiente espiritual e litterario, em que vivia, o exito da empreza, a que temerario e inexperiente pozera o peito debil. Coberto com o elmo classico de Agamemnon, o Belisario do Trissino desde logo se revela como um puro cavalleiro andante, disfarçado nos ornatos exteriores da antiguidade. Não valeu a Corsamonte imitar com regrado servilismo a cholera de Achilles, e vestir as armas reluzentes do heroe grego, para que não entrasse

por authentica genealogia na familia romanesca dos Primaleões e dos Morgantes. É que, de feito, a *Italia liberata,* apesar de que o seu auctor, menos inspirado que vaidoso, na dedicatoria a Carlos V, parece augurar-lhe nas modernas litteraturas a palma de immortal e grandioso monumento, não é uma epopea genuina, senão um legitimo poema de andante cavallaria, longamente bordado e entretecido na téla escassa de um remoto feito historico. Quem armando-se de benedictina paciencia tiver animo de luctar com os tres volumes e os vinte e sete cantos da *Italia liberata*, que se vão espreguiçando cada um em mais de mil cansados, embora correctos versos soltos, poderá convencer-se facilmente de que o poema do Trissino deixara ainda virgem e por lustrar o campo da epòpea entre os modernos. A *Italia,* descontados os atavios que pedira emprestados a Homero, longe de anticipar-se como canto epico aos *Lusiadas,* continuava a stirpe dos romanticos poemas, onde vinham entroncar-se o *Morgante Maggiore* de Luigi Pulci, o *Orlando innamorato* de Matteo Boiardo, *O Mambriano* de Cieco da Ferrara, o *Orlando furioso* de Ariosto, — d'entre todos o poema mais formoso —, tendo por avoengos seus em mais antigos tempos o *Innamoramento*

di re Carlo, La Spagna, Altobello e re Trojano, e ainda outros poemas cavalleirosos dissonantes das fórmas da epopea.

O assumpto fundamental da *Italia liberata da' Gotti* é a empreza guerreira de Belisario para libertar a Ausonia assoberbada pela dominação dos ostrogodos. Em redor do famoso general de Justiniano enredam-se e emmaranham-se em mil romanescas e inextricaveis aventuras os seus valentes e namorados paladinos. A reconquista do imperio do Occidente mal se descortina na penumbra, que projectam as andantes cavallarias de numerosos aventureiros, mais attentos a desencantar donzellas attribuladas, a punir inliçadoras feiticeiras, a destroncar gigantes alentados, a visitar castellos com muro e barbacan de ouro, de amethysta e diamante, a affrontar o valor de cavalleiros, que com armas e ginetes encantados estão defendendo passos temerosos, do que apressados em vencer e desbaratar as hostes de Vitiges, o rei dos ostrogodos. Logo no livro IV, conclusa apenas a reddição de Brundisio ás armas de Belisario, principia, para dilatar-se nos seguintes, o longo episodio de Lygridonia, e do cavalleiro Faulo, que guarda a fonte encantada, tendo por seus ajudadores e companheiros os gigantes

Dolon e Chrysonio. Corsamonte, o mais gentil e esforçado cavalleiro de entre os bellicosos companheiros de Belisario, enganado pela falsa Lystrigonia, toma a si a empreza de a vingar, desencantando a fonte maravilhosa. É vencido pelo cavalleiro desleal, e fica perfidamente encantado no palacio de Acracia, a traiçoeira maga, irmã de Faulo.

Quem não verá a vulgar e sabida tessitura de um poema de andantes cavallarias, as caracteristicas feições da narrativa romanesca, n'estas longas e enredadas aventuras, que mais parecem a materia principal, que os episodios da epopea? Emquanto se vão desenrolando os lances multiformes, em que os mais galhardos cavalleiros se afadigam e se esforçam por livrar do seu encanto o gentil e namorado Corsamonte, espera Belisario longanime e ocioso o desenlace das emprezas romanescas. Ao cabo se resolve a tomar Napoles e caindo-lhe em sorte no despojo Cyllenia, a formosissima captiva, eil-o, o victorioso general no livro VIII em extensissimo dialogo, onde á porfia com um dos seus galantes paladinos destrinça as questões mais espinhosas na metaphysica do amor.

O episodio de Elpidia e Corsamonte no livro XI continúa a serie interminavel das galantes e an-

dantescas aventuras. Agora destina Belisario a formosa princeza de Tarento a ser esposa do valoroso cavalleiro, que mais extremado se mostrar na peleja contra os godos. Aqui são os despeitos e as iras do fogoso Corsamonte, que de espada na mão em aspera pendencia, diante do supremo caudilho dos romanos, pleiteia com os seus rivaes a posse da donzella, que o prefere, e lhe mandou uma rica sobreveste recamada pelas suas proprias mãos. Depois de largo trecho, em que o irado Corsamonte e Aquilino, seu emulo feroz, e os demais paladinos do seu bando, estão disputando em rhetoricos discursos e depois reciprocando feramente os golpes, os talhos, os revezes, os fendentes e estocadas, determina-se o paciente caudilho Belisario em pôr termo á contenda sanguinosa com aspecto feroz e eloquencia objurgatoria contra o imprudente e cioso cavalleiro. Agora é Corsamonte o Achilles d'esta *Iliada* romantica. Eil-o resoluto a desamparar o campo e o general, a punir a affronta, que lhe fazem, com privar do auxilio poderoso do seu braço os ingratos companheiros, que o maltratam, quando mais hão mister do seu valor. Onde iria porém o guerreiro esconder e mitigar o seu despeito? Eil-o cavalgando já *Hircano*, o ginete predilecto

das suas cavallarias, o formoso corsel, a cuja descripção minuciosa o poeta consagra nada menos do que vinte e quatros versos. A seu lado vai Achilles, não o Achilles homerico, senão um amigo e comilitão de Corsamonte. Aonde guiarão os passos e a phantasia sedenta de aventuras? Um piedoso abbade de S. Basilio encaminha o ardente cavalleiro a commetter empreza galharda, com que possa alcançar finalmente a bella Elpidia. Agora principia o episodio romanesco da fada Plutina e do famoso dragão, apascentado pela nympha. Aqui a *Italia liberata,* esquecendo a Belisario, e aos ostrogodos, entra novâmente no campo sem limites da andante cavallaria, onde os lances amorosos e os valentes passos de armas são descriptos com os matizes mais profusos da livre e indisciplinada phantasia. Na estructura, nos lances, nos episodios, no machinismo da *Italia liberata,* depara-se a cada instante a mais ajustada similhança, quasi disseramos paridade, com os poemas cavalleirosos, e com as novellas andantescas. As fadas bemfazejas, e as magas traiçoeiras, os phantasticos palacios e castellos, os cavalleiros, que pelejam com armas e cavallos encantados, as donzellas aggravadas e formosas, e os cavalleiros, que põem a vida em lance de

perder-se por sua defensão e desaggravo; os gigantes, os dragos e as fontes encantadas, o que são tudo senão o sabido e indispensavel arsenal, onde a musa cavalleirosa sempre fez seu phantasioso provimento desde o rei Arthur e Carlos Magno até os Amadises, Palmeirins, Platires, Tirantes e Orlandos? O que são na *Italia liberata* os seus Cosmondos, Mundellos, Corsamontes, senão os nomes rituaes do baptismo cavalheiresco? Que são estes anjos, que nos passos escabrosos do poema acodem a desatar os nós difficeis, senão errantes cavalleiros, como Palladio, que segundo a ingenua confissão do poeta *parea proprio un cavalier errante?* Que é esta luzida *companhia do sol,* formada pelos doze gentis e esforçados paladinos, entre os quaes é Corsamonte o mais galhardo, o que é *l'onorata compagnia del sole,* que Belisario faz sentar em deredor de uma *tavola redonda,* porque não haja entre os heroes ultimo ou primeiro, senão a obrigada reminiscencia dos doze aventureiros romanescos de Arthur ou Carlos Magno?

Não é pois a *Italia liberata* uma epopea. Despojemol-a do verso solto, em que se expande, leamol-a em prosa enaltecida e exornada com as mesmas exuberancias de estylo e de rhetorica, e teremos

uma novella cavalleirosa, cujo enredo e desenlace verémos gravitar em redor de um facto historico.

Demos porém que porventura tem Giangiorgio Trissino a prioridade entre os epicos modernos e christãos porque a todos se houvesse antecipado em tecer uma epopea. Nem por isso houvera deixado ainda por desbravar inteiramente o campo fecundissimo, onde haviam de ceifar as suas palmas o Tasso e o Camões. Nem por isso no seu longo e insulsissimo poema tivera legado aos seus mais avantajados successores exemplos e modelos, que seguir e imitar. E em verdade se á *Italia liberata* fôra dado conceder-lhe as honras de epopea, não poderamos forrar-nos, com o insuspeito e valioso testemunho dos seus proprios naturaes, a numeral-a entre as largas e trabalhadas composições, que por enojosas e prolixas, sem ecchos no sentimento, e sem reflexo no espirito de uma nação, sómente algum raro e longanime erudito se atreve hoje em dia a folhear. A *Italia liberata,* na phrase expressiva de Bernardo Tasso, foi sepultada no mesmo dia, em que saiu á luz do mundo[1].

---

[1] Tiraboschi, *Storia della letteratura italiana,* tomo XII, pag. 1833-34.

CAPITULO XVII

A EPOPEA NACIONAL

> Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
> Que outro valor mais alto se alevanta.
> *Lusiadas,* I, 3.

O Camões, ao idear o seu magnifico poema, não tinha pois entre os modernos nenhum d'estes modelos e exemplares de illustre nome, que prendem e encadeiam, como nos estadios successivos de uma longa e pautada evolução, as grandes concepções do espirito humano, e filiam uns nos outros os mais esplendidos conceitos da rasão e da sciencia, ou as mais formosas creações da arte e da phantasia. Bem poderam os *Lusiadas* appellidar-se *Proles sine matre creata*, se entre os poetas seus predecessores na christandade lhe houvessemos de entroncar a genealogia. O poema do Camões poderá dizer-se com rasão a primeira epopea na ordem chronologica, assim como o con-

senso e o applauso universal lhe deu os fóros de primazia na originalidade e no vigor da invenção, na alteza heroica do sujeito, no primor e na graça dos seus versos, no frescor e no viço das suas imagens e figuras, na majestade epica da sua acção, no brilhante colorido das suas descripções.

E aqui vem a ponto um reparo, que redunda felizmente em honra de Portugal. Esta nação pequena, mas heroica, em que foram nativas desde o berço a guerra e a poesia, teve o raro condão e privilegio de fazer ella propria a acção e o poema, a gloria e o louvor. Com o lenho navegou os mares nunca sulcados do Oriente, com o braço pelejou fundando o novo imperio. Pois seja ella mesma, que com *tuba canora e bellicosa* cante o *hosannah* do seu triumpho e o epinicio da sua victoria.

Virgilio celebrara os feitos de Eneas, o advena da Asia, arribado após mil lances á terra fecundissima da Ausonia. Cantara o Trissino a empreza militar de um bysantino, que nada tinha de domestico e de commum com a Italia moderna, já menos romana, que profundamente transmudada pela dominação das barbaras nações septentrionaes. Exalçavam um e outro emprezas e façanhas que, ou perdidas na torva nebulose dos

mythos e ficções, ou succedidas em epochas remotas, se não enlaçavam intimamente ao sentimento, á vida, á gloria, á propria essencia de uma nação e de uma epocha. O assumpto, porém, dos *Lusiadas* não era um thema elegido por simples respeitos da poetica, por um vate cubiçoso de pompear nos artificiosos lavores de uma epopea aristotelica os dotes do seu engenho, e os thesouros da sua erudição. Era a propria vida nacional, na sua phase mais gloriosa e radiante. Cantassem embora os demais poetas, em carmes de pura convenção, emprezas, que desde seculos se haviam apagado do sentimento e da memoria popular. O Camões era mais do que um poeta. Era a nação personificada, que pela bôca do guerreiro e do rhapsode, fazia retumbar em toda a terra a epica harmonia dos seus cantos, como outr'ora com os seus feitos accordara em todo o orbe os ecchos immortaes da sua gloria.

Os *Lusiadas* não eram com effeito apenas o trabalho de uma poetica inspiração, que houvesse escolhido o seu heroe e o seu thema por meras conveniencias de arte ou vocação, como quem podera haver indifferentemente preferido ou acceitado qualquer outro assumpto epico, para ser

o pretexto puramente litterario da sua engenhosa e regrada metrificação.

Ao esplendido genio do Camões alliava-se em consonancia indissoluvel o seu ardente patriotismo. Era sabio, mas era antes de tudo portuguez. Era poeta, mas tambem era soldado. *O braço ás armas feito* ensinara-lhe por experiencia nas cicatrizes, que são as mais preciosas venéras do guerreiro, quanto valiam e custavam as emprezas gloriosas do *ninho seu paterno*. *A mente ás musas dada* incendia-se e abrazava-se por cantar os feitos maravilhosos da gente, em que nascera. Não lhe era pois licito buscar nas antigas tradições e nas lendas fabulosas a materia dos seus cantos immortaes, quando da agreste avena e da frauta pastoril, descantando amores e queixumes do coração, houvesse de revoar ás poeticas paragens, onde souberam remontar-se e adejar os grandes epicos. De casa tinha os heroes, a acção, as linhas principaes do seu poema. Como que andava na atmosphera do seu tempo, na fórma de sentimento e de orgulho nacional, o que só ao poeta bastava trasladar e refundir nos moldes da concepção esthetica. Tinha em redor de si as canteiras inexhaustas, onde lavrar o marmore purissimo. Sómente lhe restava medir-lhe os com-

passos para a obra, e empunhando o cinzel maravilhoso, fazer surgir, á magica evocação do seu talento, o vulto heroico, animado, quasi divino do velho e glorioso Portugal.

Havia mais de um seculo que a nação portugueza, relegada nos extremos confins do Occidente, parecera ter sido posta pelo destino como quem haveria de desvendar aos demais povos europeus os reconditos mysterios do Oceano, e os segredos maravilhosos de ignotas regiões. Desde os tempos do infante emprehendedor a historia nacional toda se cifrava e resumia nos descobrimentos remotissimos, nas conquistas assombrosas, nas incessantes e ousadas navegações. Cabia a Portugal entre todas as gentes europeas a gloria singular de descobrir não sómente a India oriental, mas quasi o globo inteiro. Escassamente haveria alem da Europa, na terra uma paragem, no mar uma só ilha, que não fosse lustrada de heroicos navegadores e aventureiros, levando por insignia as quinas de Portugal. Os padrões, que levantavam ao discorrer pelas costas mais longinquas, os nomes com que baptisavam os cabos, os promontorios, as ilhas, as aguadas, tudo era novo, original e portuguez n'aquellas terras, aonde elles a vez primeira coaram, ainda

mal filtrados e indecisos, os clarões da moderna civilisação. Aquella serie de argonautas, que uns a outros succediam, sem que o desastre de uns entibiasse o valor e a confiança dos que logo seguiam animosos; aquella sequencia ininterrupta de ousados mareantes, e de bravos capitães, que deixavam pallidas e incolores as mais altas façanhas da antiguidade; aquelle temerario commetter de emprezas impossiveis ao commum da humanidade; aquelles homens, que demandavam em lenhos mal seguros, e por mares tempestuosos e inhospitos as mais apartadas regiões, até á China e ao Japão; aquelles vultos, a quem a gloria levantava acima da craveira dos mortaes, os Gamas, os Pachecos, os Almeidas, os Castros, os Albuquerques; tudo aquillo fundido na imaginação e no sentimento popular, apparecia magnificado até ás proporções de uma epopea verdadeira, espontanea, consubstanciada estreitamente na propria existencia nacional. Portugal era desde longos annos um povo de aventureiros, que mais pareceriam romanescos paladinos, do que soldados perseverantes n'uma empreza factivel e humana.

Andava a epopea já traçada na phantasia popular, colligida nos seus factos e episodios verda-

deiros, nas chronicas e nas historias dos descobrimentos e conquistas, desde o livro de Castanheda, e principalmente desde que João de Barros, o primeiro historiador da sua edade, havia compendiado os feitos e as glorias portuguezas nas terras e nos mares orientaes. Faltava apenas que um poeta prestasse o ideal ao que era já de si, no seu maravilhoso realismo, uma acção epica, e trasladasse para a téla as figuras que a historia verdadeira, authentica, ainda recente, não a lenda remota e nebulosa, lhe punha na presença, coroadas de louros immortaes.

Cumpria-se d'este modo o primeiro requisito fundamental de toda a epopea merecedora d'este nome; a condição de ser como que a brilhante e imaginosa codificação do que anda já, por assim dizer, composto, quanto ao assumpto e ás linhas principaes, na tradição, na phantasia, no sentimento collectivo da nação. Que este caracter distingue profundamente os epos nacionaes da antiguidade, os quaes resumem o crer, o sentir, e o viver de cada povo, e as artificiosas epopeas, que apenas representam a idéa, a invenção, o furor metrico de um feliz versejador. Assim, se exceptuarmos os *Lusiadas,* sómente nos tempos mais antigos existiram verdadeiros poemas epi-

cos, vastas composições, cujo anonymo significa tacitamente que o seu auctor não foi um homem, mas o genio de todo um povo, e o espirito de uma inteira civilisação.

É nas epopeas a segunda condição, forçoso corollario da primeira, que o assumpto ao mesmo passo seja heroico e nacional.

Ambos os requisitos se cumpriam felizmente no grandioso feito capital, que serviu de fundamento á traça e contextura dos *Lusiadas*. Mas ainda este poema n'uma singular circumstancia sobreleva aos seus antecessores.

A *Iliada* celebrava uma empreza commettida largos tempos antes que os rhapsodes conglobassem nas suas compilações os carmes conservados na tradição. A *Eneida* recontava os successos de um heroe, que muitos seculos antes se dizia aportado á terra italica. Mas os *Lusiadas,* em vez de narrarem friamente, como que respiravam os proprios successos ainda vivos, e bafejavam as suas estancias com o proprio halito dos heroes. Não eram a poetica anatomia de um organismo já extincto; senão a vida, o calor, o sangue generoso circulando activamente nas veias da nação. E ainda a estes raros attributos, que tornavam o assumpto dos *Lusiadas* o mais accommodado á

epopea, acrescia uma singular e valiosa condição. A *Iliada* fôra apenas a epopea dos hellenos. Para as demais gentes, que vieram a herdar a sua litteratura, já inerte e despojada do espirito nacional, era o famoso poema classico uma pura fórma esthetica, porque o seu conteúdo, como que já fossilisado, e pertencente a uma edade paleontologica, mal podera quadrar pelo sentimento e pelo interesse ás modernas gerações. Os *Lusiadas* tinham o condão e o privilegio de enfeixar ao mesmo tempo as palmas e os tropheos de um povo bellicoso, e de commemorar o maximo successo, que iniciou para toda a humanidade uma era de nova e fecunda civilisação. O descobrimento dos caminhos maritimos do Oriente não era apenas uma gloria portugueza, domestica, familiar, sem eccho e sem porvir para os demais povos europeus e orientaes. No lenho modestissimo, onde contrastado pelas borrascas, ia Vasco da Gama navegando, por ignotos e longissimos caminhos, ia tambem com elle a futura transformação da humanidade. A maior parte do globo era então desconhecida. Era conjectural, quando não erronea e absurda, a doutrina geographica dos mais eruditos e profundos pensadores. Das noticias, não raro fabulosas, que das regiões orien-

taes, nos legara a antiguidade, se bebia quasi tudo quanto rastreavam sobre a Africa e o Oriente os mais diligentes sabedores. Vinculos, que prendessem as gentes europeas com as raças e familias ethnographicas, esparzidas ás centenas de milhões por vastos continentes e archipelagos, faltavam inteiramente ao começarem as navegações dos portuguezes no seculo xv. Os thesouros, que a natureza, por uma ironia providencial, se tinha de preferencia comprazido em variar e engrandecer nas terras mais avessas e rebeldes á cultura e trato humano, jaziam clausurados e perdidos para a vida, para a sciencia, para as artes europeas. A raça dominante na humanidade sempre tendeu a ser, e hoje é de feito, a europea. A principio representada pelos gregos, depois pelos romanos, mais tarde pelas nações, que resultaram da fusão entre latinos e teutonicos. Até que na Africa septentrional pozeram pé victorioso os portuguezes, este primado e hegemonia era apenas cifrado na preeminencia intellectual. Com a posse de Ceuta, de Tanger e de Arzilla, plantou-se o primeiro padrão n'esta serie de conquistas, em que a Europa havia de avassallar material ou moralmente as terras habitadas pelas raças inferiores. Com as primeiras navegações dos nossos mareantes principiou

a expandir-se a terminos remotos a soffrega ambição de conhecer mais largo mundo. As azas, que chegavam para voar á Mauritania, tomando mais ampla envergadura, poderam com Bartholomeu Dias pairar junto do cabo tormentorio. O Gama quebra o encanto do fatidico Adamastor, e alcança glorioso dissipar a densa nevoa, que escondia aos olhos da Europa, ainda ha pouco descrente, hoje assombrada, as maravilhas da terra oriental. Agora já está aberta e patente a immensa estrada. Agora vão seguir-se umas após outras as náos, os galeões e as armadas. Agora se dá rebate em toda a Europa. Agora o espirito europeu começa a dilatar-se pelo mundo, como um gaz longamente comprimido na clausura estreita do seu reservatorio. Agora se communicam e se abraçam as antigas e immobilisadas civilisações do Oriente com a expansiva e moderna civilisação occidental. A cultura christã infiltra-se e penetra onde chega a tocar e commover o genio asiatico. D'aqui tem seu começo a geographia, d'aqui datam as crescentes maravilhas da nova navegação. D'aqui se origina a copiosa commutação das mercancias européas com as riquezas orientaes. D'aqui nasce aquelle poderoso e vasto imperio, que na India sujeita ao sceptro dos bretões as que

foram outr'ora florentes monarchias hindustanicas. D'aqui saiu a Australia, a nova Zelandia, onde a Gran-Bretanha tem fundadas opulentissimas colonias. D'aqui esse imperio vastissimo de Sancta Cruz, onde a natureza accumulou, com prodigalidade inexhaurivel, os seus dons mais preciosos. D'aqui principiaram a descerrar-se os mysterios do continente africano. D'aqui se quebraram os ferrolhos, que fechavam aos europeus as ciosas regiões da China e do Japão. D'aqui os novos ceos e os novos climas patentes e revelados á sciencia. D'aqui a primeira determinação experimental da fórma do nosso globo por obra de Fernão de Magalhães. D'aqui as floras e as faunas opulentissimas, acrescentadas ao escasso peculio dos organismos europeus. D'aqui finalmente os ricos e preciosos materiaes para a nova anthropologia e o inteiro conhecimento das notaveis civilisações orientaes, das suas linguagens, dos seus poemas, dos seus ritos, da sua religião e philosophia, da remota cognação dos aryas do Oriente com as principaes familias ethnographicas da Europa. Que tudo teve o seu germen e principio nos descobrimentos e navegações dos portuguezes, quando elles eram a vanguarda da christandade na sua marcha trium-

phal a tomar inteira posse do globo, que habitamos.

Depois da fundação das nações modernas, quando se derruiu e desmembrou o imperio do Occidente, tres grandes factos dominaram a historia commum da christandade.

O primeiro foi este grande movimento, que teve o nome de cruzadas. Estava a Europa como que fatigada e aborrida da sua vida sedentaria nos lindes estreitos do seu mesquinho territorio. Saía de casa a respirar com maior desafogo o ar extranho. Arrojava-se com o impulso de uma turbida procella contra as gentes asiaticas. Parava, porem, na Palestina. Não lograva constituir dominio estavel, e depois de conquistar por breves annos os logares sanctos, retornava, desbaratada e foragida, a acolher-se ao ninho patrio. E todavia as cruzadas foram a primeira tentativa de alargar e diffundir o espirito europeu fóra do antigo lar domestico, volvendo á nascente commum da civilisação.

O segundo successo, mais assombroso pelo exito, do que pela premeditação, foi o descobrimento accidental do Novo Mundo.

O terceiro foi o empenho perseverante e meditado, em que desde os primeiros navegadores

do infante sabio até Vasco da Gama, alliando a sciencia com a audacia, e o estudo com o valor, estiveram os portuguezes, durante largas decadas, singrando e lustrando os archipelagos, circumnavegando o continente da Africa, até se engolfar no Oceano indico e abrir á christandade as portas do Oriente.

As cruzadas ficavam já remotas e quasi deslembradas no tempo do Camões. Elegeu-as o Tasso todavia para assumpto da epopea, porque não era seu intuito o erigir n'um poema nacional um tropheu ás glorias patrias.

O descobrimento do Novo Continente nascera em grande parte do impulso irresistivel communicado ás demais nações navegadoras pela serie de maritimas emprezas do povo portuguez, em parte procedera de um equivoco feliz. Era filho de uma idéa e do acaso. A idéa em grande parte era portugueza pela origem, o acaso a todos igualmente podera favorecer. O aventureiro genovez não tivera de certo sonhado o arribar á sua Zipango suspirada, navegando com a prôa ao Occidente, se não fôra estimulado n'este empenho, mais arrojado que discreto, pelo exemplo, que desde largo tempo lhe mostrava a perseverança lusitana em navegar e descobrir. Poder-se-ia quasi

asseverar que se Colombo deu á velha Europa um mundo novo, que havia de ser a terra da liberdade e do futuro, a bussola, com que elle governou sua derrota, na escola maritima de Sagres fôra principiada a fabricar. Se bem que na invenção do Novo Continente raiara a alvorada de uma larga e prodigiosa revolução na humanidade, a maritima empreza do temerario genovez não ministrava a uma epopea nacional um assumpto accommodado. A gloria teria sido italiana; sómente dos castelhanos os preciosos resultados. E por isso italiano foi tambem o só cantor, que em ligeiro poema hoje obscuro e deslembrado celebrou a gloria do immortal navegador.

A viagem de Vasco da Gama offerecia pelo contrario os caracteres de uma acção epica. Era antes de tudo maravilhosa, quasi sobrenatural, para o seu tempo tão longa e inesperada navegação. Era nacional, sem mescla de extranha idéa ou subsidio. Era tambem cosmopolita, porque os seus fructos havia de recebel-os no regaço preguiçoso a Europa inteira, esperando então inerte e cubiçosa o retorno da ousada expedição.

Mas é porventura o poema do Camões a pura consagração da grande empreza? Qual é verdadeiramente o thema da epopea? O seu nome, e

ainda mais o seu contexto o significa. *Lusiadas* se chama, quer dizer, o epos commum dos lusos ou portuguezes, aquelle onde os feitos da patria se magnificam e celebram desde o berço até ao declinar d'esta nação. *Lusiadas* se appellida, e não o *Gama* ou o *Oriente,* porque mais altos ascendiam os louros de Portugal, e o estro do Camões. O espirito vidente do poeta, ao cantar o mais illustre feito da sua gente, mais de longe que da praia do Restello trazia e entroncava a empreza admiravel do *forte capitão.* Para que os portuguezes tomassem sobre si o encargo de abrir as portas do Oceano, era força que antes de fundar o novo imperio em distantes regiões, tivessem nas Hespanhas patria sua, exempta de alheio dominio e sujeição. Para que seja alguem heroe é preciso que antes de tudo seja livre. A briosa fundação do pequeno Portugal, a braveza mal soffrida e orgulhosa, com que elle põe *na lança a esperança da sua liberdade* e independencia nacional, a escola cavalleirosa, em que se endurecem e adextram os seus generosos paladinos, tudo isso continha em si virtualmente o periplo do Gama, o maravilhoso descobrimento dos *mares nunca de outrem navegados.* Na serie gloriosa dos heroes de Portugal o Gama, pela con-

saguinidade illustre das cavalleirosas bizarrias, descende em linha recta de Gonçalo Mendes, o bravo lidador, de Nuno Alvares, o valente condestavel. A espada, que triumpha no Oriente, forjou-se desde o berço de Portugal, temperou-se em Aljubarrota, afiou-se nas muralhas de Ceuta, de Tanger e de Arzilla.

Por isso o Camões na proposição do seu poema, logo annuncia que não vai cantar *vãs façanhas, phantasticas, mentidas, fabulosas,* como as de Orlando ou de Rodamonte, mas os feitos d'esses guerreiros memoraveis, que antecederam nas glorias portuguezas ao immortal renome do grande navegador, os Egas, os Roupinhos, os Nuno Alvares, os reis batalhadores.

E não se contenta o poeta com celebrar os que antes de Vasco da Gama se afamaram entre os mais illustres varões de Portugal. Tambem cantará os que vieram depois d'elle, e semearam palmas virentissimas na terra oriental, que elle com a espada revolveu e desbravou. Tambem serão engrandecidos aquelles heroes, que deixaram na India assignalado o nome e firmada a bandeira de Portugal, os Pachecos, os Almeidas, os Castros os Albuquerques. Irão os *Lusiadas* assim commemorando, não apenas o feito do immortal

descobridor, senão a propria vida bellicosa da gente portugueza, desde que assenta morada em terra sua, expulsos os musulmanos, sacudida a vassallagem a extranho senhorio, até que os brios varonis estão já prestes a desfallecer, a fortuna a trocar os sorrisos em desdens, a victoria a desamparar os seus filhos mimosos e dilectos. Este é o assumpto epico dos *Lusiadas,* o exalçar pela creadora phantasia do poeta e pelo encanto magico do metro, as emprezas sobrehumanas do heroico Portugal. Desde que o poema está escripto e acabado, começa a decadencia da nação. O guerreiro, que a symbolisa, estava armado de ponto em branco, dormindo á sombra enganadora dos seus louros triumphaes. Já as gentes, a quem elle assombrara com os seus prodigios, o salteiam e o affrontam, sem que seja poderoso a desforçar-se. Uma lhe arrebata da cabeça o emplumado murrião, a outra lhe desafivela o arnez de aceiro impenetravel; esta lhe descinge a espada gloriosa, e lhe arranca o broquel, onde resplendem as quinas humilhadas, aquella embota-lhe o ferro da lança tantas vezes vencedora. Mas o despojado Portugal, altivo e soberbo da sua gloria, aos que lhe roubam a patria, aos que lhe herdam o imperio no Oriente, aos que apagam nas fortalezas

da India os padrões e as epigraphes da sua heroicidade, aos que lhe pleiteiam na Africa o honrado preço do sangue derramado e lhe invejam as reliquias do seu antigo senhorio, poderá bradando responder: «Tudo perdi, menos a gloria. N'esse cabo tormentorio, que eu descobri e baptisei como nuncio e esperança de exitos felizes, hastea-se a bandeira de quem dormia, quando os meus frageis galeões alargavam temerarios os ambitos do mundo. Perdi a India, perdi a America. Ormuz é apenas uma memoria, Malaca um monumento de heroicas bizarrias. Tudo me levaram extranhos cubiçosos e mal soffridos da minha heroicidade e poderio. Resta-me, porem, o que os mais soberbos potentados me não podem arrebatar. Restam-me os *Lusiadas*, como o livro sagrado, a columna triumphal, onde estão esculpidos perennemente o meu nome e a minha gloria».

E, de feito, as grandes emprezas de Portugal formam o contexto do poema. Todas ellas apparecem nos *Lusiadas*, enfeixadas em redor do famoso descobrimento, a que servem de glorioso antecedente ou de insigne amplificação. Em torno do vulto heroico de Vasco da Gama vem dispor-se em formosa galeria e em brilhante pantheon os *barões assinalados*, que regaram com o seu san-

gue os cimentos do imperio oriental, e os guerreiros *que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando*. O Gama é como o foco d'esta immensa trajectoria, em que o povo portuguez vae rapidamente cursando os seus estadios, ascendendo á sua brilhante culminação, e declinando até murchar na rota de Alcacer-Kibir os louros das suas victorias. No Gama, como que vem convergir toda a luz e esplendor dos feitos já passados e das futuras galhardias. Por isso é elle quem, como se fôra a personificação das glorias patrias, desde o III ao V canto vae narrando ao barbaro monarcha as briosas cavallarias dos que lhe precederam no esforço e nos laureis. Por isso é a elle tambem, como a quem mais interessa o futuro complemento da sua maritima façanha, que na ilha de Venus descortina e revela a nympha prophetiza as emprezas e as victorias dos que apoz elle com o terror do nome portuguez virão avassallar as terras do Oriente. E em verdade é engenhosa a invenção, com que o poeta alcança entresachar nas aventuras da larga navegação o reconto eloquente das glorias nacionaes. Assim os *Lusiadas* ficam sendo ao mesmo tempo o formoso epinicio de todas as victorias portuguezas, e a magnifica epopea do immortal descobrimento.

De feição, que não é menoscabada e offendida a unidade na acção e no heroe, nem os historicos incidentes perturbam ou amesquinham o feito principal. Na téla do poema se entretecem e encorporam como bordados e recamos de artificio e de preço inestimavel.

CAPITULO XVIII

O MARAVILHOSO DOS LUSIADAS

> Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
> Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
> Ceres, Pallas e Juno com Diana
> Todos foram de fraca carne humana.
>
> *Lusiadas,* IX, 91.

A singela narração da viagem aventurosa desde Lisboa a Calicut, segundo a lemos na desornada prosa de Castanheda, nas *Lendas* do aventureiro Gaspar Correia, no *Roteiro* de Vasco da Gama, e mais elegante e aprimorada nas *Decadas* de Barros, era já de si quasi uma epopea, no que tinha de extraordinario, quasi raiando em sobrehumano. A historia era o poema sem ficções. O poema haveria de ser a historia como que divinisada pelo estro do cantor. A chronica era a gemma preciosa, sem lavor de joalheiro, tal como saira da matriz. A epopea havia de ser o diamante, polido, talhado em multiplices facetas, para que a luz estivesse alli sorrindo e brincando em mil jo-

gos de côr e esplendidos matizes ao sentimento e á phantasia do leitor.

Para isso, alem da mais graciosa disposição e symetria das figuras, era necessario sobredourar o grave, o historico da acção com o *maravilhoso* e o *episodio*.

O maravilhoso dos *Lusiadas* é francamente classico, homerico, mythologico. É um senão? Uma formosura? Uma necessidade? Vejamos. Entre quatro generos de maravilhoso podia recair a eleição do vate nos *Lusiadas:* o maravilhoso pagão, ridente, gracioso da classica antiguidade, com as suas figuras de numes anthropomorphicos, enlaçados estreitamente ás paixões e aos successos da humanidade; o maravilhoso, representado na artificiosa intervenção dos poderes sobrenaturaes, segundo a theologia christã; o maravilhoso da edade média, com o seu cortejo de fadas bemfazejas ou maleficas, de encantamentos e sortilegios, de gigantes e de anões, de dragos e de gryphos temerosos; e finalmente o maravilhoso allegorico, onde as virtudes e os vicios, as substancias incorporeas e os seus varios attributos, apparecem humanados, cooperando no entrecho e desenlace do poema romanesco ou da epopea.

O primeiro, porque ao justo consubstanciava

a crença gentilica da antiguidade, usaram os epicos antigos, os auctores da *Iliada* e da *Odysséa,* na *Eneida* o poeta mantuano, e o commum dos que na Grecia e em Roma, com diversa fortuna e inspiração, foram seguindo a esteira aos grandes epicos.

Do segundo usou ou abusou o Trissino, por maneira tão irreverente e desconforme, como quando, no livro x da *Italia liberata,* imitando ou invertendo um passo bem celebre da *Iliada,* figura a Virgem immaculada, supplice e lacrymosa, incitando o Filho omnipotente a extranha e crudelissima vingança contra as gentes do proprio Belisario.

Do maravilhoso christão e biblico fez o Tasso igualmente em seu poema frequente applicação. A conjuração das potencias e dos monstros infernaes no canto ix da sua *Gerusalemme,* a apparição do archanjo S. Miguel, enviado por Deos a combater e desbaratar os maus espiritos, testemunham que o poeta de Sorrento não hesitou em alliar ás suas ficções as potencias e as figuras da theologia christã.

Ao maravilhoso romanesco da edade média pediu o Trissino tambem em grande parte o mechanismo do poema. Na mesma fonte bebeu a lon-

gos tragos o mavioso e correctissimo cantor da *Gerusalemme*.

Os enganos, as seducções e as insidias da formosa maga Armida, no canto IV, e no V e VII do poema; a selva encantada no canto XIII; os jardins voluptuosos da enganosa feiticeira no canto XVI, testemunham que o genio epico do Tasso ainda não pôde soltar-se das cadeias, em que o prendia a musa romanesca da edade média, e formam a clara transição desde as soltas phantasias do poema cavalheiresco, desde o *Orlando innamorato* ou *furioso* do Boiardo, ou do Ariosto, desde o *Amadigi* e o *Floridante* de Bernardo Tasso, até á genuina e authentica epopea.

Com personagens allegoricas reforçou o Trissino a crescida phalange das figuras no enredado machinismo do seu poema. Areta é a virtude personificada, que tem por filhas as quatro virtudes cardeaes, Phronesia, Dikeosine, Andria e Sophrosine trocadas em nomes gregos as vulgares denominações. Os anjos, que intervêm a cada passo como nuncios e instrumentos da Superna Potestade, são igualmente allegorias, inanimadas, frias, antipoeticas. Allegoricas são tambem as pallidas figuras, com que Voltaire buscou dar movimento

e variedade á acção do seu poema; a *Discordia,* a *Verdade,* a *Politica,* o *Fanatismo.*

Em qual dos quatro generos descriptos cairia a eleição do vate portuguez? Seguiria os exemplos do Trissino, cuja obra porventura conhecera, e iria procurar no ideal christão e orthodoxo o *Deus ex machina* da epopea? A crença religiosa, vivissima e profunda n'aquelle tempo não lhe consentiria debuxar a Virgem Sancta, intercedendo junto de seu Filho para que frustrasse, levando o Gama a salvamento, as insidias, que miravam a turbar-lhe a expedição. O maravilhoso christão, que é de tanta e tão grave majestade na crença religiosa, é frio e sem acção nas scenas da epopea. É força que no poema os numes ajudadores ou inimigos sejam do ceo pelo poder, da terra pelas paixões; que sejam deoses e homens ao mesmo passo; deoses, como na *Iliada* Zeus e Poseidon, para governar a terra e o mar; homens, para sentir, amar, aborrecer, vingar-se, e entre si contender e pelejar, segundo a sua humana parcialidade. Ora sómente o polytheismo dá ao poeta a faculdade preciosa de oppôr uma a outra, a seu talante, as potencias superiores. O Olympo gentilico é uma irrequieta aristocracia. Zeus é na verdade o *pae dos deoses e dos homens,* mas aci-

ma d'elle está o destino, o fado, a *móira,* que soberanamente rege os numes e os mortaes. Zeus domina como um complacente rei constitucional. Tambem em seus districtos e alçadas podem os demais deoses governar. São todos de carne, de sangue e de paixão. São pois dramaticos em summo grau. E se o poeta, em vez do Pantheon greco-romano, introduz nas suas ficções ao Deos do Velho ou Novo Testamento, e ás figuras que lhe adornam a côrte celestial, onde estará a opposição, a porfia dos sentimentos, dos interesses, das paixões, sem as quaes o maravilhoso degenera n'uma lenda vulgar e milagreira?

Attribuirá, como o Trissino, á dulcissima figura da Virgem Mãe, o ardentissimo desejo de que o sangue e a devastação expiem um amoroso desacato? Armará uns contra os outros os sanctos e os beatos, as virgens e os confessores, os martyres e os patriarchas, os cherubins e os seraphins, as potestades, os thronos, as dominações, e os demais córos celestiaes? Apenas restará um unico meio para solver a difficuldade. Pôr de um lado a suprema Omnipotencia, do outro as potencias infernaes. Será a eterna lucta do *bem* e do *mal,* figuras metaphoricas, incorporeas, sem colorido, sem desenho, sem attitude e sem acção.

Elegerá o maravilhoso da edade média? Pôr-se-ha então a perigo de que em vez de epopea lhe saia um romance metrico de andante cavallaria. Irá na trilha dos poetas italianos do seculo XV e XVI. Vibrará uma corda já cansada pelo continuo dedilhar de vates e prosadores.

Só finalmente lhe restavam, ou as figuras allegoricas, ou os deoses humanados da classica mythologia. São glaciaes, inertes, metaphysicas as allegorias, embora enfeitadas e compostas em mundanas roupagens e ornatos. São venustos ao contrario, estão sorrindo graça e formosura estes vultos mythologicos da Grecia, estes partos felicissimos da mais original e creadora phantasia. Está o archanjo S. Miguel no seu logar e officio, quando na tradição christã o ideamos supplantando o anjo decaído. Mas confessemos, embora por um momento vistamos de paganismo a nossa imaginação, que o Ares ou o Marte da *Iliada* se nos representa mais guerreiro e varonil que nas mysticas pelejas do *Paradise lost* o formoso archanjo batalhador.

Todos os modos pois do maravilhoso poetico tinham, na concepção grandiosa dos *Lusiadas,* os seus avessos e senões. Haveria o Camões derenunciar de todo o ponto ao subsidio valioso, que

presta ao desenho e ao matiz da epopea o que transcende o curso habitual da natureza? Condemnar-se-ía a redigir em verso, como Lucano em sua *Pharsalia,* o eloquente, mas só humano relatorio de uma empreza heroica e singular? Seriam apenas os *Lusiadas* um roteiro metrificado. Os ventos, as correntes, as borrascas, as trombas, os nevoeiros, viriam substituir com o seu naturalismo scientifico as malevolencias do padre Baccho. O receio e o odio natural de gentes barbaras aos navegadores de Portugal, cifrariam todas as contradicções moraes ao intento epico do Gama. A sciencia, o valor, a perseverança, o estoicismo dos arrojados argonautas, levando-os a final a Calicut, e fazendo-os triumphar das ciladas e traições, poderiam dispensar a Cytheréa como divindade tutelar dos portuguezes e terceira igualmente dedicada em seus amores e em suas glorias. Em vez de um poema teriamos apenas a chronica de uma campanha.

Elegeu o poeta, como recurso derradeiro a mythologia, e a nosso parecer escolheu bem. De todo o machinismo sobrenatural é este o mais poetico para se entrelaçar n'uma acção epica. As figuras mythicas da Grecia vivem, respiram, animam-se na téla do poema, como se no marmore

de Paros as talhara, entre divinas e humanadas, o cinzel maravilhoso de Phidias ou Lysippo. Vede-o n'aquella magistral, homerica pintura do concilio dos deoses immortaes. O Jupiter dos *Lusiadas,* sentado no seu throno crystallino, com o porte e o gesto *alto, severo e soberano,* parece ainda o Zeus majestoso da *Iliada* n'aquelles versos admiraveis do livro I, de que Phidias tirou, como de um divino molde, o rosto, a majestade, a formosura, que transluzia na estatua chryselephantina do Jupiter de Olympia. Como a Venus do Camões é mil vezes mais graciosa e mais poetica do que as insulsas personagens allegoricas, ou as mysticas representações da divindade no *Paraiso perdido* ou na *Jerusalem!* Como aquelle Marte é ao mesmo tempo um vulto animado, vivo, organico, e a symbolica figura da guerra e da victoria! Quereis vultos maravilhosos, que se movam na scena da epopea, evocae-os da classica antiguidade. Sómente d'aquella ridente e plastica mythologia, onde todas as deidades tomam corpo, onde as varias manifestações da natureza revestem fórma e rosto humano, poderia o poeta desentranhar um maravilhoso, que nem descaisse em irreverente, nem degenerasse em pueril. E quem, apesar do assombro, que despertam as creações tenebrosas e phantas-

ticas de Milton, não sorri d'aquelles milhões de infernaes espiritos, que para caberem na sala do conselho, deixam as procéras e giganteas dimensões e decrescem de improviso á estatura de minutissimos pygmeus? Não podemos rir porém do maravilhoso dos *Lusiadas*. Tachem-no embora de incongruente, por gentilico e fabuloso, com a empreza christã e verdadeira do immortal navegador. Averbem de macula e desprimor n'um tal poema a mistura do orthodoxo e do pagão. Que ainda com o desconto de taes imperfeições, restarão sobejas e preciosas excellencias na formosa galeria dos deoses camonianos. Que poeta classico ou moderno alcançaria conglobar em poucas estancias tantas bellezas de invenção, tantos esplendores de estylo, como no canto II dos *Lusiadas,* quando o Camões, emulando uma scena admiravel do canto XIV da *Iliada,* nos descreve a voluptuosa gentileza da deosa dos amores, as seducções e as blandicias, com que pretende inclinar o pae dos deoses a favor dos seus dilectos navegantes?

O Camões teve, a nosso ver, duas fortissimas rasões para introduzir na epopea o maravilhoso mythologico. A primeira, porque julgaria acaso menos accommodado á alteza do assumpto, e á

majestade dos seus heroes, o dar-lhes por amigos ou antagonistas na sua empreza gloriosa as fadas e os gigantes, que figuram frequentes e cançados nos poemas da errante cavallaria. A segunda — e esta a principal — porque o seu espirito educado em plena Renascença, lactado e nutrido com a leitura e admiração dos poetas da antiguidade, se deliciava e embevecia n'estas fabulas risonhas e formosas, que a musa antiga segredava á sua phantasia meio pagã. E de feito os *Lusiadas* respiram nos ornatos o bello da antiguidade. Os lavores artificiosos, que enriquecem e exornam o poema, são em grande parte abertos e cinzelados com o buril greco-romano. As historicas reminiscencias, as allusões mythologicas, abundando a cada passo, estão denunciando o pendor innato do poeta para a vasta erudição dos tempos classicos.

CAPITULO XIX

A MORAL E O SENTIMENTO NOS LUSIADAS

> Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
> Quem com habito honesto e grave veio
> Por contentar ao Rei no officio novo,
> A despir e roubar o pobre povo.
>
> *Lusiadas,* VII, 85.

E todavia o Camões é do seu tempo. O saber que na sua edade florecia, todo o compendiou em versos memoraveis no poema. A historia nacional é o seu principal empenho. Mas a patria, com ser para o vate o mais religioso e ardente affecto, não é campo assás desaffrontado aos vôos do seu espirito largamente philosophico e ás aspirações cosmopolitas do seu generoso coração. A compasso com as glorias da sua gente, namora-o a natureza, o amor, a humanidade.

A natureza, teve-o por tão gracioso e fiel debuxador nos aspectos do ceo, nas tempestades, nas bonanças, nas trombas marinas, nas deliciosas paizagens, que por este condão e privilegio,

por esta intuitiva e profunda comprehensão do universo deu Humboldt ao poeta dos *Lusiadas* logar assignalado entre os que pintaram com o metro e com a palavra as scenas e os aspectos naturaes.

O amor não lhe esquece no poema consagrado ás emprezas navaes e bellicosas. A alma do Camões é antes de tudo affectuosa, enamorada. O amor foi-lhe durante a vida aventureira o seu paraizo e o seu inferno. As expansões do sentimento e da paixão irrompem nos seus poemas lyricos, ora em doces melancolias e em saudosissimos queixumes, ora em tristissimas endechas, que lhe inspira a tribulação e a desesperança.

O amor apparece agora tambem a sobredoirar com os seus reflexos as scenas graves e majestosas dos *Lusiadas*.

O coração do amante desventurado transparece alli a cada passo como a alma do soldado aventureiro. O amor e a gloria são as suas constantes inspirações. O poema compõe-se por assim dizer de ferro e de myrtho, de louro e de rosal. A encantadora Cytheréa no I canto do poema defende e patrocina a gente portugueza, não sómente porque lhe recorda nos feitos e no idioma a *antiga tão amada sua romana*, senão prin-

cipalmente porque os fortes navegadores irão diffundir em plagas remotissimas o seu culto e adoração. Vêde no canto II como a filha mimosa das escumas oceanicas, a gentilissima Aphrodite, respirando amores e seducções, se apresenta perante Jupiter e lhe mollifica e abranda com o aspecto da formosura irresistivel e com os artificios da voluptuosa complacencia, o severo coração já affeito desde muito a deixar-se vencer e captivar. Nada ha nos poetas antigos e modernos, a que possa comparar-se a imagem da lasciva divindade debuxada e colorida, melhor disseramos animada novamente no marmore de Praxiteles, pelo escopro divino do Camões. Não admira que o pae dos deoses vá guiando a bom recado os ousados mareantes, quando tem por mediadora esta Venus do poeta, e por eloquentes memoriaes as graças e os encantos da sua formosa desnudez. Na *Iliada,* Juno a esposa de Zeus *nephelegereta,* do que adensa as nuvens, pede a Venus para o domar e seduzir o *césto* ou cingulo encantado, em que a deosa do prazer, traz compendiados e inclusos, na linguagem do poeta, o amor, o desejo, os doces colloquios dos amantes, as blandiloquas palavras, eloquentes na meiguice, suasorias na paixão, com que se enfeitiçam e se rendem os

mais graves e prudentes corações. A Venus de Camões é a Venus da natureza com a belleza das fórmas feminis, sem que o césto lhe circumde a cinta delicada, sem que para vencer e dominar lhe seja necessario o bando jocundo e gracioso dos amores a voltear, travesseando, em redor da pulchra divindade. Aqui é o amor pagão, o amor physico, o *Eros*, como o celebraram os poetas da antiguidade, o amor de Homero, e de Anacreonte, o amor de Ovidio e de Tibullo, o amor, que se corôa de rosas e de myrthos, o que cifra nas suas carnalidades a fecunda energia creadora e as ephemeras delicias, a que assiste como hospede o coração.

Mas vêde agora o amor, que é sentimento, e consubstanciação de duas almas, liame indissoluvel de dois entes, que enlaçaram os destinos e as existencias pelos vinculos da affeição. Ahi tendes o episodio de Ignez de Castro, aquelle trecho lacrymoso e mimosissimo, que o poeta reabrindo as cicatrizes das proprias feridas amorosas, parece ter escripto com o mesmo sangue seu. Ahi tendes o amor, que principia ennastrando capellas e grinaldas no venturoso convivio de dois amantes, e acaba como o fero Moloch dos phenicios, banhando *em sangue humano as suas aras.*

O mais grandioso d'entre os episodios da epopea, aquelle em que o poeta mais de perto rastreou o genio esthetico da antiguidade, é porventura o Adamastor. Não ha alli a regrada frieza de uma pura allegoria. O cabo tormentorio é um vulto gigante e animado, em que a *disforme e grandissima estatura,* o gesto, as feições, a voz, a catadura, com as paixões, os desenganos e as maguas de um coração chagado pela dor, attribuem ao infortunado amante da esposa de Peleu as tremendas proporções de uma tragica figura. Não está alli o Adamastor sómente para contar aos temerarios portuguezes os tristes vaticinios do que hão de padecer nos mares inhospitos e nas indomesticas paragens do Oriente os que hão de vir depois do Gama. Tem o Adamastor historia sua. O amor o reduziu áquelle estado. Aquelle Titan guerreiro e temeroso, cujas respirações são tempestades, cujo rosto inspira o terror aos navegantes, amostra ainda saudoso, molle, enternecido o coração talhado na bronca penedia. Como elle, depois das torvas e desabridas expressões, com que vae profetando a Vasco da Gama os perigos e os trabalhos do porvir, cai insensivelmente como que na tristissima elegia dos seus amores ardentes e frustrados! As *Me-*

tamorphoses do grande erotico romano difficilmente nos podem deparar algo de mais grandioso, de mais tragico, de mais opulento de inventiva e colorido, que a extranha transformação do Adamastor, mudados os ossos em penedos, a carne em dura terra, estendidos os membros já de pedra pelas aguas revoltosas do Oceano.

No episodio dos doze de Inglaterra, o amor, ou melhor, o culto cavalheiresco da mulher, é ainda o thema do Camões. É um verdadeiro passo de armas o que o poeta descreve com tintas primorosas. É talvez n'este ponto dos *Lusiadas* que o genio do Camões, quasi sempre inspirado no estro e na inspiração da antiguidade, se deixa seduzir pela musa romanesca do Ariosto e do Boiardo. A aventura cavalleirosa narrada pelo Velloso para encurtar as horas de lazer aos companheiros, tem o sabor e a feição dos combates celebrados nos poemas e novellas da errante cavallaria.

É na ilha dos amores, na insula divina, que Venus fabrica no meio do Oceano, e povôa e arreia de frescas e deliciosas paisagens, para solaz e deleitação dos cançados navegadores, que os instinctos eroticos do Camões se comprazem em debuxar e colorir com o mais gracioso natu-

ralismo as scenas voluptuosas do amor pagão. Acoimam-no ao poeta de sensual e impudico. Demos que seja fundada a exprobração. Impudica e sensual era a Aphrodite cnidia de Praxiteles, e o espirito, olvidando o que cifrava de lascivo e de carnal pelo que tinha de eurythmico e de formoso, indultaria facilmente a licença do estatuario, e converteria n'um prazer espiritual a contemplação d'aquella imagem venustissima. Tal é a impressão, que ainda n'um castissimo cultor do bello e da natureza fazem as vivas e poeticas pinturas da ilha fabulosa e dos seus amorosos contubernios. Que brilhantez e primor de colorido e que vigor e valentia na expressão! Vêde se os jardins de Armida se lhe podem em nada avantajar. Ide lá agora ler e admirar o *Templo do amor* na *Henriade*, com as suas correctas, mas frias descripções. O amor é a natureza na sua creadora manifestação. Nus figuravam os antigos a natureza e o amor. Na arte á castidade era de sobra um diaphano cendal. Deixemos pois que o poeta, na sua grata predilecção pela musa greco-romana, não encubra em roupagens demasiadas as nymphas graciosas do seu esplendido cinzel. Em vez de perdoar, admiremos o artificio, com que o poeta, como na celebrada

Venus genitrix de Arcesilau, sabe ajustar ás suas figuras a tunica ou o indumento de maneira que, ainda n'ellas mesmo adereçadas e vestidas, transpareça a voluptuaria gentileza das fórmas feminis.

O amor vibra egualmente como a patria as cordas mais sonoras na alma do Camões. Como quem ao amor devera os infortunios da sua existencia atribulada, como quem experimentara pelo amor a dureza dos que não lh'o souberam perdoar, vemol-o a cada passo valer-se da occasião para attenuar nos extranhos a doce culpa de um coração rendido e apaixonado. Aquelle rei Fernando, formoso, fraco, effeminado, encontra no Camões um causidico facundo para o defender e desculpar de suas debilidades amorosas, n'aquellas dulcissimas palavras, que põem termo ao terceiro canto dos *Lusiadas:*

> Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
> Huma suave e angelica excellencia,
> Que em si está sempre as almas transformando,
> Que tivesse contra ella resistencia?

Não é menos sentida a lastima e a indulgencia do Camões no canto x para com aquelle pobre aventureiro, a quem o terrivel Albuquerque, pu-

nindo com a pena capital um impeto de amorosa violencia, faz

> Dar extremo supplicio pela culpa
> Que a fraca humanidade e amor desculpa.

Até agora temos visto o Camões portuguez e enamorado, cantando as glorias da sua gente, e refrescando nos amores as memorias da sua apaixonada juventude. Até aqui os seus canticos afinam-se pela gloriosa voz da patria bellicosa e pelos ecchos saudosissimos do amor desventurado. Eil-o agora a levantar-se acima do estreito circulo da patria para ser tambem a lanços o philosopho severo. As guerras, que celebra e eterniza como filho de Portugal, eil-o que as exprobra e as condemna como filho da humanidade. A gloria, que o poeta enalteceu e endeosou, descrê e vitupera como austero pensador. As ousadas navegações, que são o thema principal do seu poema, essas mesmas lhe merecem vehementes execrações. É um velho venerando, que no canto IV dos *Lusiadas,* ao seguir com os olhos as náos do Gama, personifica nobremente a humanidade, liberta das perigosas ficções da gloria e da vaidade e resume em bellissimas estancias o protesto da rasão contra as ambições da conquista e do poder.

Não menos inspiradas e profundas são as ve-

hementes objurgações do philosopho-poeta contra a insaciavel cubiça das riquezas,

> e sêde imiga
> Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

E não eram certo descabidas tão amargas e verdadeiras exprobrações. Contemplara o Camões nas suas ultramarinas aventuras a decadencia e corrupção dos costumes portuguezes no Oriente. Ao contemplar e reprehender os vicios e as miserias da triste humanidade, não deslembram ao poeta as mundanidades dos que, por seu instituto consagrados a Deos e á caridade, deveriam trazer apartados sempre os olhos e as mãos das cenagosas paixões e cubiças d'este mundo. Os tiros do Camões iam certeiros n'este lance á mundana cleresia, que então, sujeitando o fraco espirito de um soberano romanesco e temerario, dominava sem emulo e sem freio o decaído Portugal. Quando o poeta enumera os effeitos lastimosos do oiro e da cubiça, é ás corrupções do sacerdocio, que dirige os versos, com que fecha o VIII canto. Na exhortação eloquente a el-rei D. Sebastião, quando o Camões no fim do canto X traça em poucas mas energicas strophes um compendio da arte de reinar, lá aponta para os maus reli-

giosos, e lhes mostra que o seu officio não ha de ser de paixões, de glorias, de riquezas, mas de jejum, disciplina e oração.

Eis-ahi temos bosquejado em rasgos mais fugitivos do que o demandava o assumpto, o motivo, a significação, a indole, a grandeza, a invenção, o ornato do poema, que é hoje com as heroicas façanhas, que exalçou, a primeira, a mais alta, a mais indestructivel gloria de Portugal. Tudo é grande e majestoso na epopea: a inspiração, o thema, os episodios, as descripções, os similes, a linguagem. A inspiração, a patria;—singular e precioso privilegio, de que entre os mais poemas epicos só nos deparam exemplo nobilissimo os *Lusiadas*. O thema, d'entre os feitos assombrosos da edade moderna, o mais ousado e o mais fecundo em proveitos de commum civilisação. Os episodios, tão patheticos e formosos como o de Ignez, ou tão heroicos e originaes como os do fero Adamastor. A poesia opulenta de matizes desde o austero e grave de epopea até o gentil e gracioso dos idyllios. As descripções, tiradas ao vivo do natural e verdadeiro e ao mesmo passo artisticamente idealisadas pelo estro do cantor. Os similes quasi sempre modelados pelas fórmas homericas, tão correctos e tão hau-

ridos na propria natureza, que são de si pequenos quadros, que vem entresachar-se e dar relevo ao reconto e á descripção. A linguagem nova, polida, opulentada, como de quem fôra bebel-a em nascentes purissimas de Roma, e tão expressiva, tão accommodada, tão culta e copiosa, que ainda hoje, volvidos já tres seculos, é intelligivel e corrente. Como se o Camões, despindo uma certa incultura e barbarismo do fallar nativo no seu tempo, tivesse inventado novo idioma para que as futuras gerações o podessem entender sem commentario, nem interprete.

A estas qualidades eminentes, que tornam os *Lusiadas* uma creação original e inimitavel, deveu a magnifica epopea o culto patriotico e litterario, com que Portugal a tem sempre venerado, como se fôra o magico talisman da sua nacionalidade e a arca sancta das suas glorias. D'ahi vem o apreço, com que os extranhos a têm honrado, significando em versões innumeraveis em todas as linguagens europeas, que se os *Lusiadas* estão escriptos em versos portuguezes, o Gama como o Colombo, como Watt, como Stephenson, pertencem á historia commum da civilisação, e o Camões, como o Dante, Homero, Cervantes, ou Shakspeare á litteratura da humanidade.

CAPITULO XX

OS ULTIMOS ANNOS DO CAMÕES

> Agora da esperança já adquirida
> De novo mais que nunca derribado.
> *Lusiadas*, VII, 80.

Publicados os *Lusiadas* em 1572 e tornando-se notorio o genio do Camões, já desde longa data apreciado por muitas das suas admiraveis poesias lyricas, não era licito á patria pretextar a obscura condição do soldado da India, para encurtar a mão e deixar perecer á mingua o grande vate. Não lhe faltavam louvores de quantos liam a epopea. Eram porem menos espontaneos e valiosos os subsidios, com que lhe acudiam para remediar sua pobreza. A patria, n'aquelle tempo, era para galardoar serviços benemeritos e talentos eminentes, a munificencia de um rei absoluto, sempre escassa para o desvalido merecimento, liberal para a baixeza palaciana. Não

valia a pena que o poeta dos *Lusiadas,* ao dedicar a D. Sebastião o seu poema e ao prescrever-lhe no canto x as normas da severa administração, fundasse tantas esperanças de gloria e bom governo em monarcha tão avesso ao officio de reinar.

O rei, como pouco letrado e frouxissimo fautor das boas letras, entendeu ou julgaram por elle os seus ambiciosos conselheiros, que com arbitrar uma tenue pensão annual de quinze mil réis e ainda assim apenas por tres annos, solvera liberalmente a divida sagrada ao illustre cantor das glorias nacionaes.

São notaveis as palavras do alvará, em que se concede a magra tença a Luiz de Camões. Diz n'este diploma o rei aventureiro que lhe dá este signal da sua escassa complacencia, tendo respeito ao serviço, que Luiz de Camões na India lhe tinha feito durante muitos annos e aos que esperava lhe haveria de fazer e attendendo igualmente á informação, que tinha do seu engenho e habilidade e á *sufficiencia* demonstrada no *livro* que fez *das coisas da India.*

É singular a metonymia, com que a prosaica chancellaria do rei visionario e romanesco designa a maior epopea da christandade.

Parece inferir-se d'aquelle documento que D. Sebastião, avaliador inhabil de talentos, nem sisara porventura um momento de ocio ás suas bellicosas phantasias para ler o poema do Camões. Esta mercê real taxada por *mão rapace e escassa* mandou o rei continuar por mais tres annos no de 1575 e ainda se lhe arbitrou por um triennio a datar de 1578.

Era tão remisso o regio erario em satisfazer ao poeta esses reaes, de que pendia o seu viver, que Faria e Sousa traz estas palavras na vida do Camões, anteposta á edição das suas *Rimas:* «Ó lastima! El rey Don Sebastian (por haverle ofrecido el poema heroico) le dió 375 reales de juro en vida cada un año y pagavansele tan bien que solia dezir avia de pedir al rey le commutasse los 375 reales en 375 mil açotes para los ministros a cuya cuenta estava este pagamento.»

Bem presentia o Camões a que gente vinha communicar o mais opímo fructo do seu engenho, quando na oitava CXLV do canto X exclama:

> No mais, musa, no mais; que a lyra tenho
> Destemperada, e a voz enrouquecida,
> E não do canto, mas de ver que venho
> Cantar a gente surda e endurecida.
> O favor com que mais se accende o engenho,

Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

Não era, certo, para dobrar o animo servil a cortesans adulações o poeta, que nas suas longas adversidades aprendera em duro noviciado o que são e o que valem os poderosos. Não era para lisongear a principes, o homem, que em termos despejados e severos escreveu no canto IX a oitava XXVIII:

Vê qúe aquelles, que devem á pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam sómente mandos e riqueza
Simulando justiça e integridade:
Da feia tyrannia e de aspereza,
Fazem direito e vãa severidade,
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

Eis ahi o clamor democratico de um espirito illuminado e generoso, que parece presagiar a insurreição do povo oppresso e humilhado contra a desnatural preeminencia dos soberanos, os quaes a si proprios, na sua divina investidura, se têm por superiores á lei e extranhos ás agonias populares.

Das tremendas imprecações, que em varios lo-

gares do seu poema dirige aos validos e conselheiros do monarcha, poderia sem temeraria conjectura deprehender-se que á volta do Oriente o poeta sollicitara alguma honesta remuneração aos serviços prestados, militando longos annos em Africa e na India. Aconteceu-lhe o que sempre succedia aos cavalleiros e soldados, que volvendo á patria com mais cicatrizes que patronos, viam desprezados os seus meritos e providas as commendas nos que menos as mereciam.

Então o poeta, com a liberdade e exempção dos espiritos eminentes e levantados acima dos preconceitos do seu seculo, não mede as phrases condemnatorias e tremendas aos que pela blasphema ficção do direito divino, se julgam predestinados a impôr a sua vontade e a vexar e opprimir os seus concidadãos. Lastimando a fêa ingratidão, com que a realeza premiou as façanhas de Pacheco, lá diz na oitava XXIII do canto X, dirigindo-se a Belisario:

> Aqui tens companheiro assi nos feitos,
> Como no galardão injusto e duro:
> Em ti e nelle veremos altos peitos
> A baixo estado vir, humilde e escuro:
> Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
> Os que ao Rei e á lei servem de muro.

Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

E logo na estancia XXIV ponderando como para os honrados e benemeritos são apenas as deslembranças e desdens, e para os valídos as mercês e galardões, aquilata em seu justissimo valor a munificencia dos monarchas, sempre igual ás baixezas da adulação:

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda, que os contenta,
Dão-os premios de Aiace merecidos
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

Não são menos torvas na oitava LXXXVI do canto VII as censuras contra os que abusando do poder, sómente curam de que sejam cumpridas severamente as leis, que desfavorecem os humildes. Alli verbera os que tendo parte no governo, desattendem os meritos e os serviços e taxam com mão avara premio dos que serviram honradamente. A sua musa, diz o poeta, não cantará os que têm por norma dos seus feitos o interesse proprio:

Nem quem acha, que he justo e que he direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

E na oitava XCIII do canto IX parece o poeta consolar-se de que o não galardoem a compasso do que merece, e com o nobre orgulho e altiveza de um grande e generoso coração, a si proprio se tem em maior preço, no auge da pobreza e desamparo, que aos validos e poderosos, que vivem de cubiça e de ambição. Illumina-o a certeza de que a posteridade lhe resgatará em gloria e triumphos os miseraveis lucros, e as honras vans e despreziveis, que lhe negam acinte os potentados:

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.

São unanimes os biographos em referir e encarecer a miseria extrema, em que o poeta ia arrastando os annos derradeiros. A tenue pensão, que o rei lhe concedera, mais era para dissimular a fome do que para a satisfazer. Tão mesquinha e apoucada era a tença do Camões, que Pedro de Mariz, ainda mui chegado ao tempo do poeta, a põe em diminutivo, chamando-lhe *tensinha*.

E esta baixa remuneração era ainda assim outorgada com a expressa condição de que não saisse da côrte o agraciado.

A pobreza do Camões era tão grande, que nem já lhe deixava livre o entendimento para o cultivo das suas musas tão amadas. Pedira-lhe Ruy Dias da Camara (conta Pedro de Mariz e confirma-o Faria e Sousa) lhe traduzisse em verso os psalmos penitenciaes. Prometteu o Camões fazer a obra. Descuidava-se o poeta, mettia tempo em meio. Crescia o empenho de Ruy Dias. Estimulava o Camões a que desse cumprimento á sua promessa. E por fim o poeta importunado, escusou-se do encargo com dizer, que quando fizera os seus poemas era mancebo, farto e namorado, querido e estimado e cheio de muitos favores e mercês de amigos e de damas, e agora não tinha espirito, nem contentamento para nada. Porque alli estava o seu

Jáo, que lhe pedia quatro maravedis para carvão e elle os não tinha para lh'os dar.

Tão encarecida andava na tradição a miseria do Camões nos annos derradeiros, que Faria e Sousa refere como certo que o fidelissimo escravo do poeta, o pobre Jáo, saía de noite a mendigar pelas ruas de Lisboa para acudir com as esmolas recebidas á extrema penuria do senhor. E no commentario á canção x ainda accrescenta o mesmo escriptor que certa mulher parda, de nome Barbara, sabendo suas miserias, lhe dava muitas vezes um prato do que ía vendendo pelas ruas, e ainda por vezes algum dinheiro do seu ganho. Quem sabe se esta caridosa mulher, rasteira de condição e baixo trato, seria a mesma, a quem o poeta, cujo amor foi em suas longas peregrinações largamente cosmopolita, deu em tempo um logar no coração e a quem fez as redondilhas, que principiam:

> Aquella captiva
> Que me tem captivo:

e de cujo amor se desculpa na x ode, invocando em seu favor os illustres exemplos de Achilles, Salomão e Aristoteles?

Se o malaio fiel, e a mestiça dedicada, realmente valeram ao Camões nos trances de maior

escasseza e desamparo, é singular que este grande genio portuguez, para que nada faltasse á torpe ingratidão dos conterraneos, até o carinho nos dias derradeiros o recebeu não dos seus, mas de extranhos na patria, nos costumes, e na raça. Para que até n'esta solemne consagração da sua grandeza, ficasse bem patente que se o Camões era de Portugal pelo berço e pelas glorias, que cantava, pertencia antes de tudo á humanidade. Os que lhe não eram conjunctos pelo sangue, pobres e humildes, como elle, espiritos incultos e desalumiados talvez da luz christã, rendiam-lhe adorações engrandecidas pelo amor, e dos thesouros da sua pobreza affectuosa lhe estavam ministrando o parco nutrimento.

Os que elle celebrava nos seus cantos immortaes, os que tinham com elle o mesmo sangue e a mesma patria, esses desprezavam o grande portuguez, e negando-lhe em vida, como o rico avarento do Evangelho, as migalhas das suas mesas, deixavam-lhe na morte os ossos esquecidos sem lousa, nem memoria.

O Camões publicava a epopea escripta de Portugal em 1572. A 4 de agosto de 1578 traçava-se nos campos de Alcacer-Kibir o epilogo tristissimo da epopea talhada com o ferro portuguez.

Dois annos depois a patria amortalhava-se na purpura do velho e imbecil cardeal-rei. Era o momento opportuno para que o poeta das glorias nacionaes se retirasse da scena, em que sómente viera a decantar victorias e tropheus. Quando Portugal, como Laocoonte cingido pelas serpentes, se consumia em desesperadas, mas inuteis contorsões, na extrema resistencia contra as hordas invasoras de Philippe, o Camões jazia no seu misero catre, perdendo a ultima esperança da patria e da existencia. Era então que o poeta escrevia n'uma carta, segundo refere Faria e Sousa: «Quem ouviu dizer nunca que em tão pequeno theatro como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males pareceria especie de desavergonhamento». Aqui vemos o Camões, como um antigo stoico, resignando-se heroicamente á fatalidade, e compondo-se como Cesar na sua tunica, para que na propria miseria morresse grande e afamado. Á patria legava o seu extremo affecto. Tão costumado sempre fôra a pagar com o amor a ingratidão. Escrevendo a D. Francisco de Sousa, um dos caudilhos que ainda tentavam resistir ao poderio e á

fortuna de Philippe, solta aquellas celebradas expressões: «Alfim acabarei a vida e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não só me contento de morrer n'ella, mas de morrer com ella». Findava no mesmo ponto a vida de Portugal, e a vida do seu cantor. A 10 de junho de 1580 desatava-se da carne aquelle formoso espirito, a quem se poderam amoldar os versos maviosos, em que chorára a mulher querida:

> Alma minha gentil, que te partiste
> Tão cedo d'esta vida descontente!

Pleiteam os biographos sobre se foi no hospital ou n'uma casinha miseravel, onde o Camões residia na calçada de Sant'Anna, que o poeta achou o termo a suas desventuras. Nada se póde averiguar n'este ponto com certeza. Mas para que fosse completa a miseria do Camões, e a infame degradação dos seus falsos amigos e naturaes, era bem que fosse verdadeira a tradição de que morrera entre pobres no leito da caridade. Consta pelo dito dos biographos antigos que na egreja de Sant'Anna lhe deram obscura e plebeia sepultura, sem que assignalassem ao menos por uma campa o logar de sua jazida. Onde, porém, descansavam alli as cinzas do grande epico, anda envolto

em espesso nevoeiro. Travada tem andado a pendencia entre os biographos e os que mais piedosos que felizes, cuidaram em descobrir ha poucos annos os ossos do poeta. Sabemos pelo testemunho de Faria e Sousa e de Mariz que D. Gonçalo Coutinho, passados alguns annos, honrara as cinzas do Camões com uma campa *tão rasa como as do mais povo,* fazendo-lhe insculpir este epitaphio, que na sua eloquente simplicidade valia os mais grandiosos monumentos, e as mais amplificadas inscripções: «*Aqui jaz Luiz de Camões, principe dos poetas do seu tempo*». E eram já, decorridos apenas quinze annos, tão escassas as memorias do logar, onde o seu mortal espolio repousava, que, segundo as mesmas palavras de Mariz «custou muito trabalho atinarem com o logar da sua sepultura». Depois d'isto foram tantas as alterações por que passou a egreja de Sant'Anna, já pelas novas construcções, já pelo terremoto de 1755, que, ainda suppondo ser inexacta, a trasladação das cinzas do Camões, segundo a refere Faria e Sousa, mal se póde concluir com sufficiente probabilidade qual fosse realmente o sitio, onde cavaram ao poeta a sua humilde sepultura. E supposta a incerteza do logar, é impossivel já hoje discriminar, ainda á divina-

toria perspicacia do mais profundo osteologista, qual seja na verdade o craneo do Camões. Singular e tristissimo condão da sua fortuna! Que as trevas, que envolveram a sua vida, se estendessem tambem como um véo impenetravel para esconder-lhe a ossada e o jazigo! Emquanto os mortaes despojos dos heroes, —os grandes malfeitores da humanidade—, repousam em soberbos mausoléos com os epitaphios do terror, emquanto os ossos de monarchas obscuros ou malevolos —os imbecis illustres e coroados—, trasladam para a pomposa magnificencia dos seus tumulos a vaidosa ostentação dos seus palacios, nem sabemos, sequer, onde se esconde a cinza que restou, quando o maior espirito portuguez se desprendeu do barro, em que vivera. Como se a fortuna quizera, expiando a sua crueza, vingar as affrontas da patria ao seu poeta, negando-lhe que possuisse a ossada inerte e decomposta d'aquelle que desprezara quando vivo, e inspirado pela patria e pelo amor. Não lastimemos, porem, o não saber ao certo, onde hoje param os ossos do Camões. Deixemos o pó entregue ás metamorphoses da materia. Aos grandes homens deve a posteridade sagrar apotheoses, e não funereas commemorações.

Quando romperam o estreito encerro de seus corpos, então ficaram sendo luz etherea, brilhante e fulgentissima. E a luz é immortal, e nas suas eternas vibrações ninguem a póde clausurar na estreiteza de um sepulchro. Se perdemos as reliquias, temos o que mais vale que ellas, a gloria do Camões. A nós basta-nos o poema do epico eminente, e o espirito do grande cidadão.

APPENDICE

Senhor, vão em breve completar-se trezentos annos depois que se apagou o mais brilhante espirito de quantos illuminaram e ennobreceram as letras portuguezas. No presente anno se perfaz o terceiro centenario do Camões. Reconhecendo que as suas maiores glorias estão cifradas ao mesmo passo nos seus famosos descobrimentos e no altissimo poeta, que na grande epopea os immortalisou, apercebe-se a nossa patria para celebrar condignamente, como n'uma grande e solemne festividade nacional, o nome e a memoria d'aquelle engenho peregrino, a quem os seus contemporaneos appellidaram justamente principe dos poetas

do seu tempo, e a quem a posteridade, confirmando o juizo imparcial, acclama como um dos primeiros entre os maximos talentos da antiga e da moderna litteratura.

A academia real das sciencias, em presença d'este honrado e generoso sentimento nacional, não podia, sem desdourar a sua instituição, deslembrar n'este momento o grande epico, de quem se póde affirmar seguramente, que a sua fama levaria comsigo aos mais remotos seculos o nome e a gloria da sua terra, quando já não restasse outra memoria do povo portuguez. Á obrigação imposta á academia pelo culto e veneração das luminosas intelligencias, que honraram as lettras nacionaes, sobrecresce n'este anno uma poderosa circumstancia. Em junho proximo ha de reunir-se em Lisboa a associação internacional litteraria, caindo a sua congregação exactamente n'aquelle tempo, em que Portugal virá a celebrar o centenario do Camões. No programma d'este congresso, onde estará representada a litteratura de todas as principaes nações, está determinado que na quinta sessão se pronuncie o elogio do poeta. A festividade do centenario não será apenas nacional, será commum, universal, cosmopolita, como a que ha de celebrar um genio, que desde seculos tem

já recebido fóros de cidade em todas as linguagens européas.

Tem determinado a academia contribuir da sua parte para que seja dignamente celebrada a tardia apotheose do immortal cantor dos feitos portuguezes. Tem resolvido que a sessão annual, solemne e publica seja n'este anno em grande parte consagrada a honrar a memoria do Camões, fazendo recitar por um dos academicos o elogio do epico eminente.

Quaesquer que sejam, porem, as honras posthumas feitas ao nome e ao vulto do Camões, ainda, Senhor, não fica paga a divida, que Portugal ha contraído com aquelle, que soube alliar ao mais ardente e cioso patriotismo o estro mais feliz e inspirado; áquelle, que como zeloso portuguez teve raros competidores, como poeta não teve um só rival.

As cinzas do Camões piedosamente buscadas e recolhidas, ha vinte e cinco annos, por uma diligente commissão de homens de lettras, jazem obscuramente depositadas na egreja do convento de Sant'Anna, sem tumulo, nem campa, nem epitaphio, nem um simples nome, que no seu laconismo nos esteja dizendo perennemente: «Aqui está o espolio mortal de um egregio portuguez,

de um vate illustre, a quem os seus deixaram esquecido n'um desvão, como se até aqui Portugal se comprazesse em desprezar os restos gloriosos dos seus mais benemeritos varões».

Todas as nações, que se prézam de cultas, ás reliquias dos seus filhos mais insignes em sciencias, em lettras, em feitos memoraveis, não sómente lhes dão honrada sepultura, mas sagram-lhes grandiosos monumentos nos logares, onde repousam as cinzas dos heroes.

A Inglaterra tem na cathedral de S. Paulo e na abbadia de Westminster a funebre galeria em que estão compendiadas as glorias multiformes da nação. Sómente os portuguezes mais illustres da epocha verdadeiramente heroica de Portugal, não tem na maior parte nem sequer modestissimo ossuario, onde os seus ossos repousem guarecidos de ultrage e profanação. É preciso que Portugal, no honrar os grandes homens, siga o exemplo e o dictado, não diremos já das nações policiadas e modernas, senão das proprias tribus rudes e incultissimas, que nas edades mais remotas erigiram, segundo lh'o consentia a sua arte grosseira e primitiva, monumentos funerarios aos seus proceres. Não queiramos que se diga de nós outros portuguezes, que por uma

grangearia interesseira, e material e egoista consideração, perfilhamos como proprias as glorias dos nossos grandes homens de outras eras, e desdenhamos, como herança inutil e mesquinha, o pó, que elles despiram, quando o espirito voou. Honremo-nos com os canticos heroicos do poeta, mas acatemos a cinza veneranda, em que o seu corpo se volveu. Aspiremos o suavissimo perfume do seu genio, depois que se derramou e diffundiu, mas não deixemos desprezados e esparzidos os pedaços do vaso precioso, que durante a existencia terrenal o recolheu e recatou.

A celebração do centenario é o ensejo opportuno para trasladar pomposamente as cinzas do Camões. A academia pensa, que entre todas as demonstrações de veneração ao nome do poeta, nenhuma ha tão valiosa e tão significativa, como o sagrar jazigo honroso á sua ossada.

Ha porem outro homem não menos glorioso, cujos despojos, trocada a gloria antiga pelo olvido e desamparo, jazem na Vidigueira. Talvez a estas horas andem profanados e revoltos na jazida. Aquelles ossos foram o fortissimo arcabouço, em que se firmou a maior gloria de Portugal. N'aquella cinza, hoje esquecida, se levanta como em solido cimento o antigo e florente imperio portuguez nas

regiões ultramarinas. Se o Camões desde as ethereas paragens, onde revôa, podesse ver que trasladavam os seus ossos, e deixavam deslembrados e obscuros os restos do seu heroe, então acabaria de descrer inteiramente da justiça e da patria, que cantou. Mudemos pois a jazigo illustre as reliquias d'aquelles dois grandissimos varões, que são, por assim dizer, os gémeos da gloria nacional, d'aquelles, que personificam nobremente os dois aspectos da civilisação de Portugal, a conquista e a poesia; de um que nos deu a nós e á velha Europa um mundo novo, do outro, que nos sagrou a nós e á litteratura universal, a primeira epopea das modernas gentes européas.

Um vinculo moral liga estreitamente na tradição e nos fastos nacionaes os nomes do Camões e Vasco da Gama. É a espada e a tuba de Portugal. Andaram sempre unidos. São os dois elementos da nossa gloria. Por elles nos conhece e nos venera o mundo inteiro. Por elles entrámos na communhão universal. D'elles vivemos ainda hoje no que tem de espiritual e despida de lucros materiaes a nossa vida de nação. N'elles estriba ainda em parte porventura o respeito pela nossa independencia. Unamos, pois as cinzas, como sempre temos trazido juntas as memorias. Encerre o

mesmo templo os ossos dos dois primeiros homens de Portugal.

E qual outro monumento se nos depara mais accommodado a este desempenho patriotico da nossa obrigação que a original e sumptuosa edificação erigida para commemorar o egregio feito do immortal descobridor, cantado pelo poeta portuguez? O templo de Santa Maria de Belem, situado no proprio logar do Restello, d'onde partiu Vasco da Gama, é como se fora os *Lusiadas* lavrados e esculpidos nas brincadas laçarias e phantasiosos arabescos da pedra pelo cinzel. São os *Lusiadas* por sua vez o augusto monumento levantado á gloria de Portugal pelo estro do cantor. O poeta, o heroe, o templo, evocam separadamente a mesma recordação da grande empreza. Façamos que todos juntos sejam o côro unisono das nossas glorias immortaes.

A academia real das sciencias pede pois, em nome da patria, do dever, da gratidão, e da honra de Portugal, que o centenario do Camões seja a occasião escolhida para que dos humillimos recessos, onde jazem ignorados e perdidos para a religião da patria e para o culto das glorias nacionaes, sejam trasladados com pompa e luzimento os ossos do Camões e Vasco da Gama para o templo

de Santa Maria de Belem, e ahi depois a cada um d'aquelles maximos honradores do nome portuguez testifique a patria a sua gratidão e o seu apreço, erigindo-lhe condignos monumentos[1].

---

[1] Havendo o illustre academico dr. Thomás de Carvalho proposto á academia real das sciencias, se pedisse ao governo a trasladação dos ossos do Camões e do Gama, e approvando a academia esta proposta como homenagem nacional á memoria d'esses varões, dirigiu ao governo a consulta que damos n'este appendice.

LISTA CHRONOLOGICA

DA

CAMONEANA

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA[1]

EDIÇÕES EM PORTUGUEZ

1572 — Os Lusiadas. Em casa de Antonio Gõçalves, in-4.º

1572 — Os Lusiadas. Em casa de Antonio Gõçalves, in-4.º

1584 — Os Lusiadas. Lisboa, por Manuel de Lyra, in-8.º

1587 — Autos dos Enfatriões (sic) e de Filodemo, impressos na primeira parte dos *Autos e Comedias portuguezas,* feitos por Antonio Prestes, etc. Lisboa, por André Lobato, in-4.º

1591 — Os Lusiadas. Lisboa, por Manuel de Lyra, in-8.º

1595 — Rythmas. Lisboa, por Manuel de Lyra, in-4.º

1597 — Os Lusiadas. Lisboa, por Manuel de Lyra, in-4.º

1598 — Rimas. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º

---

[1] Devemos ao favor do nosso prezado amigo e consocio o sr. Antonio da Silva Tulio, escriptor eruditissimo e bibliographo consummado, a lista, que publicâmos, das edições e traducções das obras do nosso poeta.

1607 — Rimas. Lisboa, por Paulo Crasbeeck, in-4.º
1607 — Rimas. Lisboa, por Paulo Crasbeeck, in-4.º
1609 — Os Lusiadas. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º
1612 — Os Lusiadas. Lisboa, por Vicente Alvares, in-4.º
1613 — Os Lusiadas, commentados pelo licenciado Manuel Corrêa. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º
1614 — Rimas. Primeira parte. Lisboa, por Vicente Alvares, in-4.º
1615 — Obra do grande Luiz de Camões, principe da poesia heroica.—*Da creação e composição do homem.* Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º (Attribuida a Luiz de Camões.)
1615 — Comedia dos Enfatriões. Lisboa, por Vicente Alvares, in-4.º
1615 — Comedia de Filodemo. Lisboa, por Vicente Alvares, in-4.º
1616 — Rimas. Segunda parte, com duas comedias do auctor. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º
1616 — Rimas. Segunda parte. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-4.º (Exp. diverso do antecedente.)
1621 — Rimas. Lisboa, por Antonio Alvares, in-4.º
1626 — Os Lusiadas. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-12.º
1629 — Rimas. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-12.º
1631 — Lusiadas. Lisboa, por Pedro Crasbeeck, in-12.º
1632 — Rimas. Primeira parte. Lisboa, por Lourenço Crasbeeck, in-12.º
1633 — Os Lusiadas. Lisboa, por Lourenço Crasbeeck, in-12.º
1639 — Os Lusiadas, commentados por Manuel de Faria y Sousa. Madrid, por Juan Sanchez, 4 tom. em 2 vol. in-fol.

1644 — Os Lusiadas. Lisboa, por Paulo Crasbeeck, in-16.º

1645 — Rimas. Por Paulo Crasbeeck, 2 tom. em 1 vol. in-16.º

1645 — Rimas. Primeira parte, acrescentada com uma comedia nunca até agora impressa. Lisboa, por Paulo Crasbeeck, in-16.º

1651 — Os Lusiadas e as Rimas, por Paulo Crasbeeck, in-16.º

1663 — Os Lusiadas. Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, in-12.º

1663 — Rimas. Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello in-12.º

1666 — Rimas. Primeira, segunda e terceira parte. N'esta nova impressão emendadas e acrescentadas pelo licenciado João Franco Barreto. Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, in-4.º

1668-1669 — Obras. Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, 2 vol. in-4.º

1670 — Os Lusiadas e Rimas (no mesmo tomo). Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, 2 tom. em 1 vol. in-16.º

1670 — Os Lusiadas. Lisboa, por Antonio Crasbeeck de Mello, in-16.º

1685-1689 — Rimas varias, commentadas por Manuel de Faria y Sousa. Lisboa, por Theotonio Damaso de Mello, 5 tom. em 2 vol. in-fol.

1702 — Os Lusiadas e as Rimas. Lisboa, por Manuel Lopes Ferreyra, 2 tom. em 1 vol. in-16.º

1720 — Obras, novamente dadas á luz, com os Lusiadas commentados pelo licenciado Manuel Corrêa, etc. e agora acrescentados com a vida do auctor, por

Manuel de Faria (sic) Severim. Lisboa, por José Lopes Ferreyra, in-fol.

1721 — Os Lusiadas e Rimas. Lisboa, officina Ferreyriana, in-12.º

1731-1732 — Lusiadas, illustrado com varias e breves notas por Ignacio Garcez Ferreyra. Napoles, na officina Parriniana, tom. i. Roma na officina de Antonio Rossi, tom. ii, 2 vol. in-4.º

1749 — Os Lusiadas. Lisboa, officina de Manuel Coelho Amado, in-12.º

1759 — Obras. Nova edição. Paris, á custa de Pedro Gendron, 3 vol. in-16.º

1772 — Obras. Lisboa, officina de Miguel Rodrigues, 3 vol. in-12.º

1779-1780 — Obras... por diligencia e industria de Luiz Francisco Xavier Coelho. Lisboa, officina Luisiana, 4 vol. in-8.º

1782-1783 — Obras. Lisboa, officina de Simão Thadeu Ferreira, 4 tom. em 5 vol. in-8.º

1800 — Lusiadas. Coimbra, na imprensa da Universidade, 2 vol. in-16.º

1805 — Lusiadas. Lisboa, na typ. Lacerdina, tom. 2 em 1 vol. in-12.º

1808 (?) — Obras — tom. i. Lusiada. — Acrescentam-se as estancias despresadas pelo poeta, as lições varias e breves notas. Edição de J. E. Hitzig (Berlin), in-8.º

1815 — Obras. Paris, officina de P. Didot, senior, 5 vol. in-8.º

1817 — Os Lusiadas, poema epico, nova edição correcta, dada á luz por D. José Maria de Sousa Botelho,

morgado de Matheus. Paris, officina typographica de Firmin Didot, in-fol. com gravuras.

1818 — Os Lusiadas. Avinhão, officina de Francisco Seguin, in-8.º

1819 — Os Lusiadas, poema epico, edição conforme á de D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus. Paris, na officina de Firmin Didot, in-8.º

1820 — Os Lusiadas. Paris, 2 tom. em 1 vol. in-16.º

1821 — Os Lusiadas. Rio de Janeiro, 2 tom. em 1 vol. in-16.º

1823 — Os Lusiadas, edição conforme á de D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus. Paris, in-24.º

1827 — Os Lusiadas. Lisboa, na impressão regia, in-8.º

1827 — Os Lusiadas. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1834 — Obras completas, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. Gomes Monteiro. Hamburgo, na officina de Lanchoff, 3 vol. in-8.º

1835 — O Adamástor, episodio extrahido do quinto canto. Lisboa, imprensa de J. N. Esteves & Filho, 1 folheto in-16.º

1835 — A Ilha de Venus, extrahido do nono canto. Lisboa, imprensa de J. N. Esteves & Filho, 1 folheto in-16.º

1836 — Lusiadas, a que se juntam a vida do poeta, um argumento historico, etc. Lisboa, typ. de Eugenio Augusto, in-16.º

1836 — Lusiadas, poema epico, edição conforme á de D. José Maria de Sousa Botelho, etc. Paris, typ. de Firmin Didot, in-8.º

1836 — Os LUSIADAS, poema epico. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1841 — Os LUSIADAS, poema correcto e emendado pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Rio de Janeiro, typ. de E. e H.-Laemmert, 2 tom. em 1 vol. in-8.º

1842 — Os LUSIADAS, poema epico. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1843 — Os LUSIADAS, nova edição... seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas, por Francisco Freire de Carvalho. Lisboa, typ. Rollandiana, in-8.º

1846 — Os LUSIADAS, poema epico. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1846 — Os LUSIADAS, poema epico, restituido á sua primitiva linguagem... com muitas notas philologicas, historicas e mythologicas, por José da Fonseca. Paris, typ. Fain, in-8.º

1847 — Os LUSIADAS, com uma prefação pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Paris, officina de F. Didot, in-12.º

1849 — Os LUSIADAS. Rio de Janeiro, typ. F. Guimarães, in-8.º

1850 — LUSIADAS, nova edição. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1852 — OBRAS. Lisboa, typ. de F. I. Pinheiro, 3 vol. in-16.º

1854 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1855 — Os LUSIADAS, por Agra & Irmão. Rio de Janeiro, in-16.º

1856 — Os LUSIADAS. Rio de Janeiro, typ. de Laemmert, 2 tom. em 1 vol. in-8.º

1857 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1857 — Os LUSIADAS. Paris, typ. de Vaudull, rue de Saint-Honoré, 490[1].

1859 — Os LUSIADAS. Paris, officina de Firmin Didot, in-8.º

1860 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1860 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. de L. C. da Cunha, in-16.º

1860 — OBRAS, precedidas de um ensaio biographico, pelo visconde de Juromenha. Lisboa, imprensa nacional, 1860-1869, 6 vol. in-8.º

1861 — Os LUSIADAS. Rio de Janeiro, por Domingos José Gomes Brandão, in-32.º

1863 — SELECTA CAMONIANA, ou excerptos dos Lusiadas com summarios e notas explicativas, por Antonio José Viale. Lisboa, typ. Universal, in-12.º

1863 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1865 — LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1865 — LUSIADAS, por Aillaud & C.ª Paris, in-8.º

1867 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. Rollandiana, in-16.º

1868 — Os LUSIADAS. Lisboa, typ. de L. C. Cunha, in-16.º

1869 — Os LUSIADAS. Porto, imprensa portugueza, in-8.º

1871 — Os LUSIADAS. Porto, typ. do *Jornal do Porto*, in-8.º

1873 — Os LUSIADAS. Leipzig, por F. A. Brockhaus, in-8.º

1873-1874 — OBRAS completas, edição critica com as mais notaveis variantes, por Theophilo Braga. Porto, imprensa portugueza, editora, 3 vol. in-8.º

1874 — Os LUSIADAS. Edição annotada e publicada pelo dr. Carlos Reinhardstoettner. Strasburg, in-8.º

---

[1] Esta edição não existe na bibliotheca de Lisboa.

1875 — Os Lusiadas. Lisboa, typ. de Sousa Neves, in-16.º

1876 — Poesias lyricas selectas, publicadas por V. de V. M. (viscondessa de Villa Maior). Coimbra, imprensa da Universidade, in-8.º

1876 — Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, cuidadosamente revista e conforme ás de 1572, precedida da biographia do poeta e seguida de um diccionario dos nomes proprios. Lisboa, imprensa nacional, in-8.º

1880 — Os Lusiadas, edição consagrada a commemorar o terceiro centenario do poeta da nacionalidade portugueza, pelo gabinete portuguez de leitura, no Rio de Janeiro. Lisboa, na officina de Castro & Irmão-Impressor.

1880 — Os Lusiadas, edição consagrada ao terceiro centenario do poeta. Porto, imprensa portugueza, in-4.º

1880 — Os Lusiadas, edição commemorativa do terceiro centenario do poeta, unicamente constando de cincoenta e dois exemplares numerados, com um prologo de J. M. Latino Coelho. Lisboa, David Corazzi, in-fol.

TRADUCÇÕES

LATINAS

1622 — Lusiadum, libri decem, a D. Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi. Ulissipone, ex officina Gerardi de Vinea, in-8.º

1745 — Lusiadas Camonis, è vernaculo carmine ad latinum

transtulit Thomas de Faria. Ulissipone, typis academiae, in-4.º

(No tomo v do *Corpus illustrium poetarum lusitanorum).*

1875 — O Episodio de D. Ignez de Castro, excerpto do canto iii dos Lusiadas, paraphraseado em versos latinos por Antonio José Viale. Lisboa, 8.º folheto.

1875 — Tres excerptos dos Lusiadas, trasladados em versos latinos por Antonio José Viale. Lisboa, in-8.º

1876 — Episodio do gigante Adamastor. Excerpto do canto v dos Lusiadas, trasladado em verso latino por Antonio José Viale. Lisboa, in-8.º

1878 — Excerpta ex epico poemate a Ludovico Camonio, composito quid Lusiadae inscribitur in latinam linguam, translata ab Antonio Joseph Viale, Olisipone, typ. nationali, in-8.º

CASTELHANAS

1580 — Los Lusiadas, traducidos en octava rima castellana por Benito Caldera. Alcalá de Henares, por Juan Gracian, in-4.º

1580 — La Lusiada, traducida en verso castellano de portugués, por el maestro Luys Gomes de Tapia. Salamanca, por Juan Periez, in-8.º

1591 — Los Lusiadas, trad. de portugués en castellano por Henrique Garcez. Madrid, in-4.º

1818 — Los Lusiadas, poema épico, que tradujo al castellano Don Lamberto Gil. Madrid, 3 vol. in-8.º

1872 — Los Lusiadas, poema épico por el conde de Cheste. Madrid, in-8.º

1873 — Os Lusiadas, poema traducido por D. Carlos Soler y Arques. Badajoz, in-4.°

1874 — Los Lusiadas, segun la última edicion correcta publicada por el dr. Caetano Lopes de Moura, traducion de D. Manuel Aranda y Sanjuan. Barcelona, in-4.°

FRANCEZAS

1735 — La Lusiade, poëme heroïque sur la découverte des Indes Orientales, traduit du portugais par M. Duperron de Castera. A Paris, chez Huart David et plusieurs autres, 3 vol. in-12.°

1768 — La Lusiade, poëme heroïque sur la découverte des Indes Orientales, traduit du portugais par M. Duperron de Castera. Paris, chez Briasson, 3 vol. in-12.°

1772 — La mort d'Inès de Castro, et Adamastor : morceaux tirés et traduits de la Luziade de Camoens, pour servir d'essai à une traduction française en vers et complete de ce fameux poeme portugais : ouvrage dédié et présenté au Roi le vi juin MDCCLXXII, jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté, par Sulpice Gaubier de Barrault, major de place de Lisbonne. A Lisbonne, de l'imprimerie royale, 8.°, folheto.

1776 — La Lusiade, poëme heroïque en dix chants, nouvellement traduit du portugais par D'Hermilly et Laharpe. Paris, chez Nyon ainé, 2 vol. in-8.°

1813-1814 — La Lusiade, canto I, II e III (traducção do duque de Palmella). Os fragmentos d'esta traducção acham-se no *Investigador Portuguez em Ingla-*

terra, de 1813-1814, jornal publicado em Londres, tom. VIII e IX.

1820 — La Lusiade, poëme heroïque en dix chants, avec des notes et la vie de l'auteur, par La Harpe. Paris, chez Verdière, in-8.º

1825 — Les Lusiades, ou les Portugais, poëme en dix chants, traduction nouvelle avec des notes, par J. B. Millié. Paris, imp. Firmin Didot, 2 vol. in-8.º

1841 — Les Lusiades, traduction nouvelle par M. M. Fournier et Desaules, avec une notice biographique et critique sur le poëte, par Ferdinand Denis. Paris, imp. de Betherne et Plon, in-8.º

1841 — Les Lusiades, traduction de J. B. J. Millié, corrigée et annotée par M. Dubeux. Paris, in-12.º

1842 — Les Lusiades, poëme traduit en vers, par F. Ragon. Paris, in-8.º

1842 — Les Lusiades, traduit en vers par F. Ragon, 2e édition. Paris, in-8.º

1856-1859 — Les Lusiades, canto I, II e III (traducção do duque de Palmella. Os fragmentos d'esta traducção acham-se insertos no jornal de Coimbra *O Instituto,* de 1856-1859, tom. IV, V, VI e VII.

1859 — Les Lusiades, traduction par M. Émile Albert. Paris, in-8.º

1862 — Les Lusiades, ou les Portugais, poëme en dix chants, traduction de M. J. B. J. Millié. Paris, in-8.º

1865 — Episodios de Ignez de Castro e Adamastor, extrahidos dos cantos III e V dos *Lusiadas* de Luiz de Camões, com a traducção em versos francezes, por J. A. d'Escodeca de Boisse. Lisboa, imprensa nacional, in-4.º

1870 — Les Lusiades, traduction nouvelle, par Fernando d'Azevedo. Paris, in-8.º

1876 — Les Lusiades, traduction en vers français par A. De Cool. Rio de Janeiro, in-8.º

1877 — Les Lusiades, traduction nouvelle annotée et accompagnée du texte portugais et précédée d'une esquisse biographique sur Camões, par Fernando d'Azevedo, 2e édition revue et corrigé. Paris, in-8.º

1878 — Camoens et les Lusiades, étude biographique, historique et littéraire, suivie du poëme annoté par Clovis Lamarre. Paris, in-8.º

1879 — Sonnets choisis, traduits pour la première fois du portugais en français par Léonce Cazaubon. Paris, E. Plon & Ce, imprimeurs-éditeurs, folheto in-8.º

1880 — Adamastor, description du Cap de Bonne Espérance. Traduction de Sulpice Gaubier de Barrault. No *Instituto* de Coimbra, vol. XXVII, n.º 10.

ITALIANAS

1658 — Lusiada italiana de Carlo Antonio Paggi, poema eroico. Lisbonna, per Henrico Valente de Oliveira, in-12.º

1659 — Lusiada italiana de Carlo Antonio Paggi, poema eroico. Secunda impressione. Lisbonna, per Henrico Valente de Oliveira, in-12.º

1772 — La Lusiade, o sia la scoperta delle India Orientali fatta dé portoghesi, tradotta in italiano da N. N. Piemontese (Michele Antonio Gazano). Torino, presso li Fratelli Reycends, in-8.º

1814 — LUSIADA, transformata in versi italiani da Antonio Nervi. Genova, in-12.º

1821 — LUSIADI, poema, traduzione di Antonio Nervi, 2.ª edizione. Milano, della societá typ. dei classici italiani, in-12.º

1826 — I LUSIADI, recati in ottava rima, da A. Briccolani. Parigi, typ. di Firmin Didot, in-32.º

1847 — I LUSIADI, traduzione di Antonio Nervi, illustrata con note di D. B. Torino, in-8.º

1862 — I LUSIADI, poema, tradotto da Felice Belloti. Milano.

INGLEZAS

1655 — THE LUSIAD, or Portugal's Historical Poem, by Richard Fanshaw. London, printed for Humphrey Moseley, in-fol.

1776 — THE LUSIAD, translated by William Julius Mickle. Oxford, by Jackson and Lister, in-4.º

1778 — THE LUSIAD, or the discovery of India, an epic poem translated by William Julius Mickle, Oxford, by Jackson, in-4.º

1791 — THE LUSIAD, translated by W. J. Mickle. Dublin, 2 vol. in-8.º

1798 — THE LUSIAD, translated by William Julius Mickle. London, printed for T. Cadeil Junn and W. Davies, 2 vol. in-8.º

1807 — THE LUSIAD, or the discovery of India, an epic poem. London, printed per Joseph Harding, 3 vol. in-12.º

1809 — THE LUSIAD, or the discovery of India, by William Julius Mickle. London, printed for Lackington Allen, 3 vol. in-12.º

1809 — The Lusiad, translated by William Julius Mickle. London, in-12.º

1810 — Poems, translated from the portuguese with remarks, etc., by lord Viscount Strangford. London, in-8.º

1820 — Memoirs of the Life and Writings of Camões, by John Adamson. London, printed for Longman Hurot, 2 vol. in-8.º

1826 — The Lusiad, an epic poem, translated from the portuguese by Thomas Moore Musgrave. London, printed by Roworth, in-8.º

1844 — A Translation of the episode of Inez de Castro, from the Lusiad of Luiz de Camões with prefatory remarks. Porto, in-8.º

1853 — The Lusiad, translated by Edward Quillinan. London, Bradbury and Evans printers, in-8.º

1877 — The Lusiad, or the discovery of India, translated by William Julius Mickle. London, in-8.º

1878 — The Lusiads, translated into english verse by J. J. Aubertin. London, 2 vol. in-8.º (Em portuguez e inglez).

1880 — Lusiad, translated into english spenserian verse, by Robert Ffrench Duff. Lisbon, national printing office, in-8.º

ALLEMÃS

1780 — Lusiade (canto 1). Traducção de Siegm barão de Seckendorff. Weimar, in-8.º

1806-1807 — Die Lusiade. Heldengedicht von Camões aus

dem Portugiesischen ubersetzt von Dr. C. C. Heise. Hamburg, 2 tom. em 1 vol. in-8.º

1807—Die Lusiad des Camoens, aus dem Portugiesischen in deutsch Octavereime ubersetzt. Leipzig, in-8.º

1833—Die Lusiaden, verdeutseht von J. J. C. Donner. Stuttgart, in-8.º

1852—Sonette aus dem Portugiesichen, von Louis von Arentschildt. Leipzig, in-8.º

1854—Die Lusiaden, epische Dichtung, nach José da Fonseca S. Portuggiescher Ausgabe im Versmaasse des Originals ubertrogen von F. Boosk-Arkossi. Leipzig, in-16.º

1854—Die Lusiaden des Luis de Camoens. Verdeutscht von J. J. C. Donner.—Zweite Ausgabe.—Stuttgart & Sigmaringen, in-8.º

1880—Luis' de Camoens. Sämmtliche Gedichte Zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck. Erster Band: Buch der Lieder und Briefe. Paderborn, in-8.º

BOHEMIA

1836—Episodio de ignez de castro, extrahido do canto III do poema epico Os Lusiadas. Traducção bohemia de Bog. Pichla. (Praga.)

Vide 1873—Ignez de castro, episodio... edição em quatorze linguas.

DINAMARQUEZA

1828-1830—Lusiade, oversat af act portugesiske ved H. V. Lundbye. Kjobenhavn, 2 tom. vol. 1.

HOLLANDEZAS

1777 — De Lusiade, heldendicht in X. Zangen naer het fransk door Lambertus Stoppendal. Te Middeburg, in-8.º

1808 — Episodio de ignez de castro, extrahido do canto III do poema epico Os Lusiadas. Traducção hollandeza de Guilherme Bilderdyk. (Amsterdam.)

Vide 1873 — Ignez de castro, episodio... edição em quatorze linguas.

HUNGARAS

1865 — A Lusiáda, traduzida por Greguss Gyula. Pest, in-8.º

1874 — Luziádája. Traduzida por Greguss Gyula. Budapest, in-8.º

POLACAS

1790 — Episodio de ignez de castro, extrahido do canto III do poema epico Os lusiadas. Traducção polaca de Jacek Przybylski. (Cracovia.)

Vide 1873 — Ignez de castro, episodio... edição em quatorze linguas, etc.

1880 — Lusiady. Traducção polaca de Dyonisi Piotrowski. Boulogne-sur-mer, in-4.º (Lithographada.)

1880 — Itumaczenie Wierszem na język Polski nicktorych Sones i picsni Ludwika Camoënsa przez Dyonizego Piotrowskiego. No ante-rosto lê-se: à la mémoire de Lou-s de Camoens. Auteur de Lu-

siades, le 1r juin 1880. Congrès scientifique litéraire, sous la présidence de Victor Hugo, à Lisbonne. Mss. in-4.º

RUSSA

1788 — Episodio de ignez de castro, extrahido do canto 3.º do poema epico os Lusiadas. Traducção russa de Alexandre Dimitrif. (Moscow.)

Vide 1873. — Ignez de castro, episodio... edição em quatorze linguas.

SUECAS

1838 — Lusiaderne. Öfversattning från originalet på dess verslag af Carl Julius Lanstrôm. Forsta Sången. Upsala, Leffler & Lebell. 8.º folheto.

1839 — Lusiaderne. Öfversatt från Portugisiskan, i originalets versform af Nils Lovén. Stokholm, Tryckt hos L. J. Hjerta, in-12.º

1852 — Lusiadern, Öfversatt från Portugisiskan i originalets versform af Nils Lovén. Lund, in-12.º

POLYGLOTTAS

1862 — Episodio de ignez de castro, extrahido do canto iii do poema epico Os Lusiadas. Lisboa, fol. Em seis linguas. Imprensa nacional, in-4.º

1873 — Ignez de castro, episodio extrahido do Canto terceiro dos Lusiadas; edição em quatorze linguas. Lisboa, Imprensa nacional, in-4.º

INDICE

OBRAS PUBLICADAS

E

Á VENDA NA CASA EDITORA

DE

DAVID CORAZZI

TRADUCÇÕES

A. BELLOT

A Mulher de fogo, 1 vol........................ $500

AUGUSTO MAQUET

Tragedias da côrte, 5 vol. com 21 grav. .... 2$800

E. ZOLA

O Regabofe, 2 vol.............................. 1$000

EMILE GABORIAU

A Vida infernal, 3 vol. com 7 grav................ 1$500

FERNANDEZ Y GONZALEZ

O Rei Maldito, 5 vol. com 44 grav................ 3$400
Os Sete Morcegos, 1 vol. cartonado, com 4 grav... $600
A Princeza dos Ursinos, 4 vol. com 24 grav....... 2$700
Os Filhos do Monfi, 4 vol. com 25 grav........... 2$500

GUSTAVE AIMARD

As Guerrilhas de Juarez, 1 vol. (formato grande).. $400

HENRIQUE LONGFELLOW

Evangelina, poéma, traducção de M. S. de Arriaga $600

JULIO VERNE

Da terra á lua, 1 vol. com 43 grav. (3.ª edição)..... $900
Á roda da lua, 1 vol. com 44 grav. (2.ª edição)..... $900
A volta do mundo em oitenta dias, 1 vol. com 58 grav. (2.ª edição).. 1$000
Aventuras do capitão Hatteras:
1.ª Parte, *Os inglezes no polo norte,* 1 vol. com 135 grav. (2.ª edição)........................ 1$100
2.ª Parte, *O deserto de gelo,* 1 vol. com 135 grav. 1$100
Cinco semanas em balão, 1 vol. com 76 grav..... 1$100
Aventuras de 3 russos e 3 inglezes, 1 vol. com 54 grav.. $900
Viagem ao centro da terra, 1 vol. com 55 grav..... 1$000
Os filhos do capitão Grant:
1.ª Parte, *America do sul,* 1 vol. com 72 grav.... 1$100
2.ª Parte, *Australia meridional,* 1 vol. com 54 grav. 1$100
3.ª Parte, *Oceano Pacifico,* 1 vol. com 48 grav... 1$100
Vinte mil leguas submarinas:
1.ª Parte, *O homem das aguas,* 1 vol. com 54 grav. 1$000
2.ª Parte, *O fundo do mar,* 1 vol. com 60 grav... 1$000
A ilha mysteriosa:
1.ª Parte, *Os naufragos do ar,* 1 vol. com 52 grav. 1$100
2.ª Parte, *O abandonado,* 1 vol. com 52 grav.... 1$100
3.ª Parte, *O segredo da ilha,* 1 vol. com 50 grav. 1$100
Miguel Strogoff:
1.ª Parte, *O correio do czar,* 1 vol. com 46 grav.. 1$000
2.ª Parte, *A invasão,* 1 vol. com 46 grav......... 1$000
O paiz das pelles:
1.ª Parte, *O eclipse de 1860,* 1 vol. com 52 grav. 1$000
2.ª Parte, *A ilha errante,* 1 vol. com 53 grav.... 1$000

A cidade fluctuante, 1 vol. com 42 grav........... 1$000
As Indias negras, 1 vol. com 42 grav.............. 1$000
Heitor Servadac:
1.ª Parte, *O cataclismo cosmico,* 1 vol. com 50 grav. 1$100
2.ª Parte, *Os habitantes do cometa,* 1 vol. com 50 grav.................................. 1$100
O doutor Ox, 1 vol. com 59 grav................. 1$100
Um heroe de quinze annos:
1.ª Parte, *A viagem fatal,* 1 vol. com 46 grav.... $900
2.ª Parte, *Na Africa,* 1 vol. com 45 grav........ 1$000
A galera Chancellor, 1 vol. com 50 grav........... 1$100
As grandes viagens e os grandes viajantes:
1.ª Parte, *A descoberta da terra,* 1.º vol. com 56 grav.................................. 1$100
1.ª Parte, *A descoberta da terra,* 2.º vol. com 59 grav.................................. 1$100
2.ª Parte, *Os navegadores do seculo* XVIII, 3.º vol. com 57 grav.............................. 1$100
Os quinhentos milhões da Begun, 1 vol. com 45 grav. 1$000
Attribulações de um chinez na China, 1 vol. com 54 grav.................................. 1$000

CAPITÃO MAYNE-REID

O deserto d'agua, 2 vol. com 24 grav.............. 1$000
Os naufragos da ilha de Bornéo, 2 vol. com 23 grav.................................. 1$000
Os plantadores da Jamaica, 2 vol. com 23 grav..... 1$000
Os jovens escravos, 2 vol. com 25 grav............ 1$000
A irmã perdida, 2 vol. com 23 grav............... 1$000
Guilherme o grumete, 2 vol. com 23 grav. .... 1$000

ORTEGA Y FRIAS

O Diabo na côrte, 3 vol. com 27 grav .... 2$100

PONSON DU TERRAIL

Os cavalleiros da noite, 3 vol. (2.ª edição)......... 1$500
Os herdeiros falsos, 1 vol. (edição esgotada).

Amores de Luiz XV, 2 vol........................ $800
Os mascaras vermelhas, 3 vol. com grav. (edição esgotada).

TARRAGO Y MATEOS

Odio de Bourbons, 3 vol. com 34 grav............ 2$200
Os ciumes de uma rainha, 4 vol. com 26 grav.... 2$400
O dedo de Deus, 3 vol. com 14 grav..... .... 1$800

XAVIER DE MONTÉPIN

As tragedias de París, 5 vol. com 26 grav........ 3$200

CONTOS INFANTIS

PREMIOS PARA CREANÇAS

A 60 RÉIS

COM SEIS BONITAS ESTAMPAS A CORES

O gato magico
João o endiabrado—Os animaes domesticos
Novo alphabeto infantil

A 100 RÉIS

O rei dos traquinas—Os meninos ladrões—O homem voador
Aventuras de Pedro e do seu papagaio

A 200 RÉIS

O chá de D. Bichana (3.ª edição)—*A princeza encantada* (2.ª edição)—*Aventuras de um anão* (2.ª edição)—*Ali-Baba ou os quarenta ladrões* (2.ª edição)—*A casa de João Ratão*—*A velhinha que morava n'um sapato*—*A mamã*—*O cysne dos ovos de ouro*—*Aventuras de cinco porquinhos*—*Os meninos na floresta,*

A 300 RÉIS

COM OITO LINDAS ESTAMPAS

O moleiro furibundo, formato grande

ORIGINAES PORTUGUEZES

A. BAUER

Socialismo, socialistas e regicidas, 1 folheto..... $200

BRANCO RODRIGUES

A hygiene das creanças, 1 folheto $200

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

Os homens da cruz vermelha, 1.º e 2.º vol. com 11 grav .... 1$400

CUNHA E SÁ

O ultimo cavalleiro, 1 vol. $600
Da parte d'el-rei, 1 vol. $400
Da parte da rainha, 1 vol. $400

F. GOMES DE AMORIM

O amor da patria, 1 vol. $600

FRANCISCO DE ALMEIDA

Quadros do novo mundo, 1 vol. $500

GOMES LEAL

A morte de Alexandre Herculano, poesia........ $100

GUERRA JUNQUEIRO

A musa em ferias, 1 vol. de poesias............ $600
O melro, 1 folheto (edição de luxo) $200

JOÃO PEDROSO

A gravura de madeira em Portugal, album com 26 gravuras.................................. 2$500

JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

O lyrismo brazileiro, 1 vol. $500

LEITE BASTOS

As tragedias de Lisboa, 4 vol. .... 2$900

M. A. VAZ DE CARVALHO

Arabescos, notas e perfis, 1 vol. $500

OLIVEIRA JUNIOR

Almanach do horticultor para 1879, 1 vol. $300

RAMALHO ORTIGÃO

Banhos de caldas e aguas mineraes em Portugal, 1 vol .... 1$000
As praias de Portugal, 1 vol. .... 1$000

TEIXEIRA DE QUEIROZ (BENTO MORENO)

Os noivos, 1 grosso vol. .... 1$000
Comedia do campo, 2 vol. .... 1$000

TITO AUGUSTO DE CARVALHO

Diccionario de geographia universal, 1.º tomo publicado .... 7$500

VISCONDE DE VILLA MAIOR

O Douro illustrado, album do rio Douro e paiz vinhateiro, 1 vol. .... 6$000

PUBLICAÇÕES DO CENTENARIO

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

A Camões, poesia.............................. $200

ALMEIDA D'EÇA

Luiz de Camões, marinheiro, 1 folheto......... $200

J. M. LATINO COELHO

Galeria de varões illustres de Portugal, 1.º vol.— *Luiz de Camões*........................... 1$000

LUIZ DE CAMÕES

Os Lusiadas, edição de 52 exemplares numerados, com um juizo critico por José Maria Latino Coelho, cada exemplar........................ 53$000